



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Gabriela de Oliveira Cabral

**A Dimensão Educativa do Assistente de Alunos:
O Papel desse Profissional na Formação
do Corpo Discente da Escola**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Gabriela de Oliveira Cabral

**A Dimensão Educativa do Assistente de Alunos:
O Papel desse Profissional na Formação
do Corpo Discente da Escola**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Educação
Área de especialização em Sociologia da Educação
e Políticas Educativas

Trabalho efetuado sob a orientação da
**Professora Doutora Maria Emília Pinto Vilarinho
Rodrigues Barros Zão**

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, autor e condutor da minha vida, que me permitiu essa oportunidade de entrar no mundo da educação, área por qual tenho tanto apreço e curiosidade desde a mais pequena idade.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Emília Pinto Vilarinho Rodrigues Barros Zão, pela sábia condução deste trabalho e pelos valiosos materiais bibliográficos que me forneceu.

Estendo o agradecimento também a todos os professores que lecionaram aulas durante o primeiro ano do curso, todos contribuíram de alguma forma para aumentar o nosso conhecimento sobre a sociologia da educação, as políticas educativas e a pesquisa nessas áreas.

Aos meus pais, que sempre investiram de forma material e imaterial na minha formação, não somente intelectual, mas também moral. Os valores passados por eles jamais serão esquecidos.

À minha irmã Érika e à minha tia Telma, por terem aberto a porta de suas casas quando precisei ficar mais próximo às bibliotecas.

Ao Matheus, namorado que apesar da distância sempre me socorreu nas minhas dúvidas de informática e línguas estrangeiras.

Aos colegas do curso de mestrado, que tive o privilégio de conhecer ou me aproximar mais, e que me deram muita força para a conclusão desta dissertação.

Aos colegas de trabalho do IFRN, que compreenderam e supriram minhas ausências quando precisei me dedicar ao curso.

Por fim, quero agradecer aos participantes da pesquisa, alunos e servidores do IFRN Campus Natal Cidade Alta que gentilmente aceitaram externar seus pensamentos de forma que muito contribuiu para o estudo proposto.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A Dimensão Educativa do Assistente de Alunos: O Papel desse Profissional na Formação do Corpo Discente da Escola.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado apresenta um estudo de caso, que interroga a atuação do assistente de alunos em uma instituição educativa, a partir das vozes destes profissionais, de docentes e de estudantes. Partiu-se do pressuposto de que o detentor dessa função é capaz de dar contributos aos processos educativos que ocorrem no ambiente escolar, e a partir disso foram formuladas as seguintes questões: O assistente de alunos age como um agente influenciador e motivador dentro do ambiente escolar em relação aos aspectos educativos do corpo estudantil? O assistente de alunos contribui para diminuição da evasão escolar, influenciando positivamente para a permanência do estudante na instituição educativa? O papel desempenhado pelo assistente de alunos traz melhorias aos aspectos comportamentais e disciplinares do corpo estudantil? Partindo dessas interrogações, buscou-se compreender a influência dos assistentes de alunos perante um corpo estudantil com redes de apoio social cada vez mais fragilizadas, identificar e problematizar o contributo dos assistentes de alunos para a permanência do estudante na escola, e analisar a percepção que a comunidade acadêmica tem sobre o assistente de alunos. Este trabalho assenta-se em um paradigma qualitativo e quantitativo, sendo primordialmente qualitativo. As técnicas de recolha de dados foram a pesquisa bibliográfica e documental, a entrevista dirigida a assistentes de alunos e docentes, e o inquérito por questionário dirigido a alunos. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo e à análise estatística, gerando conclusões às quais indicaram que o assistente de alunos desenvolve uma função mediadora e socializadora no ambiente escolar, contribuindo para melhorias na conduta do estudante em sua vida académica e pessoal, bem como com o fortalecimento do vínculo escolar, e a motivação do corpo discente nessa difícil transição entre a educação primária e secundária. O estudo também demonstrou a participação do assistente de alunos para evitar a evasão escolar e influenciar de forma positiva para a permanência do estudante na instituição educativa.

Palavras-chave: Assistente de alunos; Escola; Evasão escolar; Juventude; Mediação educacional.

The Educational Dimension of Student Assistents: The objective of this Professional in Student Growth

ABSTRACT

This present master's dissertation shows a case study that asks about the actuation of Student Assistents in educational institutes, from their points of view, and also students and teachers' one. Everything got started from the fact that the holder of this function is capable do contribute to usual educational processes in scholar place, and from this point, some questions were formulated: Does Student Assistent acts as an influencer and motivator inside scholar place in terms of educational aspects? Does Student Assistent help in decreasing of scholar dropout, influencing positively for student's stayng in educacional institution? Does the function of student supoorter bring any kind of improviment to behaviour or disciplinary aspects for students as a whole? Starting from these issues, it was made a study in order to understand the supporter's influency in students as whole with fragile social networks, identify and put a spotlight on their contribution to students staying at school, and analyze the academic communities's perception about this kind of professional. This working paper is based on qualitative and quantitative paradigm, being, in essence, the first one. The data colection technique were bibliographic and documental research the interviews directed to some Student Assistents and Teachers who work in the institution used for the Case Study, and the inquiry by questionnaire directed to highshool students from the same educacional institution. The data was submitted to content and statistics analisis, generating conclusions which indicate that Student Assistents deal with a mediation and socializer function inside scholar place. Contributing for improvements on student's behavior in the academic and personal life, and fortification of school engagement and motivation as well, in this tough transition between prymary and highschool. The study also demonstrates the Student Assistent's contribution to avoid scholar dropout and the staying of the student in educational institution.

Keywords: Educational Mediation; School; Scholar Dropout; Student Assistents; Youth.

ÍNDICE GERAL

	Pág.
DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	ii
AGRADECIMENTOS	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	iv
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
ÍNDICE GERAL.....	vii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	x
ÍNDICE DE GRÁFICOS	xi
ÍNDICE DE QUADROS.....	xii
ÍNDICE DE TABELAS	xiii
SIGLÁRIO	xiv
INTRODUÇÃO.....	15
Capítulo I - Assistente de alunos: um personagem da escola com identidade em formação.....	19
1.1 Histórico do trabalho não docente	19
1.2 De Inspetor à assistente de alunos	23
1.3 Competências do assistente de alunos	26
1.4 O presente e o futuro do assistente de alunos	30
Capítulo II - Uma análise sociológica sobre a escola, as juventudes e suas relações.....	36
2.1 A escola: “das certezas” às “incertezas”	37
2.2 Juventudes: conceitos e reflexões.....	43
2.3 Juventude e escola: um encontro de culturas	50

2.4. Juventude e escola: a necessidade do fortalecimento do vínculo escolar	54
Capítulo III - Conhecendo os participantes e o caminhar metodológico da pesquisa	60
3.1 Caracterização do campo de estudo.....	60
3.1.1 A instituição.....	60
3.2 Caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa	63
3.2.1 Caracterização dos assistentes de alunos.....	63
3.2.2 Caracterização dos docentes.....	66
3.2.3 Caracterização dos discentes	67
3.3 Paradigma da pesquisa.....	70
3.4 Objetivos da pesquisa	71
3.5 Método da pesquisa.....	72
3.6 Técnicas de recolha de dados	73
3.7 Tratamento dos dados	77
Capítulo IV - O assistente de alunos: múltiplas visões e reflexões	84
4.1 O assistente de alunos e a sua percepção de si.....	84
4.2. Reflexão dos docentes sobre o assistente de alunos	90
4.3 A dimensão educativa do assistente de alunos: o papel desse profissional sob o olhar dos estudantes.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
Referências bibliográficas	131
Apêndice I – Formulário do inquérito por questionário aplicado aos alunos que cursam o ensino médio integrado no IFRN Campus Natal Cidade Alta.....	143
Apêndice II – Guião da entrevista com os assistentes de alunos do IFRN Campus Natal Cidade Alta	151

Apêndice III – Guião da entrevista com docentes que atuam no ensino médio integrado do IFRN Campus Natal Cidade Alta	154
Apêndice IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	157
Apêndice V – Autorização do Participante.....	160
Apêndice VI – Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos assistentes de alunos (dimensão profissional).....	162
Apêndice VII – Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos assistentes de alunos (dimensão de atuação do assistente de alunos)	164
Apêndice VIII - Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos assistentes de alunos (dimensão de reflexão sobre a prática e nomenclatura do assistente de alunos)	168
Apêndice IX - Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos docentes (dimensão de atuação do assistente de alunos)	170
Apêndice X - Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos docentes (dimensão de relacionamento docente com o assistente de alunos e a família dos estudantes)	175
Apêndice XI - Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos docentes (dimensão de reflexão sobre o papel e o termo assistente de alunos).....	179
Apêndice XII - Análise de conteúdo às justificativas dadas pelos discentes sobre a contribuição do assistente de alunos para a permanência do estudante.....	182
Anexo I – Carta de anuência do IFRN.....	187
Anexo II - Declaração de autorização	189

ÍNDICE DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1 - Caracterização da escola "das certezas"	37
Figura 2 - Caracterização da escola "das incertezas"	40
Figura 3 - Organograma do IFRN Campus Natal Cidade Alta.....	64
Figura 4 - Três fases da análise de conteúdo.....	82
Figura 5 – Histograma de avaliação do grau de necessidade.....	104
Figura 6 - Histograma de avaliação da quantidade	104
Figura 7 – Histograma de avaliação da forma de abordagem	104
Figura 8 - Histograma de frequência com que o estudante recorre ao assistente de alunos.....	106
Figura 9 - Histograma de frequência com que a família dos estudantes recorre ao assistente de alunos	106
Figura 10 - Histograma de avaliação da cordialidade	112
Figura 11 - Histograma de avaliação da prontidão e dedicação.....	112
Figura 12 - Histograma de avaliação da capacitação	112
Figura 13 - Histograma de concordância com a afirmação de que o assistente de alunos contribui de forma positiva para a permanência do estudante na escola.....	113
Figura 14 - Planta baixa do IFRN Cidade Alta - Unidade Rocas (Térreo).....	116
Figura 15 – Comparação entre os graus de concordância dos estudantes com afirmações referentes a contribuição do assistente de alunos para o desempenho da função social do IFRN	121
Figura 16 - Nuvem de palavras que representam os assistentes de alunos na visão do estudante	123
Figura 17 - Representação do assistente de alunos pelos discentes do IFRN Campus Natal Cidade Alta	124

ÍNDICE DE GRÁFICOS

	Pág.
Gráfico 1 – Cursos frequentados pelos estudantes	68
Gráfico 2 - Turno de estudo dos estudantes	68
Gráfico 3 - Sexo declarado pelos estudantes.....	68
Gráfico 4 - Ano que os estudantes estão cursando	69
Gráfico 5 - Idade dos estudantes.....	69
Gráfico 6 - Grau de necessidade do assistente de alunos na escola	102
Gráfico 7 - Avaliação da quantidade de assistente de alunos na escola	102
Gráfico 8 - Avaliação das abordagens realizadas pelos assistentes de alunos	103
Gráfico 9 - Frequência com que os estudantes recorrem ao assistente de alunos.....	105
Gráfico 10 - Frequência com que a família recorre ao assistente de alunos.....	105
Gráfico 11 - Avaliação da cordialidade.....	111
Gráfico 12 - Avaliação da prontidão e dedicação.....	111
Gráfico 13 - Avaliação da capacitação	111
Gráfico 14 – Verificação de concordância se o assistente de alunos contribui de forma positiva para a permanência do estudante na escola	113

ÍNDICE DE QUADROS

	Pág.
Quadro 1 - Comparação entre agentes técnicos educativos	30
Quadro 2 - Análise comparativa de editais dos concursos públicos para assistente de alunos nos IFCE, IFMA, IFPR e IFSP	31
Quadro 3 - Princípios gerais da política de formação profissional do Técnico em Educação	33
Quadro 4- Servidores que atuam no IFRN Campus Natal Cidade Alta	63
Quadro 5 - Competências dos setores do IFRN Campus Natal Cidade Alta onde os assistentes de alunos atuam	65
Quadro 6 - Caracterização dos docentes entrevistados	67
Quadro 7 - Caracterização dos estudantes participantes da pesquisa.....	69
Quadro 8 - Categorização das informações obtidas através das entrevistas realizadas com os assistentes de alunos	79
Quadro 9 – Categorização das informações obtidas através das entrevistas realizadas com os docentes	80
Quadro 10 - Categorização sobre a contribuição dos assistentes de alunos para a permanência do estudante na escola (opiniões dos estudantes).....	81
Quadro 11 - Classificação do coeficiente de variação.....	83
Quadro 12 - Motivos pelos quais os estudantes recorrem aos assistentes de alunos	108
Quadro 13 - Estudantes que nunca recorreram ao assistente de alunos	110
Quadro 14 - Frequências de concordância com afirmações referentes a contribuição do assistente de alunos para o desempenho da função social do IFRN.....	118
Quadro 15 - Palavras que representam o assistente de alunos para os discentes.....	124

ÍNDICE DE TABELAS

	Pág.
Tabela 1- Medidas estatísticas de avaliações dos estudantes acerca da necessidade, quantidade e abordagens dos assistentes de alunos na escola.....	104
Tabela 2 - Medidas estatísticas de frequência com que os estudantes e suas famílias recorrem ao assistente de alunos.....	106
Tabela 3 - Medidas estatísticas de avaliação dos aspectos de cordialidade, prontidão, dedicação e capacitação do assistente de alunos	113
Tabela 4 - Medidas estatísticas de concordância com a afirmação de que o assistente de alunos contribui de forma positiva para a permanência do estudante na escola	114
Tabela 5 - Medidas estatísticas de concordância com afirmações referentes a contribuição do assistente de alunos para o desempenho da função social do IFRN	121

SIGLÁRIO

CEB - Câmara de Educação Básica

CNE - Conselho Nacional de Educação

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

IFMA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

IFPR - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

IFRN - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

IFRO - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

IFSP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

ONU - Organização das Nações Unidas

PCCTAE - Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação

PNE - Plano Nacional de Educação

SINASEFE - Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica

SUAP - Sistema Unificado de Administração Pública

TAE - Técnico-Administrativo em Educação

INTRODUÇÃO

A variação e ramificação do trabalho escolar vem avançando cada vez mais como forma de desagregar alguns serviços que antes se limitavam e sobrecarregavam somente ao professor. São variados sujeitos, que vão de psicólogos, assistentes sociais, passando por pedagogos e diversos agentes técnicos educativos, que atuam de forma ativa na escola para contribuir com os processos formativos e educacionais que a escola desempenha, visando garantir a permanência e êxito de seus alunos.

"Entre as conseqüências diretas da massificação escolar, é preciso considerar o conjunto dos mecanismos de diferenciação interna que estrutura o sistema. A oferta escolar não é homogênea e nem produz sempre o mesmo desempenho; não tem sempre a mesma eficácia" (Dubet, 2013, p. 35). Quando a escola passou a atingir todas as camadas da sociedade, públicos diversos tiveram que ser atendidos por ela, e mecanismos para "atenuar" essas diversidades precisaram ser postos em prática, se fez necessário incentivar os alunos a criarem vínculos com a escola, quando alguns na verdade se sentiam deslocados naquele ambiente.

É interessante perceber que isso é fruto de mudanças pelos quais a sociedade vem passando nas últimas décadas, e esse florescimento e expansão do trabalho técnico nas escolas "deve compreender-se em relação com as evoluções e pressões sociais novas se exercendo sobre a escola e, mais especificamente, sobre o ensino regular" (Levasseur & Tardif, 2011, p. 21).

No Brasil, país com dimensões continentais, as Instituições Federais de Educação possuem capilaridade por todo o território e demonstram que existem inúmeras profissões que podem contribuir para a formação dos estudantes, e por isso essas instituições contam com um variado conjunto de profissionais não docentes, denominados de técnicos-administrativos em educação (TAE)¹. Entendendo que o espaço escolar não se resume somente à sala de aula, se faz fundamental entender os papéis e contribuições que o pessoal não docente assume nos processos educativos escolares.

Monlevade (2009) suporta esse pensamento afirmando que pouco se pesquisa sobre o pessoal que compõe o "corpo de educadores", disserta ainda que "a visão reducionista dos estudiosos da educação escolar, que só conseguem perceber em cena, nas escolas, professores e alunos, torna os demais 'invisíveis'" (Monlevade, 2009, p. 341).

¹ Lei 11.091, de 12 de Janeiro de 2005. Recuperado em 11 outubro, 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11091.htm

Dentre esses diversos atores que contribuem para a educação brasileira existem os assistentes de alunos, um cargo que atua em constante diálogo e apoio com os estudantes, mas que por não requisitar uma formação específica para a função acaba por muitas vezes ficando subutilizado no ambiente escolar, sem exercer um papel ativo como poderia, sendo isso um resultado da "invisibilidade" que ainda é tão presente na escola quando se trata do pessoal não docente. Assim se constrói a premissa de que averiguar a dimensão educativa que o assistente de alunos desempenha na escola é importante para que o trabalho por ele desenvolvido possa ser aperfeiçoado, ampliando assim a sua influência e impacto. Portanto, o objeto de estudo da presente pesquisa é edificado em torno do assistente de alunos, com o objetivo de investigar o papel, a importância e a influência que ele possui sobre os estudantes em um campus específico de uma Instituição Federal Brasileira localizada na cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte.

Algumas perguntas surgiram como elementos propulsores para o estudo em questão: O assistente de alunos age como um agente influenciador e motivador dentro do ambiente escolar em relação aos aspectos educativos do corpo estudantil? O assistente de alunos contribui para diminuição da evasão escolar, influenciando positivamente para a permanência do estudante na instituição educativa? O papel desempenhado pelo assistente de alunos traz melhorias aos aspectos comportamentais e disciplinares do corpo estudantil? Diante dessas indagações e vislumbrando a ausência de estudos sobre a temática, fica demonstrada a necessidade de uma compreensão mais aprofundada do objeto.

Cabe ressaltar que o fato desta pesquisadora atuar como assistente de alunos demonstra a implicação pessoal, profissional e acadêmica da própria investigadora com o objeto de estudo. Essa condição traz, em si, desafios teóricos e metodológicos, na medida que esta pesquisa deve-se pautar na busca por compreender a dimensão educativa que cerca a atuação do assistente de alunos perante os estudantes, porém também traz um estímulo quando se compreende que o compromisso com a neutralidade possibilita resultados fidedignos e proveitosos.

Definida essa problemática, optou-se por uma metodologia da pesquisa baseado em um estudo de caso, pois o trabalho consistiu em pesquisar uma realidade concreta, que no caso foi a atuação do assistente de alunos em um campus de um Instituto Federal. A pesquisa se enquadrou em um paradigma quantitativo e qualitativo, sendo primordialmente qualitativo, com técnicas de recolhidas de dados baseadas em entrevistas e inquérito por questionário. Foram entrevistados docentes e assistentes de alunos da instituição onde o estudo se realizou, e aos estudantes foi aplicado um inquérito por

questionário composto por questões fechadas e algumas questões abertas que visavam o aprofundamento das reflexões, pois afinal são os pensamentos dos estudantes que mais poderiam provar ou refutar as hipóteses levantadas. Em relação ao tratamento dos dados obtidos, foi escolhida a técnica da análise de conteúdo para o material recolhido através das entrevistas e questões abertas do inquérito por questionário, e softwares de análises de dados foram utilizados para tratamento dos dados recolhidos através das questões fechadas que compuseram o inquérito.

A estrutura deste estudo, além desta introdução, apresenta quatro capítulos, sendo os dois primeiros teóricos, um terceiro de apresentação metodológica, e o quarto capítulo para apresentação e análises dos resultados. O primeiro capítulo foi baseado em pesquisas bibliográficas e legislativas, e apresenta o sujeito em estudo nesse trabalho, o assistente de alunos; partindo primeiro de uma apresentação geral sobre o trabalho não docente nas instituições educativas, o seu histórico e caracterização. Logo depois é explanado o panorama do surgimento do assistente de alunos, qual a sua história e quais são as figuras semelhantes, mas com outras nomenclaturas, que já existiram nas instituições brasileiras. Após a abordagem histórica há a caracterização desse sujeito em estudo, quais são as suas competências descritas formalmente, e como ele pode ser comparado com agentes semelhantes que atuam nas instituições educativas de outros países. O capítulo finaliza abordando as perspectivas futuras para o assistente de alunos, baseado em uma pesquisa documental em normativos e legislações recentes publicadas sobre o tema em questão.

O segundo capítulo também é baseado na pesquisa teórica e apresenta uma análise sociológica da escola e das juventudes (público-alvo das escolas secundárias). O debate sobre a escola é baseado nas três fases às quais a escola vivenciou de acordo com Canário (2005): a escola em um "tempo de certezas", a escola em um "tempo de promessas" e a escola em um "tempo de incertezas", sendo essa última a fase vigente desde as últimas décadas do século XX e que tem levado os estudiosos da educação a refletirem sobre como pode e deve ser a escola do futuro. O debate sobre as juventudes buscou caracterizá-la e discutir sobre seus múltiplos conceitos, abordando as mudanças na sociedade que acabam por refletirem nas vivências dos jovens atuais, e a escola por vezes parece desconsiderar esses fatos tratando seus estudantes sem ver que antes de estudante existe ali um jovem. Esse contraste entre escola e juventudes tem gerado um choque de culturas que contribui para intensificar a desmotivação e desinteresse do jovem pela escola, levando os estudantes ao declínio no desempenho acadêmico ou até mesmo à evasão. O capítulo finaliza apresentando que o fortalecimento do vínculo escolar deve ser buscado através de diferentes estratégias como forma de minimizar ou evitar os efeitos desse contraste entre escola e juventude contemporânea, contraste que acaba por gerar tantos atritos e insucessos.

O terceiro capítulo traz a caracterização do campo de estudo, dos participantes da pesquisa e da metodologia utilizada durante o percurso desse trabalho como um todo. A investigação ocorre em um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e tem como participantes da pesquisa 3 assistentes de alunos, 8 docentes que atuam no ensino médio do campus e 270 estudantes de todos os anos do ensino médio que frequentam o campus.

No quarto capítulo apresentam-se os dados obtidos através das técnicas de recolha de dados utilizadas e as suas respectivas análises, bem como algumas considerações relacionadas à temática em questão.

Por fim, na conclusão, são sintetizados os aspectos mais relevantes da pesquisa e as possibilidades que ela traz ao campo estudado. Integram-se ainda a este trabalho alguns apêndices, que incluem os elementos principais em que se baseou esse estudo.

Para concluir esse momento introdutório é importante mencionar que toda a pesquisa foi sustentada em uma vasta pesquisa bibliográfica que buscou utilizar autores de diferentes continentes para que o trabalho pudesse ter uma base sólida e diversificada, porém é cabível referir que o estudo foi realizado em uma instituição brasileira e por pesquisadora brasileira, sendo utilizado uma grande quantidade de autores dessa nacionalidade, e justificando assim o tipo de linguagem utilizada durante a escrita desse trabalho.

Capítulo I - Assistente de alunos: um personagem da escola com identidade em formação

A instituição escolar vem se tornando cada vez mais complexa, sendo uma forma desta se moldar às mudanças da sociedade na qual faz parte. Novas ferramentas, novas metodologias e substituição de conteúdos, tudo isso faz parte das mudanças que a escola na sociedade em geral vem vivendo atualmente. E isso também ocorre em seu corpo de funcionários, pois se antes bastava à escola moderna o professor, um diretor e um zelador, a escola contemporânea é constituída de inúmeros outros profissionais que juntos se complementam e auxiliam no processo educativo e formador da escola.

A diversificação e especialização do trabalho escolar avançaram inclusive nas práticas docentes, que atualmente são especializadas por disciplinas. "Assistimos, portanto, a um processo de divisão do trabalho nas escolas no qual o trabalho efetuado pelo conjunto dos agentes escolares se torna mais especializado, e subdivide-se em funções e tarefas mais específicas." (Levasseur & Tardif, 2004, p. 1277).

Uma das instituições educacionais mais complexas existentes atualmente no Brasil são os Institutos Federais de Educação, que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica brasileira e oferecem desde a educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio/ensino secundário) até a pós-graduação. Para proporcionar todos esses níveis de ensino aos seus estudantes, a Rede Federal possui não somente um amplo conjunto de profissionais docentes das mais diversas áreas do conhecimento, mas também um amplo conjunto de profissionais não docentes em seu quadro de servidores. Esses profissionais não docentes que atuam na Rede Federal são denominados de técnico-administrativos em educação, os quais podem ou não possuir uma formação em nível superior e atuam de forma a contribuir para a permanência e êxito dos estudantes que frequentam essas instituições. Como exemplos de TAE é possível citar os assistentes sociais, pedagogos, psicólogos, médicos, dentistas, secretários, assistentes administrativos e assistentes de alunos, entre inúmeros outros profissionais que fazem parte da Rede Federal mas não atuam em funções docentes.

1.1 Histórico do trabalho não docente

As profissões surgem, por um lado, das preocupações com a satisfação das necessidades advindas com a transformação dos processos produtivos e, por outro, da crescente complexidade e diversificação das funções de comando, de controle, de defesa e de preservação social, nas diferentes formações sociais. (Manfredi, 2002, p. 39)

Para entender de forma mais profunda o surgimento e a atuação dos profissionais não docentes na escola, é oportuno debater primeiramente qual foi o seu aspecto fundante. A educação por muitos anos esteve ligada à religião, e um dos motivos que quebrou essa ligação foi a ascensão do capitalismo no mundo e o surgimento da Revolução Industrial, esta iniciada na Europa ainda no século XIX, mas que só se iniciou no Brasil em meados do século XX.

De acordo com Saviani (2006) a área de educação no Brasil se iniciou com a vinda dos jesuítas em 1549. Durante esse período colonial o Brasil era um país escravocrata, e sobre essa época Monlevade (2009, p.40) afirma que nos colégios formados pelos Jesuítas, diferente do que se pensa, o trabalho de catequese e educação “era muito mais complexo que a tarefa de ensinar e distribuir sacramentos.” Como os colégios funcionavam em regime de internato, existiam outros ambientes além da sala de aula, e esses espaços eram regidos por trabalhadores não-docentes; a esses profissionais o papel designado era de cuidado com a infraestrutura material dos colégios e o trabalho educativo mais amplo. Dessa forma é possível observar que mesmo na educação jesuítica a educação não era formada apenas pelos sacerdotes professores.

Andando um pouco mais pela história brasileira, em 1759 houve a expulsão dos jesuítas, fruto da Reforma Educacional Pombalina, uma das inúmeras reformas propostas pelo Primeiro Ministro de Portugal, o Marquês de Pombal, e que visavam sobretudo melhorar a economia portuguesa. Com esse fato, o sistema existente até então foi quebrado, e conforme Santos (2007), foi nessa época que a educação brasileira passou a ser responsabilidade do Estado, onde a Igreja perdeu sua função prioritária na educação e com isso foram extintas as escolas jesuítas. Dessa forma o professor sacerdote cedeu espaço aos docentes leigos, enquanto os funcionários não docentes foram substituídos pelos escravos, demonstrando que naquela época o trabalho não docente era considerado algo que não necessitava de qualquer qualificação ou critério para ser desenvolvido (Monlevade, 2009).

Houve um período de estagnação ou até mesmo retrocesso na educação brasileira, e tudo só começou a mudar com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil em 1808. Esse acontecimento trouxe bastante desenvolvimento para a colônia, que se tornou sede do Império Português, sendo nesse período em que houve a criação das primeiras universidades brasileiras e a oficialização da educação primária ofertada pelo Estado.

Seguindo esse contexto, foi no final do século XIX e, principalmente, no início do século XX, que a educação escolar nos países americanos e europeus assume a configuração que persiste no atual século XXI, com instrução obrigatória, afastando-se da vocação religiosa e se moldando às exigências do

modelo econômico vigente, sendo objeto de normas explícitas através de documentos legais (Levasseur & Tardif, 2013).

Nesse momento de industrialização capitalista, problemas de ordem pública ficaram em evidência e a escola se tornou, portanto, um espaço de controle disciplinar e moralização para imposição da nova ética de trabalho capitalista, ajudando a desenvolver valores de obediência, empenho e disciplina; que são bastante úteis ao sistema produtivo (Levasseur & Tardif, 2013). Se antes a educação era vista também como uma forma dos religiosos disseminarem o cristianismo, agora a educação (massificada pelo Estado) era uma forma do Estado disseminar os valores e comportamentos que objetivava encontrar na sociedade.

Porém, mesmo com toda essa evolução da educação nos últimos séculos, de um modo geral até a primeira metade do século XX as escolas públicas dos países europeus e latino-americanos contavam com um quadro profissional muito enxuto, que se reduzia à pouquíssimos funcionários. A educação era reduzida apenas à sala de aula e a força de trabalho da escola era reduzida a uns poucos docentes, um diretor (que geralmente era um docente liberado para esta função) e às vezes um porteiro. É necessário citar que os docentes, em sua maioria do sexo feminino, eram mal remunerados e possuíam pouca formação, geralmente eles não detinham apenas a função de ensinar, mas eram responsáveis também pelas tarefas pedagógicas e ainda por outras tarefas vinculadas à vida escolar, como os cuidados com a higiene dos alunos e limpeza da sala de aula, passando por todas as formas de apoio às crianças e aos adolescentes (Levasseur & Tardif, 2011).

Os funcionários de escola são fruto da complexificação do espaço escolar e educativo. Salas de aula geram somente professores e alunos. São necessários outros espaços – diretoria, secretaria, portaria, biblioteca, laboratório, cozinhas, refeitórios, campos de esporte – para surgirem e se institucionalizarem funções não-docentes nas escolas. (Monlevade, 2009, p. 342)

Em meados do século passado começou a haver uma preocupação com a recomposição e divisão do trabalho educativo, isso culminou com a especialização e subdivisão de funções dentro do espaço escolar (Levasseur & Tardif, 2011).

Ainda entre as décadas de 1910 e 1920 há no Brasil o surgimento de uma inovadora legislação sobre o “pessoal administrativo” das escolas. É nesse período que surge em portarias e diários oficiais o reconhecimento das funções de porteiros, zeladores, secretários, escriturários, arquivistas, contínuos, inspetores de alunos, copeiros, serventes (agentes de manutenção e limpeza), auxiliares de biblioteca e de laboratórios. (Monlevade, 2009)

No Brasil, o crescimento acentuado dos profissionais não docentes durante o século XX encontra respaldo também na expansão que a educação básica brasileira teve nesse século.

A formatura de milhares de professores em cursos normais e licenciaturas, a expansão da arrecadação dos impostos vinculados à manutenção e desenvolvimento do ensino, (...), e a industrialização das construções escolares propiciam os recursos que multiplicam o acesso das populações infantil e juvenil às escolas. Resumindo: de 1946 a 1985 as matrículas na educação básica pública passam de oito para 35 milhões. A cobertura de quatro a 17 anos evolui de 30 para 70% da população.

Esse crescimento não representa somente uma mudança quantitativa. Ele produz uma transformação qualitativa. As crianças das famílias de baixa renda, agora na maioria residentes em cidades médias e grandes, não somente acessam a escola como ascendem ao ensino de 1º e 2º graus. A escola, quer se queira, quer não, deixa de ser uma agência de pura instrução e ensino, para compartilhar com as famílias e as outras agências da sociedade o dever de educar, certamente mais amplo e complexo. (Monlevade, 2009, p. 344)

Em nível global, se pode citar como marco para esse crescimento de profissionais não docentes na escola os anos 1980, sendo essa uma época também em que os professores foram confrontados com evoluções socioeducativas novas que deixaram marcas profundas em suas condições de trabalho e em sua relação com os alunos. Levasseur e Tardif (2011) evidenciam que estas evoluções induzem a novas dinâmicas e a novas configurações do trabalho educativo, desse momento em diante liderado não apenas pelos docentes, mas dividido e compartilhado entre os docentes e os demais profissionais da escola.

Um acontecimento no ano de 1985 na política brasileira também contribuiu para profundas mudanças em relação aos profissionais não docentes brasileiros, foi o fim da ditadura civil-militar, que trouxe como consequências modificações em diversas áreas, incluindo a educação. Apenas dois anos depois houve a publicação da portaria n. 475, de 26 de agosto de 1987, que expediu normas complementares para a execução do Decreto n. 94.664 de 1987, o qual aprovou o Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos das Instituições Federais de Ensino. Nove anos depois, em 1996, após intensos debates que se arrastaram por anos, houve a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que citou em muitos artigos os trabalhadores da educação, em contraposição às LDB anteriores que davam ênfase apenas aos docentes.

De acordo com Levasseur e Tardif (2004) é possível considerar os profissionais não docentes como atuantes de três áreas distintas. Existem os profissionais de acompanhamento aos alunos, que são aqueles ligados à pedagogia, psicologia escolar e gestão do comportamento dos alunos; existem os profissionais voltados para as tarefas administrativas da escola, como as tarefas de secretariado, por

exemplo; e existem os profissionais não docentes que realizam tarefas comumente manuais, como os zeladores, pessoal de manutenção dos prédios, merendeiras e motoristas de ônibus escolar.

Os profissionais não docentes que trabalham de forma mais próxima ao corpo estudantil da escola (sobretudo os profissionais da área de acompanhamento aos alunos) assumem além de sua função específica, funções que consistem em transmitir aos alunos valores ou regras primordiais ao convívio em sociedade, e favorecer aos discentes o desenvolvimento de competências comunicacionais ou sociais, domínio próprio e capacidade reflexiva. A função do pessoal não docente que se faz presente de forma mais incisiva no cotidiano dos alunos se estende ainda para a oportunidade de aconselhar o corpo estudantil em aspectos da vida pessoal e acadêmica, de modo a formar bons cidadãos e trabalhadores (Levasseur & Tardif, 2011). Dessa forma, fica evidente que a especialização do trabalho educativo trouxe como consequências positivas não somente uma melhor qualidade do trabalho educativo da escola, mas também tirar um peso do docente que até poucas décadas atrás acumulava diversas funções no espaço escolar.

1.2 De Inspetor à assistente de alunos

Entre os diversos personagens que compõem o espaço escolar brasileiro está o assistente de alunos, por muito tempo nomeado inspetor de alunos. Apesar desse funcionário não demandar uma formação específica para exercer a sua função, ele exerce um papel dinâmico e de grande importância dentro do ambiente escolar, onde a normalidade e a observação do espaço dependem desta figura.

Pouco tempo após a oficialização no Brasil da educação primária e obrigatória ofertada pelo Estado², houve acontecimentos que impactaram fortemente a vida social e política do país, como a proclamação da República e o fim da escravidão. Foi nessa mesma época que a educação no país passou por uma grande reforma. Influenciado pelo princípio positivista³, o Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos⁴, Benjamin Constant, promulgou vários decretos que visavam sobretudo substituir o currículo acadêmico vigente nas escolas por um currículo enciclopédico, ou seja, um currículo mais prático. Foi nesse período que foi incluído no currículo educacional brasileiro a disciplina Instrução moral e cívica, que permaneceu por bastante tempo sendo ministrada e tinha como objetivo “fazer sentir constantemente aos alunos, por experiência directa, a grandeza das leis moraes” (Decreto n. 981,

² Lei Imperial de 15 de outubro de 1827.

³ O positivismo foi uma corrente filosófica que tinha como principais idealizadores pensadores como Auguste Comte e John Stuart Mill, tendo como lema a ordem por base, o amor por princípio, o progresso por fim. Segundo Morais, E. de (1983, p.31). *Augusto Comte: Sociologia*. Rio de Janeiro: Ática. “o positivismo tende poderosamente, por sua natureza, a consolidar a ordem pública, através do desenvolvimento de uma sábia resignação”.

⁴ Primeiro ministério brasileiro que surgiu dedicado à educação, criado em 1890.

1890). Essas modificações demonstram uma preocupação que se tinha em formar através da escola não somente seres dotados de bons conhecimentos humanísticos e de ciências exatas, mas também prover os meios para que esses cidadãos se tornassem pessoas que promovessem a ordem e o progresso necessários à república recém-criada. Ordem e Progresso inclusive é o lema que está presente na bandeira brasileira pós-república, evidenciando os ideais positivistas que permeavam muitos políticos brasileiros na época.

Junto com essas modificações na educação brasileira, voltaram ao cenário educacional funções que existiam desde o período colonial e tinham como objetivo a inspeção dos ambientes escolares e os trabalhos realizados nas escolas. Era o momento propício para o surgimento dos inspetores escolares (profissional voltado para a fiscalização de escola e professores) e um pouco mais tarde com a diversificação de trabalhadores não docentes surgiu também os inspetores de alunos (responsáveis por fiscalizar a disciplina dos alunos no ambiente escolar). Sendo esses últimos o foco dessa dissertação.

É válido nesse ponto uma reflexão sobre o significado do termo inspeção, utilizando para isso os dois primeiros significados que são apresentados no Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e que colocam o termo inspeção como sinônimo de um ato de olhar, vista, exame minucioso (para se conhecer qualidade ou estado), vistoria, exame (Ferreira, 2010). Portanto quando se fala inspetor de aluno o termo logo remete à uma idéia de escola com gestão autoritária (técnico-científica), onde há alguém designado somente para fiscalizar e vigiar o corpo estudantil da escola, demonstrando a preocupação da gestão em padronizar e controlar os comportamentos do corpo discente sem se considerar as individualidades intrínsecas a cada criança ou adolescente que frequenta o espaço escolar.

As concepções de gestão escolar refletem diferentes posições políticas e pareceres acerca do papel das pessoas na sociedade. Portanto, o modo pelo qual uma escola se organiza e se estrutura tem dimensão pedagógica, pois tem que ver com os objetivos mais amplos da instituição relacionados a seu compromisso com a conservação ou com a transformação social (Libâneo, 2012, p. 447).

Foi ainda no governo militar brasileiro (1964-1985) que a concepção de gestão escolar começou a mudar, seguindo um anseio dos trabalhadores da educação e uma tendência que já acontecia na Europa, onde o tema gestão democrática escolar ganhava cada vez mais ênfase. Conseqüentemente isso repercutiu também para o corpo de recursos humanos que compõem a escola.

Em agosto de 1971 foi promulgada a Lei n. 5.692, sendo a segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e que trazia mudanças mais impactantes do que a primeira Lei, promulgada dez anos antes. Com isso, mais uma vez a estrutura do ensino brasileiro foi modificada, e já havia a preocupação visível dos governantes com a formação de um corpo secundário de técnicos que pudessem

suprir as necessidades que a escola teria com o passar do tempo. Isso é possível de observar no art. 33 da Lei, onde constava que “a formação de administradores, planejadores, orientadores, inspetores, supervisores e demais especialistas de educação será feita em curso superior de graduação, com duração plena ou curta, ou de pós-graduação” (Lei n. 5.692, 1971). O artigo 10 da mesma lei tornava obrigatório a orientação educacional em cada escola, e sobre isso Sardinha (2007) afirma que uma das relações mais próximas que o orientador educacional deveria ter na instituição de ensino era com o inspetor de alunos, pois não raro, os alunos deixavam transparecer sua problemática individual nas conversas fora de sala de aula. Além disso, o inspetor deveria estar preparado para prestar os primeiros socorros e orientações em caso de doença ou acidente, ter noções de psicologia da infância e adolescência, de prevenção de acidentes e de relações humanas. Com as mudanças que ocorriam nas instituições de ensino e as necessidades do corpo estudantil se tornando cada vez mais complexas, o inspetor de alunos passou a ganhar certo destaque na estrutura escolar, deixando de ser um mero agente fiscalizador (que lembra a repressão e um mundo onde só há regras), para ser um colaborador efetivo na tarefa de administração escolar. (Sardinha, 2007)

Todas essas modificações não eram fruto apenas dos desejos dos governantes. Desde o começo da década de 1970 até meados dos anos de 1980 os trabalhadores da educação já vinham lutando por mais valorização e pela eliminação da divisão entre gestão do trabalho e realização do trabalho (Bruno, 2010), tendo essas lutas culminado no Artigo 206, Inciso VI da Constituição Federal Brasileira onde foi enfim previsto a gestão democrática do ensino público (Constituição, 1988).

Sander (2009) e Lima (2013) analisam ainda o contexto em que essas lutas se deram, afirmando que a busca pela gestão democrática nas escolas públicas era um direito reclamado por aqueles que se puseram a favor da democratização e que viveram de perto a resistência ao modelo centralizador, burocrático e de gestão tecnocrática dos governos militares.

Todo esse contexto de busca por valorização dos trabalhadores da educação e busca por uma escola democrática impactou fortemente diversos profissionais que atuavam no ambiente escolar. Começou ainda na década de 1970 a haver um entendimento de que a nomenclatura inspetor de alunos estava ultrapassada, pois o termo inspetor remetia à ideia de ditadura, sendo um termo antagônico à democracia, algo tão desejado naquele momento pelos brasileiros. De fato, a escola tradicional em geral foi marcada por funções fiscalizadoras e burocráticas, pois atendiam aos interesses de governos autoritários, preocupados em padronizar e controlar as práticas escolares. Porém com a modernização do contexto escolar entrou em questão uma gestão com atuação mais democrática e participativa no cotidiano das escolas, sendo isso também refletido nos profissionais que compõem a escola.

Várias nomenclaturas foram cogitadas para a mudança, sendo uma das sugestões o termo auxiliar de educação, dado que sairia de cena a função meramente fiscalizadora e entraria a função de que a escola necessitava, um profissional consciente de seu papel educador e que colabora com a administração escolar e com a integração do aluno à escola e à sociedade (Sardinha, 2007).

O fato é que somente em 1987 (dois anos após a redemocratização da política brasileira) surge uma nova nomenclatura na legislação do Brasil para a função de assistência aos estudantes, assim o termo inspetor de alunos é sepultado nas instituições de ensino federais e surge um novo cargo, o assistente de alunos. A Portaria n. 475 de 26 de agosto de 1987, que expediu normas complementares para a execução do Decreto n. 94.664 de 23 de julho de 1987, o qual aprovou o Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos das Instituições Federais de Ensino, cita no anexo I o cargo assistente de alunos como um cargo técnico-administrativo da educação e componente do grupo de cargos de nível médio.

Mais tarde surgiu no conjunto de cargos das Instituições Federais de Ensino mais um cargo com atribuições semelhantes ao assistente de alunos, o auxiliar em assuntos educacionais. Na prática ambos costumam desempenhar as mesmas atribuições e recebem os mesmos salários, sendo a existência de cargos semelhantes com nomenclaturas diferentes vista pelos sindicatos dos profissionais da educação apenas como uma forma de enfraquecer a categoria desses profissionais.

1.3 Competências do assistente de alunos

É importante reconhecer que todo trabalho em educação, dada a sua natureza formadora, implica ação de liderança, que se constitui na capacidade de influenciar positivamente pessoas, para que, em conjunto, aprendam, construam conhecimento, desenvolvam competências, realizem projetos, promovam melhoria em alguma condição, e até mesmo divirtam-se juntas de modo construtivo, desenvolvendo as inteligências social e emocional (Luck, 2012, p. 17).

Quando surgiu na Portaria n. 475 (1987), o cargo assistente de alunos estava descrito como um cargo do tipo técnico-administrativo em educação. Segundo o Decreto n. 94.664 (1987) são consideradas atividades do pessoal técnico-administrativo na instituição de ensino:

I – as relacionadas com a permanente manutenção e adequação do apoio técnico, administrativo e operacional necessário ao cumprimento dos objetivos institucionais; II - as inerentes ao exercício de direção, chefia, coordenação, assessoramento e assistência, na própria instituição. (Decreto n. 94.664, 1987, art. 17)

Esse mesmo documento dividia os técnicos-administrativos em educação em três grupos: o grupo nível de apoio, onde estavam alocados os cargos responsáveis por funções de apoio operacional à instituição de ensino, como merendeira e motorista por exemplo; o grupo nível médio, que compreendia

os profissionais responsáveis por funções mais técnicas e administrativas onde era exigido para ingresso no cargo a formação em nível médio/secundário e também poderia ser exigido alguma formação técnica especializada e/ou experiência na área (nesse grupo estava enquadrado o cargo assistente de alunos); e por último o documento citava o grupo de nível superior, em que também compreendia atividades técnicas e administrativas mas que para ingressar no cargo seria necessário uma formação em curso de graduação.

Por cerca de dez anos essas eram as únicas definições que se tinha do assistente de alunos. Na recém nova democracia brasileira não havia disposição para se especificar quais seriam as competências relativas a cada um dos inúmeros cargos citados na Portaria n. 475 (1987). De 1985 (ano da redemocratização do Brasil) até 1996 os esforços dos trabalhadores da educação se concentraram em debater a urgência de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação e a necessidade de que ela atendesse de fato aos anseios da sociedade brasileira e dos trabalhadores da educação.

O cenário da tramitação da LDB/1996 revelou o campo de disputa ideológica entre o público e o privado, tendo como foco a relação conflitante entre a defesa da escola pública, laica, gratuita para todos e de qualidade socialmente referenciada em todos os níveis de escolarização, e o ensino privado, administrado pelos empresários que não encontraram obstáculos da sociedade política para transformar em mercadoria o direito à educação preceituado na Constituição de 1988. (Brzezinski, 2010, p.190)

Após mais de dez anos de debates a Lei de Diretrizes e Bases da Educação foi enfim promulgada em 1996, porém até os dias atuais não existe uma legislação específica que descreva os assistentes de alunos, mesmo essa categoria já somando quase 4000 assistentes distribuídos em 110 instituições federais de educação presentes em todos os estados brasileiros segundo o Ministério da Educação (MEC).

Em 2005 foi promulgada a Lei n. 11091 (2005), que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE), no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências. Nessa Lei alguns cargos deixaram de existir e quem já os ocupava foi reenquadrado em cargos ainda existentes. Outra mudança dessa Lei é que deixaram de existir apenas três níveis de classificação para os Técnicos-Administrativos em Educação (níveis de apoio, intermediário e superior), pois a classificação passou a ser baseada a partir do requisito de escolaridade, nível de responsabilidade, conhecimentos, habilidades específicas, formação especializada, experiência, risco e esforço físico para o desempenho de suas atribuições (Lei n. 11.091, 2005). Ao invés dos três níveis de classificação existentes anteriormente, a partir da Lei n. 11.091 (2005) foram criados cinco níveis de classificação que vão da letra A até a letra E, sendo A o nível mais simples e E o nível dos cargos mais complexos; e nesse dispositivo legal o assistente de alunos

está enquadrado atualmente como um cargo do nível C. A Lei n. 11.091 (2005) não detalha sobre a descrição dos cargos, mas cita apenas qual o nível de classificação de cada um e quais os requisitos para admissão, sendo mantido para o assistente de alunos o requisito de ensino médio como escolaridade mínima e acrescentado que é possível a exigência de 6 meses de experiência na área.

Dessa forma, o único documento em que há amparo para definir e caracterizar o assistente de alunos é encontrado na página virtual do Ministério da Educação do Brasil, onde consta o Ofício Circular n. 015 de 2005⁵, da Coordenação Geral de Gestão de Pessoas, e nele o cargo assistente de alunos tem as funções descritas de forma subjetiva e vaga como de “orientação e assistência aos alunos no aspecto de disciplina, lazer, segurança, saúde, pontualidade e higiene, bem como apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão” (Ministério da Educação, 2005). Abaixo são apresentadas as atividades típicas do cargo assistente de alunos segundo o Ministério de Educação do Brasil através do Ofício Circular nº 015 de 2005:

Orientar os alunos nos aspectos comportamentais; assistir os alunos nos horários de lazer; zelar pela integridade física dos alunos; encaminhar os alunos à assistência médica e odontológica emergenciais, quando necessário; zelar pela manutenção, conservação e higiene das dependências da Instituição de Ensino; assistir o corpo docente nas unidades didático-pedagógicas com os materiais necessários e execução de suas atividades; utilizar recursos de informática; executar outras tarefas de mesma natureza e nível de complexidade associadas ao ambiente organizacional. (Ministério da Educação, Brasil, 2005)

No início do ofício é informado que a relação completa dos cargos Técnicos-Administrativos em Educação com as suas respectivas descrições se encontrava em fase final de análise pelos órgãos competentes e que quando fosse finalizado seria publicado no Diário Oficial da União. Tal publicação ainda não ocorreu e por isso a base para a descrição dos cargos ainda é o ofício escrito há mais de uma década.

Como é bastante vaga a descrição do cargo assistente de alunos em documentos oficiais do Ministério da Educação, visando resguardar os limites de atuação do assistente de alunos e como não existe uma formação específica para esse profissional, duas instituições publicaram documentos em que regulamentam as atribuições do cargo no âmbito da instituição. Os Referenciais de Atuação dos Profissionais de Assistência Estudantil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) citam como atribuições do assistente de alunos:

⁵ *Ofício circular nº 15/2005/CGGP/MEC.* (2005). Ministério da Educação. Recuperado em 06 maio, 2018, de <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/canalcggp/oficios/oc01505.pdf>.

Identificar, preliminarmente, as necessidades do educando, encaminhando-os aos setores competentes; manter diálogo com os (as) discentes; educar os (as) estudantes em relação aos direitos e deveres estabelecidos no regulamento da organização didática do IFCE; acompanhar os (as) discentes, zelando pela disciplina e segurança em viagens e visitas técnicas e eventos de interesse do instituto; auxiliar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão; encaminhar os (as) discentes, quando necessário, ao atendimento médico-odontológico-socio-psicológico do instituto; acompanhar os (as) alunos (as) à unidade de saúde mais próxima, na ausência desses profissionais no campus; elaborar diagnóstico de indisciplina discente, compartilhando os resultados com os demais profissionais da coordenação de assuntos estudantis; educar o estudante em situações de indisciplina e informar, se necessário, à chefia imediata; dispensar atenção específica a estudantes usuários de moradia estudantil do campus; colaborar para a execução da política educacional do IFCE, articulando-se com os demais profissionais da assistência estudantil. (IFCE, 2016, p.35)

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) também documentou as atribuições do assistente de alunos através da Resolução n. 42/CONSUP/IFRO, de 13 de junho de 2016. Nesse documento constam como atribuições do assistente de alunos:

Intermediar, quando necessário, a comunicação de forma ágil, eficiente e integrada entre os estudantes e os diversos setores e profissionais do campus; dar assistência e orientação aos estudantes nos aspectos de disciplina, lazer, segurança, saúde, pontualidade e higiene, dentro das dependências do Instituto; preservar a integridade física dos alunos, orientando e promovendo o respeito, a preservação da identidade, autonomia, valores, ideias e crenças em conformidade ao que preconiza o Regimento Geral do Instituto Federal de Rondônia, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Constituição Federal como sendo dever de todos; atender e encaminhar os estudantes em caso de indisciplina, conflitos e questões de saúde aos setores e profissionais responsáveis, quando necessário; comunicar a Coordenação de Serviços Gerais, quando a ele for informado e/ou identificado, sobre questões de manutenção, conservação e higiene nos ambientes das salas de aula e nas dependências de uso comum dos discentes, considerando que, conforme a Lei 8.112/90 é dever de todo servidor público zelar pela conservação do patrimônio público; utilizar recursos de informática para o desempenho de suas atividades; atender aos pais e ao público externo, sempre que relacionado aos assuntos pertinentes a Coordenação de Assistência ao Educando (CAED)/Departamento de Assistência ao Educando (DEPAE); assessorar nas atividades, viagens e eventos extra Campus, voltadas ao ensino, pesquisa e extensão desde que previamente planejado e acordado com a equipe do evento e a sua chefia imediata. (IFRO, 2016, art. 3º).

Para fins de comparação com agentes técnicos educativos de outros países da América e Europa foi realizada uma síntese (quadro 1) com base no trabalho de Levasseur e Tardif (2013), sendo importante ressaltar que foram considerados como agentes técnicos educativos aqueles que desempenham na escola funções de acompanhamento aos alunos, porém que não possuem formação de nível superior específica para desempenhar essa função, que é o caso dos assistentes de alunos, diferente dos pedagogos e psicólogos por exemplo.

Quadro 1 - Comparação entre agentes técnicos educativos

País	Nomenclatura do cargo	Função
Estados Unidos	Teacher aides	Funções de acompanhamento pedagógico, funções burocráticas relativas ao ensino e funções de supervisão (Levasseur & Tardif, 2013).
França	Assistants d'éducation	Funções de inspeção, funções de instrução e funções educativas (Levasseur & Tardif, 2013).
Brasil	Assistentes de Alunos	Funções de orientação e assistência aos alunos. Apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão ⁶ (Ministério da Educação, Brasil, 2005).

Fonte: Síntese da autora, baseado em Levasseur e Tardif (2013) e Ministério da Educação, Brasil (2005)

Em Portugal existem os auxiliares de ação educativa, que segundo o Decreto – Lei n. 184 (2004), esses auxiliares são responsáveis por funções de apoio geral, acompanhamento do corpo discente e algumas funções burocráticas. Porém na prática são profissionais considerados como detentores de uma profissão considerada inferior, pois como não há exigência de nenhuma formação específica, aparece geralmente associada apenas ao trabalho de limpeza da escola, que é socialmente desprestigiado (Almeida, Mota & Monteiro, 2001). Por esse motivo optou-se por não colocar o auxiliar de ação educativa na comparação em questão, visto que na prática pouca ou quase nenhuma atividade técnica é delegada a esse profissional.

1.4 O presente e o futuro do assistente de alunos

Segundo Marpeau (2002) o processo educativo consiste em um conjunto de gestos, atitudes, relações, tarefas e métodos coordenados em uma estratégia, a fim de alcançar objetivos de elaboração de capacidades pela própria pessoa. Atualmente já não é mais motivo de discussão o papel educativo dos trabalhadores da educação não docentes, porém em relação aos assistentes de alunos é cabível refletir sobre o quanto os seus procedimentos impactam nos processos educativos existentes na escola.

As instituições federais de educação estão tornando cada vez mais complexos os processos de admissão para o cargo assistente de alunos. Na década 2000, quando o Brasil iniciou uma grande expansão de suas Instituições Federais de Educação e conseqüentemente da quantidade de técnicos-administrativos admitidos, as provas dos concursos de admissão para o cargo assistente de alunos eram compostas normalmente por questões que versavam sobre conhecimentos básicos de língua portuguesa, matemática e informática, sem solicitar nenhum conhecimento específico para o cargo, e isso acabava

⁶ *Ofício circular n° 15/2005/CGGP/MEC.* (2005). Ministério da Educação. Recuperado em 06 maio, 2018, de <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/canalcgpp/oficios/oc01505.pdf>.

atraindo qualquer pessoa que estivesse em busca de um emprego, sem captar necessariamente funcionários que tivessem aptidão para atuar em funções educativas.

Atualmente as provas de admissão para assistente de alunos costumam apresentar conteúdos mais específicos para as atividades desempenhadas por quem ocupa essa função. Como comprova a observação dos editais mais recentes (quadro 2) de concursos realizados nos quatro maiores⁷ Institutos Federais do país.

Quadro 2 - Análise comparativa de editais dos concursos públicos para assistente de alunos nos IFCE, IFMA, IFPR e IFSP

Instituição	Habilitação necessária	Conteúdo específico da prova de Assistente de Alunos	Ano de realização do concurso
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)	Ensino médio completo + experiência de 6 meses na função	Adolescência: caracterização da adolescência; aspectos físicos e psicossociais; Sexualidade: conceitos básicos; educação sexual na escola; prevenção de problemas; Drogadição: conceitos legais; drogas lícitas e ilícitas; percepção sobre o usuário; Disciplina escolar: agressividade, limites e violência; Autonomia e obediência; Trabalho em equipe: níveis de interação; Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069/1990; Noções sobre educação de jovens e adultos; Noções de Administração: conceitos básicos, organogramas e fluxogramas; Noções de relações humanas e relações-públicas; comportamento grupal e liderança e equipe multiprofissional. Noções de Primeiros Socorros. (Edital n. 05/GR-IFCE/2014)	2014
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA)	Ensino médio completo	Adolescência. Caracterização da Adolescência. Aspectos físicos e psicossociais. Sexualidade: Conceitos básicos. Educação sexual na escola. Prevenção de problemas. Drogadição: Conceitos legais. Drogas lícitas e ilícitas. Percepção sobre o usuário. Disciplina Escolar. Agressividade, limites e violência. Autonomia e obediência. Trabalho em equipe: Níveis de interação. Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº. 8.069/1990. 8. Noções sobre educação de jovens e adultos. Noções de Administração: conceitos básicos, organogramas e fluxogramas. Noções de relações humanas e relações públicas; comportamento grupal e liderança e equipe multiprofissional. Gestão de conflitos. Regras de atendimento ao público. (Edital de concurso público n. 02/IFMA/2016)	2016
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR)	Ensino médio completo + experiência de 6 meses na função	Constituição da República Federativa do Brasil/1988 (art. 5º). Noções sobre o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-juvenil. Noções sobre o Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária. Noções sobre o SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Sócio Educativo. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Declaração Universal dos Direitos Humanos. A concepção de Protagonismo Juvenil. Noções de Teorias da Aprendizagem/Desenvolvimento Humano. Ética no serviço público. Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Prevenção ao uso de drogas ilícitas. (Edital n. 15/IFPR/2016)	2016

⁷ IFCE, IFMA, IFPR e IFSP são os maiores Institutos Federais do Brasil em relação a quantidade de campus. Os dois primeiros ficam localizados na região Nordeste, o terceiro Instituto citado está localizado na região Sul, e o último se encontra no Sudeste brasileiro.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)	Ensino médio completo	Políticas Públicas Educacionais vigentes. Princípios, Fins e Forma de organização da Educação Básica Nacional. Aspectos pedagógicos, políticos, éticos e sociais da educação básica. Finalidades, Objetivos e Organização dos Institutos Federais de Educação. Educação Profissional - formas de oferta. Proteção integral à criança e ao adolescente. Construção coletiva do Projeto Político- Pedagógico. Avaliação de desempenho dos alunos e do ensino médio. (Edital n. 864/IFSP/2015)	2016
---	-----------------------	---	------

Fonte: Organizado pela autora

Em 2005 foi aprovada a proposta de profissionalização técnica de nível médio para atuação na área da educação através da Resolução n. 5, de 2005, do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Básica (CEB). Com essa resolução foi incorporada às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio a 21ª Área Profissional, nomeada como área de Serviços de Apoio Escolar. Tal fato foi muito importante para a valorização dos profissionais não docentes que atuam como agentes técnicos educativos. A caracterização da área e as competências profissionais gerais do técnico da área são as constantes do Parecer CNE/CEB n. 16/2005. Esse parecer apresenta o seguinte texto sobre a caracterização da área profissional de serviços de apoio escolar:

Compreende atividades em nível técnico, de planejamento, execução, controle e avaliação de funções de apoio pedagógico e administrativo nas escolas públicas e privadas de Educação Básica e Superior, nas respectivas modalidades. Tradicionalmente, são funções educativas que se desenvolvem complementarmente à ação docente. (Conselho Nacional de Educação, 2005, p.3)

De acordo ainda com o parecer citado, as competências profissionais gerais do técnico da área são as seguintes:

Identificar o papel da escola na construção da sociedade contemporânea; assumir uma concepção de escola inclusiva, a partir do estudo inicial e permanente da história, da vida social pública e privada, da legislação e do financiamento da educação escolar; identificar as diversas funções educativas presentes na escola; reconhecer e constituir identidade profissional educativa em sua ação nas escolas e em órgãos dos sistemas de ensino; cooperar na elaboração, execução e avaliação da proposta pedagógica da instituição de ensino; formular e executar estratégias e ações no âmbito das diversas funções educativas não docentes, em articulação com as práticas docentes, conferindo-lhes maior qualidade educativa; dialogar e interagir com os outros segmentos da escola no âmbito dos conselhos escolares e de outros órgãos de gestão democrática da educação; coletar, organizar e analisar dados referentes à secretaria escolar, à alimentação escolar, à operação de multimeios didáticos e à manutenção da infra-estrutura material e ambiental; redigir projetos, relatórios e outros documentos pertinentes à vida escolar, inclusive em formatos legais, para as diversas funções de apoio pedagógico e administrativo. (Conselho Nacional de Educação, 2005, p.3)

A incorporação do profissional de serviço de apoio escolar, em uma das áreas da Educação Profissional Técnica de Nível Médio já vinha sendo discutida desde 1999. Os princípios gerais da política

de formação profissional do Técnico em Educação (quadro 3) estão contidos em dois dispositivos legais: a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n. 9394/1996). Além disso, o Plano Nacional de Educação (PNE) (Lei n. 13005/2014) apresenta em suas metas muitas falas que se relacionam com a política de formação profissional do pessoal não docente.

Quadro 3 - Princípios gerais da política de formação profissional do Técnico em Educação

Dispositivo Legal	Princípios
Constituição Federal (1988)	<p>"Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (Constituição, 1988).</p> <p>"Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - Pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V - Valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União; VI - Gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII - Garantia de padrão de qualidade" (Constituição, 1988).</p>
Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996)	<p>"Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social." (Lei n. 9.394, 1996)</p> <p>"Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - Pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; IV - Respeito à liberdade e apreço à tolerância; V - Coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; VI - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; VII - Valorização do profissional da educação escolar; VIII - Gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino; IX - Garantia de padrão de qualidade; X - Valorização da experiência extra-escolar; XI - Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; XII - Consideração com a diversidade étnico-racial; XIII - Garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida." (Lei n. 9.394, 1996)</p> <p>"Art. 61. Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: I - a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; II - a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; III - o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades." (Lei n. 9.394, 1996)</p>

"Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional." (Lei n. 9.394, 1996)

Fonte: Organizado pela autora, baseado na Constituição (1988) e Lei n. 9.394 (1996)

Atualmente a área de serviços de apoio escolar possui as seguintes habilitações: Gestão Escolar, Alimentação Escolar, Multimeios Didáticos e Meio Ambiente e Manutenção da Infra-estrutura Escolar. Ainda não há nenhum curso técnico criado especificamente para ofertar uma formação aos assistentes de alunos, porém a criação de uma área profissional voltada aos funcionários não docentes através da Resolução n. 5 CNE/CBE/2005 já é um grande avanço, pois além de contribuir com a aquisição das competências necessárias para o bom desenvolvimento das atividades educacionais da grande maioria do pessoal não docente das escolas, também é um instrumento importante para a construção da identidade social desses funcionários e ressalta a valorização profissional do pessoal não docente que vem ocorrendo nas últimas décadas.

Em outro ponto da busca pelo aperfeiçoamento do assistente de alunos está a tentativa dos sindicatos que defendem os Técnicos-Administrativos em Educação de aglutinar o assistente de alunos com o auxiliar em assuntos educacionais, passando a compor um único cargo denominado assistente em assuntos educacionais. Caso a proposta seja aprovada pelos poderes Legislativo e Executivo o novo cargo ficaria com a descrição e atribuições do auxiliar em assuntos educacionais, que segundo o Ofício Circular n. 015 de 2005, da Coordenação Geral de Gestão de Pessoas no Ministério de Educação do Brasil a descrição sumária do cargo é

executar, sob supervisão e orientação, trabalhos relacionados com assistência e orientação educacional, aplicar recursos audiovisuais na educação; auxiliar na supervisão, administração e inspeção das atividades de ensino; além de auxiliar nas demais atividades que envolvam a pesquisa, o ensino e a extensão (Ministério da Educação, 2005).

As atribuições dos cargos seriam unidas de forma que seriam incorporadas como atribuições desse profissional atividades como:

Organizar, coletar dados e colaborar na aplicação de testes psicológicos e vocacionais (...) Classificar e catalogar recursos audiovisuais; dar assistência na preparação de aulas práticas; assistir os professores no manuseio dos recursos audiovisuais; pesquisar fontes de informação e materiais didáticos; acompanhar discentes em estágios; auxiliar na coleta de informações sobre legislação do ensino, processos de aprendizagem e métodos de administração escolar; colaborar no planejamento, controle e avaliação das atividades de ensino (Ministério da Educação, 2005).

Segundo o Relatório do Grupo de Trabalho de Racionalização dos Cargos do PCCTAE, constante na página virtual do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (SINASEFE) a proposta também visa modificar o requisito de ingresso para admissão ao cargo de assistente de alunos, pois o objetivo é que além do ensino médio completo seja exigido algum conhecimento específico para atuar nessa função, o relatório justifica que há a “necessidade de conhecimentos, habilidades e atitudes no trato com o educando, de forma a atender o que prevê o Plano Nacional de Educação” (SINASEFE, 2010, p.21).

Todas essas perspectivas futuras para o assistente de alunos envolvem investimento de recursos por parte do Governo Federal, seja em formação ou em elevação de salários, por isso ainda é incerto qualquer previsão que possa ser feita para o trabalho do assistente de alunos. Porém algo que não é dúvida para esse profissional escolar é que o seu público de estudantes se torna cada vez mais complexo e dinâmico, assim como a escola em que ele está inserido, assunto que será debatido no próximo capítulo.

Capítulo II - Uma análise sociológica sobre a escola, as juventudes e suas relações

A escola é uma instituição que atualmente está presente em praticamente todos os lugares e atinge a maior parte da população mundial. A grande maioria das pessoas no mundo todo em algum momento de suas vidas já frequentou uma escola, mas então como definir a escola?

Saviani (2007) afirma que o termo escola é bastante antigo, derivando de uma palavra grega que significa, etimologicamente, o lugar do ócio, tempo livre. Interpretando literalmente isso quer dizer que nos tempos primórdios a escola era o lugar para onde iam os que dispunham de tempo livre. Já Canário (2005), sob uma ótica mais atual, define a escola como uma invenção histórica, contemporânea à revolução industrial e liberal, e que introduziu três novidades: o aparecimento de uma área educativa especializada que separa o aprender do fazer, ou seja, a escola dissociou educação e trabalho; a relação social pedagógica passou a ocorrer em classes, superando a relação dual que ocorria anteriormente entre mestre e aluno; e além de tudo a escola proporcionou uma nova forma de socialização, a escolar, que progressivamente se tornou hegemônica. Sobre essa socialização Lima (1998) recorda que a escola surgiu como uma extensão da família e que teve (e ainda tem) como uma de suas funções expandir e complementar o papel educativo da família.

Naquele momento da Revolução Industrial em que a sociedade estava em transição de rural para urbana e o trabalho deixava de ser predominantemente agrário para ser industrial, o direito vigente na sociedade também passava conseqüentemente por transformações, indo segundo Saviani (2003) do direito consuetudinário para o direito positivo. Pode-se afirmar que o direito consuetudinário é aquele que surge dos costumes de uma certa sociedade, não passando por um processo formal de criação de leis; enquanto o direito positivo significa que a sociedade se organiza segundo normas formais estabelecidas por convenções. Para que as leis desse último direito possam se fazer conhecidas é necessário que a sociedade possa fazer parte de uma cultura letrada.

Esse tipo de sociedade tem, pois, como pressuposto, como premissa necessária, a introdução de códigos de comunicação não naturais, não espontâneos. É a partir daí que se pode entender a exigência de generalização dos códigos escritos, trazendo consigo, por conseqüência, a necessidade da generalização da alfabetização. Sobre esse pressuposto também se coloca a questão da universalização da escola que, estando referida ao trabalho intelectual, à cultura letrada, se constitui como via de acesso aos códigos escritos. Nas formas de sociedade anteriores, a escola podia ficar restrita àquela pequena parcela da sociedade que precisava desenvolver esse tipo de trabalho. A sociedade capitalista, cujo eixo passa a girar em torno da cidade, incorpora, na própria forma de organização, os códigos escritos, gerando a necessidade de que todos possam

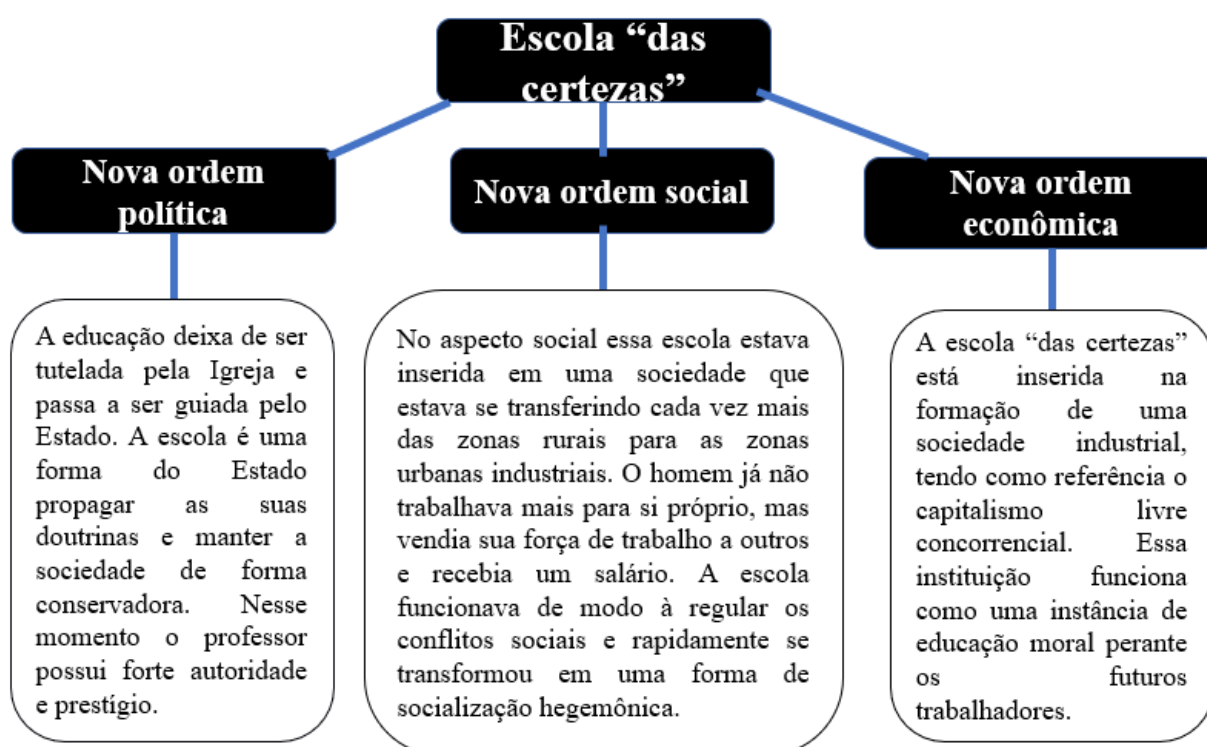
dominá-los. Decorre daí a proposta de universalização da escola e é sobre essa base que vão se estruturar os currículos escolares. (Saviani, 2003, pp. 134-135).

2.1 A escola: “das certezas” às “incertezas”

A escola já não é a mesma desde que surgiu, há quem diga que a escola vive uma crise, mas Canário (2005) nos traz um panorama que analisa a escola em três fases distintas, mostrando que ela vive em constante mutação, assim como a sociedade em que ela está inserida.

O primeiro período pelo qual a escola passou foi a “escola das certezas”, sendo considerado o maior período já vivido pela escola e que compreende temporalmente da Revolução Francesa até o fim da Primeira Guerra Mundial. Canário (2005) considera que essa foi a “idade de ouro” da escola e que coincidiu com o apogeu do capitalismo liberal, sendo associada historicamente à produção de uma nova ordem política, uma nova ordem social, e uma nova ordem econômica (figura 1).

Figura 1 - Caracterização da escola "das certezas"



Fonte: Baseado em Canário (2005, pp. 64-67)

Percebe-se que nesse período a escola possuía uma forte legitimidade social pois funcionava de forma meritocrática e era vista como justa, na medida em que favorecia a mobilidade social ascendente de alguns que mais se destacavam pelo seu mérito (Canário, 2005).

O período posterior à Segunda Guerra Mundial (os “Trinta Gloriosos”, 1945-1975) é marcado pelo crescimento exponencial da oferta educativa escolar, como efeito combinado do aumento da oferta (políticas públicas) e do aumento da procura (“corrida à escola”). O fenômeno da “explosão escolar” assinala um processo de democratização de acesso à escola que marca a passagem de uma escola elitista para uma escola de massas e a sua entrada num “tempo de promessas” (Canário, 2008, p.74).

A escola “das promessas” surgiu sob uma profunda euforia e otimismo em relação a escola, estando fundamentada na Teoria do Capital Humano. Essa teoria foi formalizada por Schultz (1973), e expressava que “ao investirem em si mesmas, as pessoas podem ampliar o raio de escolha posto à disposição. Esta é uma das maneiras por que os homens livres podem aumentar o seu bem-estar” (Schultz, 1973, p.33). Em resumo a teoria proposta por Schultz previa que quanto mais escolarizada a população, mais desenvolvimento econômico teria o país e a própria população, estava assim estabelecida uma promessa de relação direta entre escola e ascendência social.

Dessa forma, de acordo com Canário (2008) esse período esteve baseado em um maior número de escolas associado a três promessas: uma promessa de desenvolvimento, uma promessa de mobilidade social e uma promessa de igualdade. Nesse momento a escola já não era mais apenas responsável por instalar uma cidadania nova e dar legitimidade ao Estado, mas ela estava intrinsecamente ligada ao mundo do trabalho, funcionando como que a formar os futuros trabalhadores da nação, e era necessário avançar nos estudos escolares para alcançar melhores empregos e conseqüentemente melhores salários. Dubet (2003) nos lembra que na França por exemplo, até o início da década de 70, os diplomas eram produzidos em quantidade menor ou igual a dos empregos qualificados a que correspondiam. Isso criou a triste ilusão de que ter um diploma bastava para a garantia de ter um emprego, pois afinal era apenas uma pequena parcela da população que chegava ao ensino superior, e, portanto, o valor social do diploma era garantido devido a sua escassez.

Aliado a todas essas características, foi também durante a vigência da “escola das promessas” que se desenvolveu o Estado de bem-estar social, também conhecido por Estado-providência ou pelo seu termo em língua inglesa *Welfare state*. Antes da década de 30, o Estado era tido apenas como uma entidade responsável pela alocação de recursos na produção e pelas leis que regiam um território. Durante longo tempo, a ideia que prevalecia era a da teoria clássica em que o sistema econômico era dominado pelas leis de mercado e por si só se auto ajustava, tendendo ao pleno emprego e ao *laissez faire, laissez aller, laissez passer*, que de forma literal quer dizer deixar fazer, deixar ir, deixar passar (Smith, 1996). Acreditava-se no aumento natural da competitividade de mercado, não sendo preciso a influência do Estado.

Entretanto, com a grande depressão econômica ocorrida em 1929, quando foi possível perceber que a ideia de mercado perfeito era inconsistente, devido às suas próprias falhas, uma nova corrente de pensamento sobre a necessária intervenção do Estado começou a ganhar força. O pensamento keynesiano defendia a ideia de que o Estado careceria de encontrar novas formas de dominar o desequilíbrio econômico, através de grandes investimentos, principalmente no setor privado, para aquecer mais uma vez a economia. Sendo assim, a proposta keynesiana sobre o papel do Estado frente à economia se consolidava (Keynes, 1988).

O Estado do bem-estar social começou a ganhar força principalmente na Europa, com mais intensidade nos Estados escandinavos, como a Suécia, tendo como preconizador o economista e sociólogo Karl Gunnar Myrdal. Segundo Myrdal (1968), as políticas sociais produtivas - através de regulamentações sociais, possibilitariam o crescimento econômico e deveriam ser vistas como investimentos e não como custos, ideia defendida pelos liberais e fundamentalistas. Dessa forma, o Estado seria o agente regulamentador de toda a vida e saúde social, política e econômica do país, em parceria com as demais instituições que compõem a sociedade.

Sen (2000), economista e outro defensor do Estado de bem-estar social, acredita que para se construir uma boa sociedade é necessário não somente instituições baseadas no mercado, mas também instituições baseadas no Estado, pois este faz coisas que aquele não consegue fazer com eficiência e equidade nas áreas de saúde, educação, segurança e apoio aos desempregados e aos pobres. Toda essa atmosfera proporcionada pelo Estado-providência contribuiu para a grande massificação da escola durante a sua era das promessas.

Como podemos perceber atualmente, as promessas não prosperaram. “A investigação sociológica encarregou-se de demonstrar a inexistência, quer de uma relação de linearidade entre as oportunidades educativas e as oportunidades sociais, quer de uma relação linear entre democratização do ensino e um acréscimo de mobilidade social ascendente.” (Canário, 2008, p. 75).

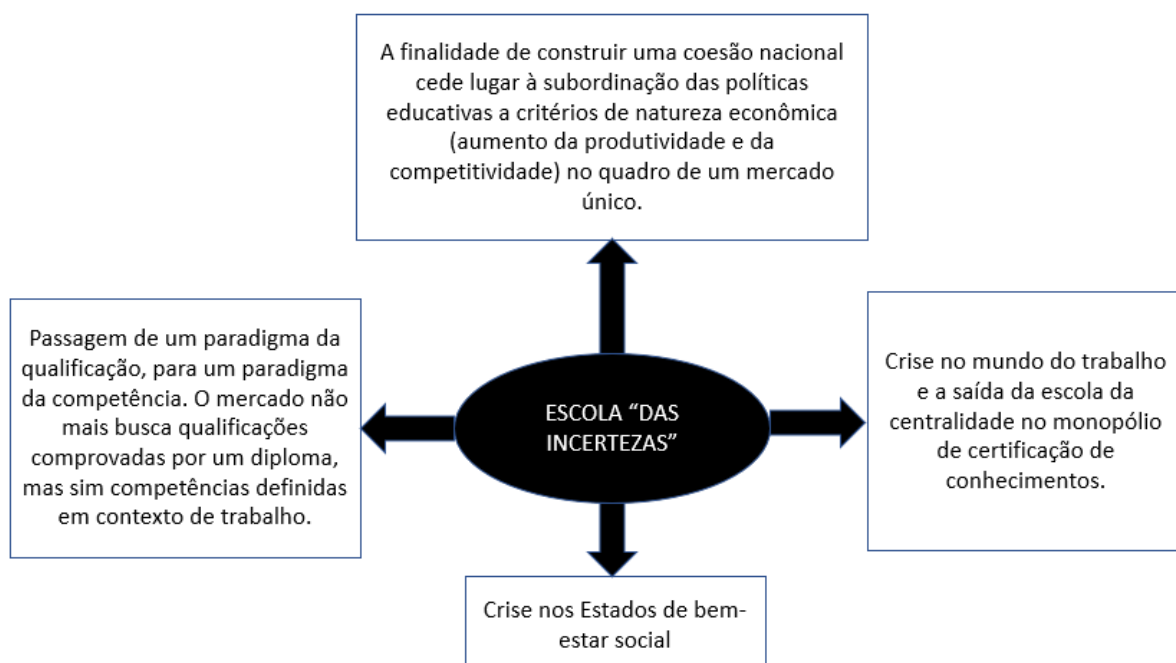
Dubet (2003) foi além, afirmando que as grandes teorias desenvolvidas pela sociologia da educação demonstraram que os próprios processos escolares produzem desigualdades que, por sua vez, reproduzem as desigualdades sociais. A massificação da escola não reduziu as desigualdades escolares como alguns talvez sonhassem, mas sim ao se abrir a escola, ela demonstrou não ser mais inocente, nem tampouco neutra, pois está em sua essência reproduzir as desigualdades sociais produzindo as desigualdades escolares.

De acordo com Antunes (2009), foi a partir de 1970, após um grande período de acúmulo de capital, que o capitalismo passou a sinalizar um quadro nevrálgico demonstrado por elementos como: a falência do padrão de acumulação; baixa na taxa de lucros; aumento das privatizações; a crise do Estado do bem-estar social; dentre outros elementos. Essa crise, que não afetou apenas a economia, mas consequentemente as áreas política e social também, fez com que o desencanto com a escola se amplificasse nas últimas décadas do século XX.

Este conjunto de mudanças profundas afetou a juventude de forma muito particular, nomeadamente, no que diz respeito à natureza da sua relação, quer com a escola, quer com o mercado de trabalho: passou-se de uma relação marcada pela previsibilidade para uma relação em que predomina a incerteza. (Canário, 2008, p. 76)

Essa incerteza se destrincha em vários aspectos, visto que ela vira motivo de sofrimento psíquico, sendo o mais difícil de todos os estados psicológicos porque corresponde a um estado em que torna impossível fazer planos para o futuro, fazendo com que se ande às cegas, sem saber ao certo o que poderá ser alcançado lá na frente do caminho. Ora, as incertezas que passaram a dominar o mundo globalizado fez com que alguns paradigmas também se modificassem no âmbito da educação, sendo esse período da escola considerado “das incertezas” (figura 2).

Figura 2 - Caracterização da escola "das incertezas"



Fonte: Baseado em Canário (2008, pp. 76-77)

Portanto, a escola "das incertezas" é marcada por um mundo globalizado caracterizado por uma intensa crise nos Estados de bem-estar social vigentes em épocas passadas, concomitantemente as políticas educativas passaram a ceder aos interesses do capital, gerando assim uma oferta educacional baseada em aumento de produtividade e competitividade. Há uma crise no mundo do trabalho, onde os diplomas já não são mais garantia de pleno emprego, e dessa forma a escola acaba diminuindo a sua importância no âmbito da certificação de conhecimentos. E para completar há também uma mudança de paradigmas nas admissões ao mercado de trabalho, retira-se o paradigma da qualificação e entra o paradigma da competência, onde o importante para adentrar e se manter no mercado de trabalho passa a ser as competências que o trabalhador possui e não as suas qualificações baseadas em um diploma.

Aliado a tudo isso, essa escola está inserida em uma sociedade que vive uma mutação generalizada, não apenas nos aspectos econômico e político. A família, citada na Constituição Federal Brasileira em seu artigo 226 como "base da sociedade" (Constituição, 1988, art. 226) e na Constituição da República Portuguesa no artigo 67 como "elemento fundamental da sociedade" (Constituição da República Portuguesa, 2005, art. 67) passa por profundas modificações, ao ponto que já não podemos mais falar em família, mas em famílias, compostas pelos mais variados sujeitos, que muitas vezes não possuem sequer ligação sanguínea. Williams (2010) disserta que os modelos familiares já estão bem menos dependentes dos laços de sangue ou do casamento, os compromissos conjugais já convivem em lares diferentes ligados por casamentos dissolvidos, famílias recompostas, parceiros não residenciais e parentela geograficamente distante.

As crianças e jovens, que são o público das nossas escolas, também vivem essa mutação, já são mais questionadores, nasceram cercados por tecnologias e fácil acesso à informação, e se entediam mais facilmente. Cercados pelo virtual, e sem uma base sólida em seus lares, o sociólogo Zygmunt Bauman (2001) afirma que há um enfraquecimento dos laços humanos e do sentido de comunidade, o qual seria um efeito da atual "sociedade de consumo", que estimula uma concepção individualista de vida. Dessa forma, ele resume a definição da sociedade vigente em um termo, "sociedade líquida", pois as relações duráveis passaram a meras ligações flexíveis e de mobilidade rápida.

Com todas essas mutações sociológicas, a escola parece perder o sentido para ambos os sujeitos que a compõem. Rui Canário (2008) afirma que a falta de legitimidade vivida pela escola leva à falta de sentido positivo no trabalho desenvolvido na escola pelos docentes e alunos, e acrescenta ainda os profissionais não docentes que também atuam na escola. Vemos as crescentes manifestações de recusa para conviver harmoniosamente com a escola através dos inúmeros casos de violência escolar,

indisciplina, absentismo, abandono e baixos níveis de literacia após muitos anos de escola. Isso demonstrado pelos alunos, porém no lado dos profissionais escolares as demonstrações de insatisfação também ocorrem. Segundo reportagem do jornal O Globo, um dos mais antigos jornais brasileiros, a cidade do Rio de Janeiro (2ª maior metrópole brasileira) possuía em março de 2019 cerca de 800 professores de sua rede municipal em afastamento escolar por questões psicológicas, com uma média de 1 afastamento a cada 3 horas. Esse tipo de reportagem não é exceção, nem é algo restrito ao Brasil, mas está cada vez mais comum vermos notícias e estudos sobre isso em todo o mundo, como é possível perceber na obra intitulada “O stress nos professores portugueses”, publicada pela Universidade do Porto no começo do milênio (Cardoso *et al.*, 2002). (Dubet, 2002) resume afirmando que há uma forte semelhança entre a experiência dos professores e a dos alunos.

Seria esse o fim da escola? Uma coisa é clara, a escola como a aceitamos já não sobrevive mais, ela não pode ser imutável, pois a sociedade em que ela está inserida também não é.

A escola, na configuração histórica que conhecemos (baseada num saber cumulativo e revelado) é obsoleta, padece de um déficit de sentido para os que nela trabalham (professores e alunos) e é marcada, ainda, por um déficit de legitimidade social, na medida em que faz o contrário do que diz (reproduz e acentua desigualdades, fabrica exclusão relativa). Não é possível adivinhar nem prever o futuro da escola, mas é possível problematizá-lo. É nesta perspectiva que pode ser fecundo e pertinente imaginar uma “outra” escola, a partir de uma crítica ao que existe.

(...)

Os professores e os alunos são, em conjunto, prisioneiros dos problemas e constrangimentos que decorrem do déficit de sentido das situações escolares. A construção de uma outra relação com o saber, por parte dos alunos, e de uma outra forma de viver a profissão, por parte dos professores, têm de ser feitas a par. A escola erigiu historicamente, como requisito prévio da aprendizagem, a transformação das crianças e dos jovens em alunos. Construir a escola do futuro supõe, pois, a adopção do procedimento inverso: transformar os alunos em pessoas. Só nestas condições a escola poderá assumir-se, para todos, como um lugar de hospitalidade. (Canário, 2008, pp. 79-80).

As transformações que vêm se ocorrendo na base material da sociedade desde os anos 70 do século XX, normalmente denominadas de “Terceira Revolução Industrial” ou “Revolução da Informática”, vêm promovendo a transferência não apenas das funções manuais para as máquinas, como ocorreu na Primeira Revolução Industrial, mas também as próprias funções intelectuais. Dessa forma, fica posta a necessidade de universalização de uma escola unitária que desenvolva ao máximo as potencialidades dos indivíduos (formação omnilateral), conduzindo-os ao crescimento pleno de suas faculdades intelectuais-espirituais (Saviani, 2003).

A escola do futuro (que necessita urgentemente chegar) deve ser concebida a partir de três finalidades fundamentais: que seja um lugar onde se aprende pelo trabalho e não para o trabalho, em que seja possível evoluir da repetição de informação para a produção de saber; um sítio onde se desenvolva e estimule o gosto pelo aprender, com o objetivo de entender e intervir no mundo, e não por causa dos benefícios materiais ou simbólicos que possam estar prometidos para o futuro; e a última finalidade é que a escola seja um ambiente onde se vive a democracia, no qual se aprende a ser intolerante com as injustiças e a exercer o direito à palavra, usando-a para pensar o mundo e nele intervir (Canário, 2008).

A escola está e faz parte da sociedade, e por isso necessita se alinhar a ela, buscando compreender o mundo em que está inserida e os sujeitos que a formam, pois senão a tendência é que os conflitos e cansaços se multipliquem em profissionais da educação e alunos (aqui vale lembrar que antes de tudo os alunos são jovens e crianças). Uma parte desses alunos será o tema da reflexão do próximo item, as juventudes.

2.2 Juventudes: conceitos e reflexões

Muitas têm sido as leituras sobre a sociedade em que vivemos, mas ela está tão complexa e mutável que a dificuldade de caracterizar e analisar esse cenário tem levado diversos autores (de sociólogos até jornalistas) a utilizarem metáforas para representar o seu entendimento desta realidade. Só para citar alguns exemplos, McLuhan (1972) chama a sociedade moderna de “Aldeia Global”, Castells (1999) nomeia de “Sociedade em Rede”, Huntington (1997) prefere denominar “Choque de Civilizações”, e ainda tem um termo dado por Bauman (2001), que se popularizou muito rapidamente e já citado anteriormente nesse trabalho, que acrescentou o adjetivo líquida ao substantivo sociedade, qualificando um modelo societal que diferente de um sólido, que não muda de forma com facilidade, está constantemente se modificando e fluindo.

Neste contexto extremamente vivo e plural de distintas buscas e intensas discussões na sociedade cabe uma reflexão sobre o público que as nossas escolas estão atendendo. Nos deteremos aqui a refletir sobre a juventude, público-alvo nas escolas de nível secundário, sendo uma escola desse nível o campo de estudo desse trabalho.

Nesta sociedade definida de tantas formas e extremamente diferente da que as gerações passadas viveram, é consenso que os jovens de hoje têm extremas diferenças com relação aos que viveram algumas décadas atrás. Mas antes de caracterizar é interessante definir o que é a juventude,

que não possui apenas um conceito, mas sim conceitos, pois não há um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos de significados que levem a ideias e representações sobre os jovens.

Conforme Pais (1990) há duas correntes teóricas da sociologia da juventude, existe a corrente geracional, focada na questão biológica da juventude, e a corrente classista, que tem o foco no aspecto sociológico desse mesmo fenômeno. A corrente geracional coloca como ponto de partida a noção de juventude quando referida a uma fase de vida, e enfatiza, conseqüentemente, o aspecto unitário da juventude, considerando que esses indivíduos estão unidos pelo sentimento de pertencimento a um grupo que compartilha distintos atributos (como a mesma faixa etária, mesmos interesses, igual visão de mundo entre outras características que os diferenciariam das demais gerações). Para essa corrente é admitida a existência de uma cultura juvenil, que de certo modo contraria a cultura de outras gerações, e a renovação e continuidade da sociedade dependeriam da relação entre as gerações, dialeticamente submetidas a uma ou outra forma de tensão. Já a corrente classista parte do pressuposto de juventude não ligado há uma faixa etária específica que participa da reprodução de valores culturais através das gerações, mas sim da juventude enquanto reprodutora de classes sociais. De acordo com essa corrente, a transição dos jovens para a fase adulta sempre estaria pautada por mecanismos de reprodução classista, e as culturas juvenis são sempre entendidas como produto de relações antagônicas de classe, sendo por isso que essa corrente muitas vezes apresenta as culturas juvenis como culturas de resistência.

Ainda sobre a corrente classista, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983) alerta que assumir a juventude como um fenômeno homogêneo, independente de divisões sociais, é uma tentativa de manipulação da realidade, pois não considerar as diferentes oportunidades vivenciadas por jovens de distintas classes sociais resultaria em análises caricaturais do fenômeno da juventude. Para ele, existem duas juventudes: a experimentada pelos filhos da burguesia e outra, bastante limitada e quase inexistente, vivenciada pelos filhos dos operários. Ignorar tais diferenças de classes no estudo da juventude significa contribuir para a ideologia dominante de reprodução de privilégios. Como consequência temos a interpretação da cultura juvenil como cultura de resistência, onde os valores compartilhados pelos jovens seriam reflexos dos valores de suas correspondentes classes sociais.

Pais (1990) resume esses conceitos a medida em que argumenta que a juventude deveria ser considerada como algo unitário ao se referir a uma fase da vida, e como diversidade quando estão em jogo diferentes predicados sociais que diferenciam uns dos outros. Com esses conceitos é perceptível

que o fenômeno da juventude não se restringe apenas a uma mera passagem para outra etapa no ciclo de vida, mas envolve diversas nuances que precisam ser analisadas.

E entre as nuances passíveis de análises não se pode deixar de mencionar os problemas sociais pelos quais as juventudes passam. Essa é uma fase por si só já dotada de inconstância e imprevisibilidade, pois passou a fase doce e leve da infância e já inicia um acúmulo de responsabilidades e decisões que acarretarão na fase adulta.

Giddens (1991) sugere que a condição juvenil vem se construindo em um contexto de profundas transformações sócio-culturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, oriunda da ressignificação do tempo, espaço e da reflexividade, dentre outras dimensões, o que vem gerando uma nova arquitetura do social.

Histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados «problemas sociais». Se os jovens não se esforçam por contornar esses «problemas», correm mesmo riscos de serem apelidados de «irresponsáveis» ou «desinteressados». Um adulto é «responsável», diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento). A partir do momento em que vão contraindo estas responsabilidades, os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos (Pais, 1990, p. 141).

A juventude vive atualmente numa era sem esperança, uma era onde é difícil imaginar e planejar o futuro que se configura em algo cheio de incertezas. Nos Estados Unidos por exemplo e em muitos outros países, a juventude se encontra num contexto crítico dentro da história, definido por diversas crises que variam de uma economia que há muito tempo remunera pessimamente o trabalho, o futuro de expectativas fracassadas, poucas chances de mobilidade, taxas cada vez mais altas para a educação, e governos que hoje mais castigam a juventude do que investem em seu futuro (Giroux, 2014).

Pais (1990) disserta que os problemas sociais com os quais os jovens portugueses modernos lidam passam pelo mesmo cenário, a falta de emprego, que leva também às dificuldades que esses jovens vivem para conseguir o acesso à habitação, fazendo com que muitos deles prolonguem a estadia na casa dos pais, retardem o casamento, ou casem e continuem morando sob o mesmo teto dos pais, o que também pode ocasionar em mais problemas.

A “cultura juvenil” requer um espaço social próprio. As carências e dificuldades nos domínios da habitação, do emprego e da vida afectivo-sexual podem converter-se numa fonte aguda de conflitos e problemas. A emancipação dos jovens, que tradicionalmente tem culminado com a constituição de um «lar» próprio, habitualmente precedida pela obtenção de emprego, encontra-se, nesta perspectiva, cada vez mais

bloqueada. No caso de os jovens prolongarem os laços de dependência familiar, cultivando, ao mesmo tempo, um universo cultural distinto do da família de origem, essa convivência, forçadamente prolongada, pode traduzir-se por conflitos familiares de alguma intensidade. Aliás, as dificuldades de constituição de um «lar», em idades socialmente consideradas como as mais apropriadas, faz que alguns jovens rejeitem —em alguns casos, não sem a contrariedade da família— o modelo tradicional de casamento e optem por relações pré-matrimoniais ou «uniões livres», ou, ainda, adiram ao aborto, às relações precárias, ao divórcio e às chamadas variantes da vida sexual. (Pais, 1990, p. 142)

O cenário brasileiro não é muito diferente do europeu e do americano, visto que as mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho estão alterando as formas de inserção dos jovens brasileiros no mercado, com uma expansão das taxas de desemprego aberto, com o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários, que atingem, especialmente, os jovens das classes mais populares, demarcando o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades (Dayrell, 2007).

No entanto, Dayrell (2007) faz um adendo em relação à diferença da juventude vivenciada no Brasil e nos países europeus, pois no país latino-americano a juventude não pode ser caracterizada pela moratória em relação ao trabalho, como é comum nos países europeus. Ao contrário, para uma grande parte dos jovens brasileiros, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo.

Toda essa insegurança quanto ao futuro desembarca no imediatismo característico das juventudes atuais. “Na ausência da segurança de longo prazo, a satisfação instantânea parece uma estratégia sedutoramente razoável (...). O que quer que a vida possa oferecer, deixe que seja logo. Quem sabe o que o dia de amanhã reserva?” (Bauman, 2009, p. 197).

(...) É a nova mentalidade de “curto prazo”, que substituiu a de “longo prazo”. Casamentos “até que a morte nos separe” estão decididamente fora de moda e se tornaram uma raridade: os parceiros não esperam mais viver muito tempo juntos. De acordo com o último cálculo, um jovem americano com nível médio de educação espera mudar de emprego 11 vezes durante sua vida de trabalho – e o ritmo e frequência da mudança deverão continuar crescendo antes que a vida de trabalho dessa geração acabe. “Flexibilidade” é o slogan do dia, e quando aplicado ao mercado de trabalho augura um fim do “emprego como o conhecemos”, anunciando em seu lugar o advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas “até nova ordem”. A vida de trabalho está saturada de incertezas. (Bauman, 2001, p. 169).

E isso acaba refletindo também no modo sem regras como os jovens guiam a sua vida atualmente, “enquanto as gerações mais velhas orientam a sua vida por caminhos e valores de

segurança e rotina, os jovens escolhem, muitas vezes, as rotas de ruptura, do desvio” (Pais, 2006, p. 10).

(...) Pois não dá mais resultado o adiamento do gozo: a espera messiânica do paraíso celeste ou a ação urdida para um amanhã que canta, ou outras formas de sociedades futuras reformadas, revolucionadas ou mudadas. Somente o presente vivido, aqui e agora, com outros, importa (Maffesoli, 2005, p. 15).

Nessas diferentes expressões das culturas juvenis, é possível constatar também a presença de uma lógica baseada na reversibilidade, expressa na constante oscilação presente em todas as dimensões da vida desses jovens. Vão e voltam em diferentes formas de lazer, com diferentes turmas de amigos, e diferentes estilos de roupa, de música, e o que mais for possível estilizar. Concordam com um grupo cultural hoje e amanhã poderá estar aderindo a outro, sem maiores rupturas. Na área afetiva, tendem a não criar compromissos com as relações amorosas além de um dia ou de uma semana, sendo esse ato denominado no Brasil de “ficar”, que seria um namoro mais descompromissado. O “vaivém” também é observado no trabalho, pois há uma mudança constante dos empregos, algo reforçado pela própria precarização do mercado de trabalho, que pouco oferece além de pequenos trabalhos ou empregos temporários (Dayrell, 2007).

Não é à toa que baseado nessa lógica, Pais (2003) chega a caracterizar esta geração como “ioiô”, numa alusão ao brinquedo formado por dois discos e uma corda que vai e volta à mão do brincante, sendo portanto um termo que traduz bem a idéia da vida inconstante das gerações atuais, que ora estão comprometidos, ora estão solteiros, ora estão empregados e fora da casa dos pais, e ora já estão desempregados, retornando à casa dos genitores e/ou voltando aos bancos escolares.

Apesar de todas as diferenças de classes e geográficas, jovens são jovens, e de acordo com Palhares (2008), essa é uma *fase da vida* mais propensa à experimentação do social, ao envolvimento em múltiplos contextos de interação.

Além disso, os jovens costumam também viver as emoções de forma intensa, e se utilizam cada vez mais da dimensão simbólica e expressiva como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade. Para isso eles se expressam através da música, da dança, do vídeo, do corpo e do seu próprio visual, dentre outras formas de expressão, como mediadores que articulam a sua rede social. Além disso tudo, também tem se ampliado o número dos jovens que se colocam como produtores culturais e não apenas consumidores e disseminadores, agrupando-se para produzir músicas, vídeos, danças, ou mesmo programas em rádios comunitárias (Dayrell, 2007). O estilo que o jovem adota reflete a sua pertença a um grupo, a uma comunidade de trocas, a uma subcultura. No ambiente

das culturas juvenis, isto pode ocorrer como espaço de afirmação pela distinção, por vezes, estigmatizada e hostil. Por outro lado, a construção de um estilo é ao mesmo tempo inclusiva - a medida em que são incluídos os semelhantes, e exclusiva - a medida em que os diferentes são excluídos do grupo.

O jovem tem um desejo intenso de ser protagonista, tanto que é nessa fase da vida onde ele passa a olhar para instituições como família e escola com indiferença e descomprometimento. E é justamente a escola e a família os grupos que mais sofrem com o impacto dessa indiferença peculiar do jovem, gerando um choque cultural: de um lado as culturas juvenis pautadas pela linha contínua da relação, pelo fervilhamento de ideias, e de montes e montes de emoções e informações; por outro lado, a cultura familiar e escolar marcada pela transmissão cultural (onde o jovem costuma apenas receber) e por um patrimônio de saberes e de saber-fazer (Vieira, 2007).

Nesse sentido, as regras e códigos de conduta ética e moral impostas pelo Estado (representado muitas vezes pela escola) e pela família (moldadas muitas vezes por aspectos religiosos) passam a perder influência perante os jovens. Ocorre basicamente um processo de fuga das tradições, onde as formas tradicionais de pertença que formavam o indivíduo tendem a declinar, não que deixe de haver transmissão entre as gerações de normas e valores, mas no sentido em que esses elementos passam a perder o seu caráter de evidência e de destaque (Giddens, 2003).

E se a família sai de cena na adolescência, quem adquire um status de importância na vida dos jovens são os amigos, pois esse grupo auxilia na afirmação de si e na obtenção do seu próprio espaço fora da tutela dos adultos. (Bauman, 2003, p. 21) define que este adentrar em outros espaços constitui “um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas”. Dessa forma, a partir de sua rede de amigos o jovem constrói a sua própria identidade e sociabilidade, muitas vezes sem a influência familiar. A escola, os pais, educadores e a sociedade em geral não podem ignorar a importância dos laços sociais juvenis, pautados em valores que pulsam nesse cenário pós-moderno (sensações, emoções, prazeres, lúdico, emoções, estética, espetáculo). Estes laços, apesar de ser muitas vezes passageiros, não são menos relevantes do que aqueles apontados por Bauman como sólidos e duradouros (Mattos, 2013).

O sociólogo Maffesoli (1995) usou um termo que cabe bem para as formas de relações estabelecidas pela juventude atual, o termo é “socialidade”, utilizado para identificar as várias formas de criação de comunidade, evidenciando as diferenças das formas de socialização em que foi baseada a sociedade moderna (classes sociais, profissões, associações). A socialidade designa a expressão da força social em sua capacidade de aglutinar os indivíduos, ela define todos os laços sociais que se estabelecem

de forma lúdica, exacerbando as dimensões afetivas e a comunhão de interesses e idéias. Nesse termo são abordadas comunidades para além das relações circunvizinhas geograficamente falando, e de territórios simplesmente físicos, nele são transbordados para a criação de territórios simbólicos, podendo assim falar da era da conectividade, os nativos digitais, onde o código e ordem a se respeitar é justamente estar ligado (online), e esta ação da interação virtual tem sido um ambiente em constante expansão.

E não há como refletir sobre a juventude sem falar das tecnologias digitais que permeiam a vida de todos e praticamente ditam a vida das gerações que já nasceram em meio a elas. Para os jovens contemporâneos as tecnologias digitais de informação e comunicação ocupam lugares centrais em suas vidas, provocando profundas alterações nos seus modos de ser, pensar e sentir.

Prensky (2001) ressalta que a tecnologia interfere inclusive de forma biológica nos jovens, pois devido à plasticidade neural humana, a exposição constante - e cada vez mais cedo - dos cérebros às novas tecnologias, provoca uma reorganização que adapta o cérebro ao processamento de informações no atual cenário digital. Com isso, esse autor defende que as gerações que já nasceram em meio às novas tecnologias têm sim a capacidade de pensar, aprender e se relacionar com as informações e o conhecimento de maneiras fundamentalmente diferentes.

A tecnologia que permite as vivências virtuais não modifica somente os aspectos biológicos dos jovens, mas também e principalmente os sociológicos, pois o que falar do *facebook*, *instagram*, *whatsapp*, e demais redes virtuais sociais que conectam tantas pessoas cotidianamente, talvez até mais do que fisicamente? Tais aparatos servem como fuga e causadores da ansiedade latente nos jovens atuais.

O pensamento de Bauman (2004, p. 82) é elucidativo nesse sentido quando indica que o surgimento da proximidade virtual torna as conexões humanas ao mesmo tempo mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais abreviadas. Dessa forma, as interações necessitam de menos tempo e esforço para serem estabelecidas e também para serem rompidas. “Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão.”

Aliando o *boom* virtual ao desejo intenso do jovem de ser protagonista da história está formada a receita para a expansão da constante exibição que os jovens sentem necessidade de ter no mundo atual. Santaella (2007) diz que a palavra de ordem no ciberespaço é disponibilizar conteúdo. Para interagir virtualmente é necessário também produzir, e nessa mistura de exposição pessoal com a

interação é que programas virtuais de relacionamento (como *Orkut* ou *Facebook* por exemplo) alcançaram tão grande expansão, apoiados sobretudo pelas culturas jovens.

Lemos (2010) aponta que os jovens que já nasceram e cresceram inseridos no contexto socio-técnico e cultural das novas tecnologias de informação e comunicação têm as características mais marcantes das socialidades pós-modernas (tribalismo, presenteísmo, busca da satisfação, do lúdico, do espetáculo) potencializadas pelo uso dessas tecnologias.

É assim que vemos redes sociais reais ficando cada vez mais fragilizadas, sendo substituídas pelas virtuais, onde não há o contato pessoal, o afago é substituído pelo *like*, a amizade por um contato na rede virtual, e as 24 horas do dia são resumidas em 30 segundos de *stories* publicados no *Instagram*. A juventude atual vive na ânsia e pressão para aparentar que tudo está bem quando na verdade tudo pode estar mal e a solidão pode ser a sua única companhia junto ao aparelho celular, pois a foto alegre postada no virtual reflete apenas um momento de alguns milissegundos quando na verdade fica encoberta todas as sensações vividas antes ou depois daquele momento. De fato, apesar de toda a modernidade que trouxe inúmeras praticidades e conectividades, parece não ser muito fácil ser jovem no século XXI, pior ainda quando esse jovem do século XXI frequenta uma escola que parece estar parada no século XIX.

2.3 Juventude e escola: um encontro de culturas

Vivencia-se atualmente uma guerra formada por um choque de culturas, onde de acordo com Dayrell (2007) a cultura escolar (reproduzida pelos sujeitos que a tem como profissão) indica que a culpa do seu atual declínio é do seu público-alvo, os alunos; e os jovens, que assumem o papel de alunos no ambiente escolar, devolvem o julgamento afirmando que a escola já não se adequa mais a eles, gerando a desmotivação latente que pulsa atualmente em ambos os atores que compõem a escola.

Os avanços tecnológicos alcançados nos últimos tempos não foram suficientes para desenvolver a educação, e seguimos vendo níveis talvez até maiores de fracasso escolar, evasão e baixa aprendizagem, entre outros sintomas que configuram o atrito vivido contemporaneamente entre a escola e os jovens. Pelo lado dos profissionais da educação é exposta a idéia de que o problema está originado na própria juventude, caracterizada cada vez mais como egocêntrica, hedonista e abnegada da educação escolar. Enquanto para os jovens a escola está se tornando um espaço estranho, bem afastada de suas culturas e qualidades juvenis. Juntando esses dois lados o que é possível encontrar no cotidiano escolar são choques, tensões e constrangimentos, fruto de uma falta de harmonia entre a escola e seus sujeitos,

e assim “assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe” (Dayrell, 2007, p.1106).

É necessário antes de tudo não realizar uma análise linear sobre esse tema, pois a relação da juventude com a escola não é explicada apenas olhando para esses dois lados, o problema não está somente nos jovens nem exclusivamente na escola, mas pode ser refletido que as tensões vividas atualmente no ambiente escolar são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços (Dayrell, 2007).

Sobre tais mutações, a pesquisadora francesa Jacquinet-Delaunay (2007, pp. 78-79) afirmou em entrevista:

Essas mudanças intervêm também na vida dos jovens e é necessário considerá-las nas famílias e na escola. A cultura das crianças foi modificada nos últimos vinte, trinta anos na família, na escola, na comunidade e na cultura de seus grupos e pares. Suas experiências na construção de identidades, como gênero masculino ou feminino, como cidadão em relação a essa ou aquela etnia, como pessoa que tem agora seus direitos reconhecidos, ou como membro de famílias cada vez mais monoparentais ou recompostas, não podem deixar de ter conseqüências sobre os comportamentos dos alunos. Os meios de comunicação não são estranhos a todas essas mudanças, ao contrário, participam delas. Os jovens hoje são frequentemente considerados desconhecidos ou até mesmo bárbaros pelos adultos: eles têm uma outra linguagem e outros hábitos. Os professores, como os pais, sabem disso, mas não como lidar com isso.

Partindo do pressuposto que as gerações mais experientes possuem maior embasamento para solucionar desafios e problemas, não é possível esperar que os jovens se moldem à escola, mas sim a escola que necessita conhecer os novos modos de ser, pensar, e agir dos jovens contemporâneos. O estudante pós-moderno possui necessidades diferentes daquelas que seus pais tiveram, ele precisa de novas capacidades e formas de aquisição do conhecimento e subjetivação com as quais a escola não está preparada para lidar.

As escolas atuais apresentam fortes marcas de um contexto sociocultural ultrapassado, se afastando cada vez mais das condições juvenis existentes na contemporaneidade. Além disso, as reformas que vêm sendo promovidas de forma tímida e isolada não estão promovendo a tão esperada mudança. A escola está mudando sem se reinventar, continuando a ser a mesma, enquanto os modos juvenis de ser vêm se modificando com uma velocidade surpreendente, o que colabora para a perpetuação das tensões e conflitos observados no ambiente escolar (Mattos, 2013).

Canário (2005) levanta a hipótese de que a desafeição dos alunos pela escola pode ter raízes nas próprias características da escola, que de forma paradoxal tem sofrido críticas constantes e fortes justamente dos mais instruídos, que são teoricamente os mais escolarizados, mais próximos da cultura escolar e mais conscientes de seus benefícios. Não é raro ver alguns autores criticarem vorazmente os aspectos da escola em que um dia estudou.

O modelo de educação vigente não foi pensado para que o aluno estude movido pelo desejo ou pelo prazer. Nossas escolas ainda estão muito ligadas à lógica moderna da disciplina e do adiamento da satisfação, o que intensifica o choque existente na relação entre a escola da modernidade sólida e as juventudes que vivem em tempos e ambientes líquidos. Por isso é necessário pensar de forma urgente em mudanças que tornem o ambiente escolar mais harmônico com as culturas juvenis contemporâneas, não para simplesmente adequar as escolas ao cenário atual, mas para propiciar o diálogo com as atuais juventudes. Desta forma, talvez seja possível ajudar esses jovens a reconhecerem a importância do pensar em longo prazo e de ser, em alguns momentos, um pouco mais “sólidos” (Mattos, 2013).

Green e Bigum (2011) asseguram que as escolas estão sendo habitadas por uma geração bastante diferente do que os professores esperam, os estudantes pós-modernos possuem novas necessidades e novas capacidades. Em contraponto as escolas também são bem opostas às expectativas dos estudantes.

O padrão de educação que as escolas apresentam está mais próximo do século XIX do que do século atual, no entanto os alunos que frequentam essas escolas, evidentemente, são mais do século XXI do que do século XIX, mostrando que há claramente um desencontro entre as duas culturas (Costa & do Ó, 2007). Aliado a tudo isso a escola também vivencia um ruir dos seus muros, tornando-se mais permeável ao contexto social e suas influências. Como exemplo é possível mencionar a concorrência cada vez maior da informação difundida pelos meios eletrônicos; a convivência crescente com problemas sociais externos; e também a maior participação dos pais na avaliação dos professores e da escola, incentivados pelo ideal de escola democrática que permeia nossas escolas atualmente (Dayrell, 2007).

Canário (2005) sintetiza afirmando que a escola vive uma incoerência, por um lado essa incoerência é externa na medida em que a escola foi historicamente produzida de acordo com um mundo que já deixou de existir, mas ela aparentemente permanece imutável; e essa incoerência também é interna no sentido em que o seu funcionamento não é compatível com a diversidade de públicos que ela passou a atender após a sua massificação, nem com as “missões impossíveis” que lhe são impostas.

Para Prensky (2001), os alunos de hoje são incompatíveis com o modelo educacional vigente devido à tecnologia digital que se difundiu rapidamente e que essa geração foi exposta praticamente desde que nasceu. Ele afirma que há no interior das escolas uma espécie de incompatibilidade intergeracional entre os educandos e os educadores, onde as competências desenvolvidas pelos atuais educandos não são aproveitadas pela escola como deveriam, e de forma contrária são frequentemente consideradas de menor importância e até mesmo estranhas.

Uma escola que tem como único atrativo um diploma (que nem é possível prever se será muito útil no futuro e lembrando que estamos falando de uma geração não muito apegada ao porvir) é bem fácil de haver desinteresse, fracassos e não raro a evasão do seu alunado. Por evasão podemos entender quando o aluno digamos que chega ao seu limite de “suportar” a escola e acaba desistindo dela, abandonando-a. Canavarro (2007) assegura que tal fenômeno apenas é concretizado no momento da saída do estudante, mas esse abandono já começa a ocorrer bem antes, é algo anunciado, talvez desde sua chegada ao espaço escolar.

Rumberger (2004), um dos mais importantes pesquisadores desse tema nos Estados Unidos, denota que o entendimento das causas da evasão é uma necessidade para encontrar soluções para esse problema. Entretanto, as possíveis causas da evasão são bastante difíceis de serem identificadas pois, de modo semelhante a outros processos vinculados ao desempenho escolar, a evasão é influenciada por uma gama de fatores que se relacionam tanto ao estudante, como à sua família, à escola, e até mesmo à comunidade em que vive.

Os estudos da área se dividem entre os que citam fatores externos à escola como responsáveis pelo desinteresse e posterior abandono de seus alunos, e os que culpam a própria escola pela ocorrência desse fato, que não é característico de uma região específica, mas que pode ser verificado em diversos países dos mais aos menos desenvolvidos. Entre os estudos brasileiros que citam fatores externos à escola os motivos se concentram majoritariamente nas circunstâncias familiares do estudante, envolvendo fatores como nível de escolaridade dos pais, renda familiar e estrutura da família (Dore & Lüscher, 2011). O sociólogo francês Bourdieu (1998), que fez muitos estudos em seu país, corrobora a afirmação anterior e também explicita fatores internos, citando que a escola da forma como existe tem servido de instrumento de dominação, reprodução e manutenção dos interesses da classe burguesa, e além disso a escola não leva em consideração o capital cultural de cada aluno individualmente, mas seus currículos e padrões vigentes estão mais próximos apenas das culturas vivenciadas pelas classes média e alta, dificultando o sucesso escolar dos estudantes pertencentes a outras classes. O brasileiro

Paulo Freire (1981, p. 73) reflete ainda que “seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitisse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de forma crítica”.

Considerando que a escola pode influenciar diretamente para modificar esses fatores internos, e que pode também (amparada em seu diversificado corpo de funcionários docentes e não docentes) interferir positivamente de forma a amenizar os impactos dos fatores externos, a utilização de estratégias que fortaleçam o vínculo escolar dos estudantes são alternativas úteis a serem utilizadas no contexto escolar e que podem trazer bons resultados para a escola contemporânea, a qual necessita muito mais de diálogos do que de embates.

2.4. Juventude e escola: a necessidade do fortalecimento do vínculo escolar

A escola e a juventude estão inseridas na sociedade, e fazem parte dela, não podendo dessa sociedade se desassociarem. Por isso elas sofrem todas as mudanças que porventura aconteçam em uma das duas, e no mundo atual as mudanças ocorrem de forma frenética em ambas.

A sociedade, e conseqüentemente a escola, se transformou em um gigante caldeirão onde fervilham pessoas de diferentes idades, gêneros, culturas, línguas e religião, pessoas oriundas de diferentes famílias e diferentes comunidades, pessoas com conhecimentos também distantes. De acordo com Chrispino (2007), com a massificação da educação foram trazidos para o mesmo espaço indivíduos com diferentes vivências, expectativas, valores e hábitos, enquanto a escola insiste em continuar como em outros tempos. A combinação de tudo isso não é algo que gera surpresa, pois vidas diferentes tendem a gerar atritos, indisciplinas e diversos problemas sociais. A escola não possui um muro para barrar que esses problemas cheguem até ela, se assim fosse a escola seria o local do paraíso na terra, mas não é bem assim, tudo que há na sociedade também ocorre na escola. As tensões, desânimos, violência e indisciplina que os jovens vivem fora da escola, eles também levam para dentro dela, e cabe à escola buscar meios de amenizar as conseqüências de tais situações, considerando que tais sinais não são problemas apenas de natureza pedagógica, mas sim fazem parte dos processos socioculturais.

Durkheim define a educação da seguinte forma:

(...) A ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não se encontram preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina (Durkheim, 1978, p. 41).

Fernandes, Formosinho e Pires (1991) afirmam, baseados nessa lógica de Durkheim, que embora a escola tenha como função principal formar os indivíduos para a sua integração na sociedade, essa formação, muitas da vezes, é realizada sob uma ótica de reprodução e não de transformação do indivíduo, pois os conhecimentos e valores repassados pela escola são baseados na ordem social dominante.

Partindo desse princípio, a escola reúne na verdade os desiguais na tentativa de os torná-los iguais, mas na prática essa igualdade se restringe apenas ao ponto de partida, pois no decorrer da caminhada escolar uns demonstram reunirem maiores condições de avançar enquanto outros aparentam ter mais dificuldade. Esses desafios se transformam em obstáculos que de forma lenta vai enfraquecendo o vínculo escolar do estudante.

Fredricks et al. (2004, cit. Tarabini et al., 2015) explicita que o conceito de vinculação escolar está amparado em três dimensões, que são: a dimensão comportamental, que está relacionada ao comportamento que os alunos desenvolvem com base nos padrões da escola; a emocional, ligada ao sentido de relevância e aos vínculos emocionais que os alunos desenvolvem com as suas instituições educativas, professores e com os colegas de classe; e por fim, mas não menos importante, tem a dimensão cognitiva, ligada à motivação dos alunos para a aprendizagem e ao investimento de tempo e esforço nela.

Um vínculo escolar precário pode levar conseqüentemente a um abandono escolar prematuro, bem como um forte vínculo escolar leva o estudante a se sentir mais motivado em permanecer na escola. Tarabini et al. (2015) disserta ainda que o abandono escolar não está somente ligado a um mau rendimento acadêmico, e está frequentemente associado não a questões meramente instrumentais, mas sim a questões mais expressivas, como por exemplo a dimensão afetiva-emocional.

Em estudo semelhante, Salvà-mut et al. (2013) afirma em sua conclusão que o caráter do processo de desistir da escola não é um evento pontual e isolado, mas é o resultado de um afastamento progressivo desencadeado por diversos aspectos, como já mencionado anteriormente. O estudo chama ainda atenção para a necessidade de serem efetivadas ações específicas para facilitar a transição entre a educação primária e secundária, de forma que o estudante não perca ou diminua seu vínculo escolar pelas mudanças sofridas face à mudança de nível acadêmico. Essa transição coincide também com um período de grande desenvolvimento para o jovem e por isso implica na necessidade de um suporte maior e mais complexo do que as etapas acadêmicas anteriores. Entre os resultados obtidos pela pesquisa, eles demonstram a necessidade de a escola aperfeiçoar o vínculo acadêmico de seus estudantes com a

instituição (visando prevenir o fracasso escolar) assim como o vínculo social (clima escolar, atitudes e formação de professores, pedagogia centrada no aluno).

Tarabini et al. (2015, p. 210) segue o mesmo caminho aos mostrar que pode haver uma relação entre vínculo escolar e prevenção ao abandono escolar,

Una vinculación que no se expresa sólo en sus dimensiones más observables, sino también en aquellas más subjetivas vinculadas con cuestiones de índole emocional, afectiva y cognitiva. Una vinculación que no se genera exclusivamente a partir de la voluntad, el mérito o el esfuerzo individual del alumnado, sino que está fuertemente mediado por contextos, inhibidores o facilitadores del mismo, entre los que destaca especialmente el contexto escolar.

Focar nos processos de vínculo escolar e nos fatores e contextos que o fortalecem ou enfraquecem é um ponto de partida para aumentar cada vez mais os índices de êxito escolar (Tarabini et al., 2015).

No contexto de desigualdade que a escola contemporânea vivencia a mediação educacional se faz necessária nas escolas, pois se mostra como uma prática que defende a abertura de idéias e discussão ampla e democrática, permitindo argumentar e defender pontos de vista sem fazer uso da violência física ou verbal, sendo essa uma habilidade necessária em qualquer tipo de relacionamento interpessoal, seja na família, na escola, no trabalho ou nos ambientes de lazer (Loos & Zeller, 2007). Dessa forma, a mediação educacional pode ser uma estratégia importante para colaborar com o fortalecimento do vínculo escolar tão necessário às instituições educativas.

Os problemas da indisciplina na escola, do insucesso, da falta ou falha de comunicação, entre outros problemas, necessitam serem analisados de forma profunda, e a mediação pode contribuir para ajudar a diluir as diferenças verificadas no ambiente escolar, dando voz a jovens derivados de ambientes mais desfavorecidos da sociedade. “A mediação tende a ser um fim em si mesma e não apenas um meio” (Silva, 2011, p.253).

Amado (2000) disserta que para se alcançar a compreensão de um ato de indisciplina é necessário considerar que não se trata de simples comportamentos de resposta a uma dada situação criada, mas que se trata de ações realizadas em contextos que vão muito além do simples desencadeamento de fatos, sendo imprescindível a interpretação das situações, o que envolve a história pessoal do autor da indisciplina e sua história das relações dentro desse mesmo grupo por exemplo.

O acompanhamento dos alunos é, hoje, cada vez mais, assumido como a pedra basilar do sucesso educativo. A intervenção formativa, dirigida a alunos de grupos sociais diversos, poderá traduzir-se em mediação entre o

aluno, a ação educativa e o exterior; com a família, comunidade, serviços sociais, de saúde etc., numa abordagem integrada e centrada no aluno (Vieira, 2013, p. 110)

Vieira (2013) também apresenta que há a necessidade de uma pedagogia mais social, mais centrada nas culturas dos alunos enquanto pessoas provenientes de famílias e comunidades com projetos diferentes da cultura hegemônica. É nesse âmbito de acompanhamento e intervenção formativa que a mediação educacional entra como ação concretizadora de um processo educativo que favoreça de fato o acesso e sucesso escolar de todos os alunos.

No Brasil tal papel é normalmente desempenhado por pedagogos e psicólogos escolares, não havendo nenhum tipo de formação específica em mediação aos profissionais de educação, mas em países da Europa e também na América do Norte a mediação educacional já é desenvolvida há algum tempo, tendo inclusive formações específicas para a área. A mediação atualmente não se resume somente à “competência da gestão de conflitos, mas sim da comunicação, da educação, da segurança” (Bonafé-Schmitt, 2009, p. 19). O que está predominando é a lógica comunicacional, o que torna a mediação um processo cooperativo e mesmo preventivo no domínio da cultura de cidadania e educação para a paz (Silva, 2011). Esse aspecto torna a mediação educacional como um processo que não está à jusante das tensões e conflitos escolares, mas sim à montante, pois há uma busca não apenas para amenizar essas tensões e conflitos mas também prevenir que tais ocorrências estejam presentes no ambiente escolar.

Silva (2011) é incisiva ao afirmar que a mediação é uma prática que atua, não apenas na busca de solução de problemas, ainda que numa perspectiva de participação, mas evolui para uma concepção mais ampla tendo como foco a transformação dos indivíduos e das situações consideradas de risco.

O mediador educacional pode ainda se revelar como um sujeito mobilizador que intervém para promover a (re)descoberta de uma cultura da responsabilidade e cidadania em lugar da cultura disciplinadora e punitiva que, não raramente, apenas desloca e adia a resolução dos problemas de comunicação e responsabilidade, onde a indisciplina tem muitas vezes a sua gênese (Silva, 2011).

Apesar dos poucos estudos sobre essa temática, é evidente que a mediação escolar desempenha um papel fundamental para ser possível compreender o contexto e identificar que problemas existem para além do mau comportamento, do mau rendimento acadêmico dos alunos, e de maneira geral, do fraco vínculo que o estudante possa ter com a escola. Muitas vezes a solução do problema se encontra justamente aí, em conhecer as causas para acabar ou amenizar as suas consequências.

Outra estratégia que pode ser utilizada para fortalecimento do vínculo escolar e que também já demonstrou bons resultados através de estudos, é a tutoria escolar. Normalmente desenvolvida por docentes, de acordo com o autor espanhol Argüis (2002), o tutor é um orientador pessoal, escolar e profissional dos alunos, além de ser um dinamizador da vida socioafetiva do estudante. Ele afirma ainda que o tutor deve ser dotado de qualidades em três áreas específicas: na área humana ele deve ser dotado de empatia, maturidade intelectual-volitiva e afetiva, sociabilidade, responsabilidade e a capacidade de aceitação; na área científica ele deve ter conhecimento da maneira de ser do aluno, conhecimento dos elementos pedagógicos para conhecer e ajudar o aluno; e na área técnica o tutor necessita saber trabalhar com eficácia e em equipe, participando de projetos e programas definidos em comum acordo para a formação dos alunos. A partir disso é possível perceber que o desenvolvimento da tutoria no ambiente escolar requer articulação de todos os profissionais que compõem esse ambiente.

Simões (2016), amparado por extensa lista de autores, apoia a idéia da tutoria, no sentido em que a escola representa um contexto aglutinador e dominante nas experiências dos jovens, sendo um cenário privilegiado para que possa ser ofertado a esses jovens um suporte social por pessoas que não são seus pares, mas sim pessoas adultas e que são de sua convivência cotidiana no ambiente escolar. A tutoria escolar surge para mostrar que a relação entre alunos e professores não precisa ocorrer somente de forma verticalizada, mas pode também ocorrer de forma horizontal, sendo estimulada de modo intencional e programado.

O estudo de Simões (2016), cuja intenção era analisar as influências da aplicação de uma metodologia específica de tutoria escolar, obteve como resultados que o suporte social oferecido pela tutoria demonstrou eficácia na promoção de um melhor desempenho escolar dos alunos, especialmente no que diz respeito à melhoria dos resultados escolares e à diminuição do absentismo, além de serem observadas melhorias das perspectivas dos estudantes sobre o ambiente escolar.

É importante ressaltar que a tutoria não necessita ser uma estratégia remediativa e ficar restrita a alunos em vulnerabilidade, mas deve ser algo expansivo, que atenda a todos os alunos e que possua a função de prevenir situações que possam ocasionar um enfraquecimento do vínculo escolar.

Ferreira e Fernandes (2015) em estudo sobre abandono no ensino superior, encontraram como um dos fatores que fazem o estudante abandonar a vida acadêmica o desconhecimento da instituição educativa sobre o fenômeno, que apesar de ser bastante comum e atingir da educação básica ao ensino superior, de fato ainda permanece muitas vezes oculto e carente de estratégias e políticas que o previnam.

É necessário romper com a idéia de que apenas alunos que estão com um rendimento acadêmico abaixo da média ou que são oriundos de famílias de classes econômicas mais baixas correm o risco de abandonarem a escola, pois as pesquisas demonstram a possibilidade de ligação direta entre enfraquecimento do vínculo escolar e abandono escolar precoce. O fortalecimento desse vínculo passa por variadas dimensões que impactam todos os estudantes, sendo importante a atuação da escola como um todo para atuar no fortalecimento desse vínculo. Para isso são necessárias ações tanto por parte do corpo docente da escola como também pelo corpo não docente, pois ambos podem influenciar nas três dimensões relacionadas aos conceitos de vinculação escolar.

Nem sempre o docente possuirá disponibilidade para participar de tais estratégias, porém a escola já possui muitas vezes profissionais que estão em constante contato com os estudantes e que desempenham ou podem desempenhar o papel de mediadores e/ou tutores. Nas instituições federais de educação brasileiras o assistente de alunos é um dos atores escolares que por vezes realiza de modo informal essas funções, quando por exemplo assume um papel de cuidado, acompanhamento e/ou intervenção formativa junto ao corpo discente da instituição educativa. Cabe aos gestores escolares aproveitarem a disponibilidade de pessoal não docente e propor formações para aperfeiçoar esses recursos humanos, promovendo melhorias e ampliação de serviços, se inspirando e adaptando idéias que já demonstraram resultados, e aumentando assim as chances de permanência e êxito dos estudantes.

Capítulo III - Conhecendo os participantes e o caminhar metodológico da pesquisa

Nesse capítulo são apresentados os aspectos referentes à metodologia utilizada para o cumprimento dos objetivos propostos. São considerados quatro aspectos: a definição do paradigma da pesquisa, a identificação do método de pesquisa, a indicação das técnicas de pesquisa utilizadas para a realização do trabalho, e também a indicação das técnicas de tratamento de dados, sendo importante mencionar que todas essas abordagens serão expostas com as suas devidas justificações. De início, o capítulo apresentará a caracterização do campo de estudo dessa pesquisa e dos sujeitos participantes.

3.1 Caracterização do campo de estudo

3.1.1 A instituição

A pesquisa foi realizada no Campus Natal Cidade Alta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Tal instituição compõe a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica do Ministério da Educação do Brasil. Atualmente a Rede Federal está com 110 anos de existência e possui 661 unidades que atendem a quase 1 milhão de estudantes em todos os estados do país, das regiões mais desenvolvidas até os mais remotos interiores, como a região amazônica e o sertão nordestino por exemplo. Além da característica de atender a todas as regiões do país, uma característica peculiar de tal Rede é que nela o aluno pode cursar desde um curso técnico de nível médio (ensino secundário) até o doutorado, permitindo que o estudante ingresse já no curso secundário em uma educação verticalizada.⁸

O IFRN já possuiu diversas nomenclaturas desde que foi fundado em 1909, passando a obter a nomenclatura atual através da Lei n. 11892 (2008), que formalizou a instituição da Rede Federal e transformou os Centros Federais de Educação Tecnológica em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Atualmente o IFRN conta com 21 campi espalhados por 18 cidades do estado do Rio Grande do Norte, que funcionam atendendo a cerca de 28 mil alunos através do trabalho de 3294 servidores, sendo 1946 docentes e 1348 técnicos-administrativos.⁹

O Campus Natal Cidade Alta possui 922 alunos (sendo 415 alunos do ensino secundário), 60 docentes e 54 técnicos-administrativos, estando localizado na região central e histórica da cidade de

⁸ Dados do portal eletrônico do Ministério da Educação, Brasil. Recuperado em 21 julho, 2019, de <http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/>

⁹ Dados do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) em 21 julho, 2019.

Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte.¹⁰ Ele surgiu somente em 2009, ofertando cursos de graduação anteriormente ofertados no Campus Natal Central, e a sua inauguração fez parte das festividades do centenário da instituição, já que o Campus Cidade Alta ocupa o mesmo prédio onde o IFRN funcionou em seus primórdios do ano de 1914 até 1967, quando ainda se chamava Escola Industrial de Natal.

Foi apenas em 2014 que o campus recebeu seus primeiros estudantes do ensino médio, que tinham a opção de cursar na instituição o curso técnico de Multimídia integrado ao ensino médio. É importante ressaltar que uma das características do Instituto é que nele o aluno passa 4 anos para finalizar a última etapa da educação básica, pois não é possível cursar somente o ensino secundário (que possui duração de 3 anos nas demais escolas), mas este tem que ser cursado integrado a algum curso técnico, garantindo que o estudante conclua a formação secundária não somente apto para ingressar na universidade, mas também a exercer uma profissão. (Projeto Político Pedagógico do IFRN, 2012)

Em 2016 o campus ofertou aos aspirantes ao ensino secundário mais uma opção de curso, o técnico integrado em Lazer, o que fez com que o espaço do prédio no bairro Cidade Alta ficasse pequeno, e então foi necessário inaugurar mais uma unidade para que o campus pudesse ampliar sua quantidade de turmas no ensino secundário de forma satisfatória. Tal fato torna esse campus peculiar em relação aos demais, pois é o único que funciona com duas unidades distintas e que estão distantes entre si cerca de 2 quilômetros, além de que enquanto a quantidade padrão de técnicos-administrativos é de 45 em cada campus do IFRN, para poder funcionar com duas unidades o campus necessitou ampliar em mais 9 sua quantidade de técnicos-administrativos.

Esta segunda unidade inaugurada em 2016 concentra todo o ensino secundário do campus e está localizada no bairro das Rocas, também em um prédio histórico, que funcionou como oficina de trens do início do século XX até 1974. A região respira história, pois as Rocas foi um dos primeiros bairros a surgir na cidade de Natal, e é habitada por muitos pescadores. O bairro sofre alguns preconceitos pelo restante da população natalense por ser um bairro considerado periférico e possuir duas favelas, a favela Jacó e a favela Maruim¹¹, sendo o termo favela (*slum* em língua inglesa) muito associado no Brasil a regiões perigosas e definido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma área que combina as seguintes características: acesso inadequado à água potável; acesso

¹⁰ Dados do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) em 21 julho, 2019.

¹¹ Dados da Prefeitura Municipal de Natal. Recuperado em 21 julho, 2019, de <https://natal.rn.gov.br/semurb/paginas/ctd-106.html> em 21

inadequado à infraestrutura de saneamento básico e outras instalações; baixa qualidade das unidades residenciais; alta densidade e insegurança quanto ao status da propriedade (United Nations Human Settlements Programme, 2003).

Quanto ao acesso dos alunos à instituição, ele ocorre através de processo seletivo, sendo que a Lei n. 12711 (2012), conhecida como Lei de Cotas, garante que 50% das vagas ofertadas são obrigatoriamente destinadas a alunos oriundos da rede pública de ensino. Dentro dessa metade das vagas a Lei garante ainda mais três tipos de reserva de vagas: a cota racial destinada a candidatos pretos, pardos e indígenas; a cota socioeconômica destinada a alunos oriundos de famílias de baixa renda; e a cota para pessoas com deficiência, destinada aos candidatos que possuam alguma deficiência. Apesar da promulgação da Lei, desde 2004 o IFRN já destinava metade de suas vagas para alunos que viessem da rede pública de ensino.

Apesar de não ser o foco da instituição, o campus apresenta boas colocações nos rankings acadêmicos, tendo obtido a 21ª melhor média entre as centenas de escolas de todo o estado que participaram do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2017, sendo esse o principal exame para avaliar o ensino secundário brasileiro.¹²

Aliando políticas afirmativas, cursos diferenciados e bons resultados acadêmicos, a unidade Rocas do Campus Cidade Alta se torna uma escola distinta das demais ao seu redor, reunindo uma grande variedade de alunos, de diferentes classes sociais e originários dos mais variados locais da Região Metropolitana de Natal. Esses alunos se dividem em 12 turmas, sendo 8 do curso técnico integrado em Multimídia, e 4 turmas do curso técnico integrado em Lazer, salientando que o Campus Cidade Alta é o único em todo o IFRN a ofertar tais cursos, gerando uma demanda até mesmo de alunos que moram próximo a outros campi do Instituto.

O Campus Cidade Alta segue o projeto político-pedagógico do IFRN, onde consta que a função social da instituição é:

(...) Ofertar educação profissional e tecnológica – de qualidade referenciada socialmente e de arquitetura político-pedagógica capaz de articular ciência, cultura, trabalho e tecnologia – comprometida com a formação humana integral, com o exercício da cidadania e com a produção e a socialização do conhecimento, visando, sobretudo, a transformação da realidade na perspectiva da igualdade e da justiça sociais. Desse modo, o IFRN

¹² Ranking produzido a partir de dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Recuperado em 21 julho, 2019, de http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/microdados-do-enem-2017-ja-estao-disponiveis-para-consulta/21206.

contribui para uma formação omnilateral que favorece, nos mais variados âmbitos, o (re)dimensionamento qualitativo da práxis social. (Projeto Político-pedagógico do IFRN, 2012, p. 21)

É por ser uma instituição com funcionamento e funções tão complexas que o IFRN conta com uma ampla variedade de profissionais (quadro 4), que buscam sobretudo garantir a permanência e êxito do seu corpo discente.

Quadro 4- Servidores que atuam no IFRN Campus Natal Cidade Alta

Técnicos-Administrativos		Docentes	
Nome do cargo	Quantidade	Área em que leciona	Quantidade
Administrador	2	Administração e contabilidade	2
Assistente de alunos	4	Arte	4
Assistente em administração	12	Biologia	4
Assistente social	2	Multimídia	10
Auxiliar de biblioteca	2	Produção Cultural	4
Auxiliar em administração	5	Química	2
Bibliotecário	2	Matemática	3
Contador	1	Educação física	5
Diagramador	1	Espanhol	1
Gestor desportivo e do lazer	1	Eventos	1
Médico	3	Filosofia	1
Odontólogo	1	Física	2
Pedagogo	1	Geografia	2
Produtor cultural	1	História	2
Programador visual	1	Francês	1
Psicólogo	2	Inglês	3
Técnico de enfermagem	3	Português	5
Técnico de audiovisual	2	Marketing	1
Técnico de ciências	1	Psicologia	1
Técnico de informática	3	Sociologia	2
Técnico em assuntos educacionais	3	Turismo	4
Tradutor e intérprete de linguagem de sinais	1		

Fonte: Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) em 21 julho, 2019

3.2 Caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa

3.2.1 Caracterização dos assistentes de alunos

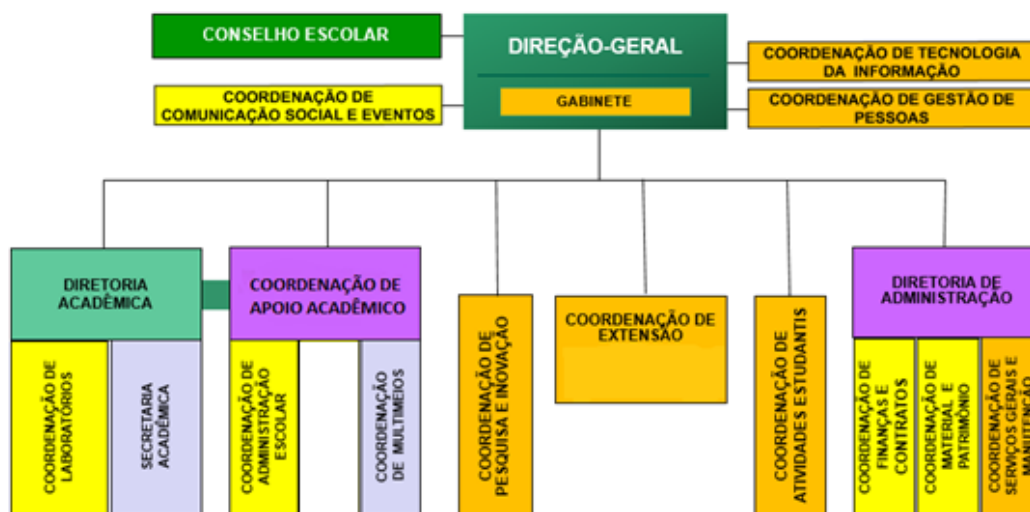
A pesquisa foca em um cargo específico que atua no Campus Natal Cidade Alta, o assistente de alunos, que atua em forte ligação com os setores pedagógico e de assistência estudantil, sendo que esse último setor engloba a saúde, a psicologia e a assistência social do campus. Pelas características de suas funções, o assistente de alunos atua primordialmente oferecendo assistência aos estudantes do ensino secundário, e o seu contato com os discentes inicia antes mesmo desses alunos entrarem na instituição, pois os assistentes costumam visitar escolas da região para divulgar os processos seletivos

do IFRN, assim como também tiram dúvidas de quem chega ao campus interessado em conhecer a instituição e suas formas de acesso. Na entrada do estudante na instituição eles também estão presentes, pois costumam colaborar com a secretaria acadêmica do campus na realização das matrículas dos alunos ingressantes.

O primeiro assistente de alunos chegou ao campus em 2013, momento em que já era esperado realizar processo seletivo para a primeira turma de ensino médio do campus. No ano de 2014 houve a soma de mais dois para reforçar a equipe, pois naquele ano iniciou a primeira turma de ensino médio integrado no Campus Natal Cidade Alta, e no fim do ano de 2016 a escola recebeu o quarto e último assistente de alunos do seu quadro de servidores.

Atualmente os assistentes de alunos estão dispersos em diversos setores acadêmicos do campus, sendo dois atuando na coordenação de apoio acadêmico e coordenação de administração escolar (setores mais voltados às reais atribuições do assistente de alunos), um na coordenação de multimeios, e um assistente de alunos atuando na secretaria acadêmica. O Campus Natal Cidade Alta é composto por diferentes setores, como demonstra o organograma da instituição (figura 3).

Figura 3 - Organograma do IFRN Campus Natal Cidade Alta



Fonte: Estrutura Organizacional de Referência do IFRN, 2012¹³

Os quatro assistentes de alunos que atuam no campus possuem idades entre 25 e 34 anos, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, todos estão atuando nessa função há mais de 5 anos, já tendo passado por outros campi de cidades do interior do estado antes de conseguirem a

¹³ Recuperado em 02 agosto, 2019, de <http://portal.ifrn.edu.br/institucional/arquivos/estrutura-administrativa-organograma/view>.

transferência para o campus atual. Todos possuem curso superior, porém nenhum se graduou na área de educação, apesar de um deles estar atualmente cursando pedagogia. A formação inicial dos quatro assistentes é em estatística, administração de empresas, marketing e engenharia de produção.

Aliado ao exposto anteriormente, o concurso que realizaram para fazer parte do quadro de servidores do IFRN cobrou apenas conhecimentos em informática, português e matemática, sem requisitar qualquer conhecimento mais apropriado para atuar em uma instituição escolar. Portanto os assistentes de alunos se baseiam apenas nas suas próprias experiências de vida e nas formações promovidas durante as reuniões pedagógicas do campus para realizarem o seu trabalho junto aos adolescentes. Uma informação interessante é que a experiência profissional anterior de três assistentes de alunos inclui passagem pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos na parte operacional da empresa, enquanto o quarto assistente possui experiência anterior na área de informática, deduzindo-se assim que nenhum dos assistentes possuem experiência prévia com o trabalho em escola.

Para essa pesquisa foram entrevistados três assistentes de alunos que atualmente atuam em diferentes setores da escola, sendo eles: secretaria acadêmica, coordenação de multimeios e coordenação de apoio acadêmico (onde também funciona a administração escolar no mesmo espaço físico). Todos eles afirmaram já ter assumido a coordenação de apoio acadêmico em algum momento da sua trajetória pela Instituição. De acordo com o Regimento Interno do IFRN (2011) a coordenação de apoio acadêmico e a coordenação de administração escolar tem competências mais ligadas especificamente com a função do assistente de alunos descrita formalmente (quadro 5), motivo pelo qual os servidores que estão lotados em outros setores em alguns momentos se sentem como um servidor meramente administrativo, sem qualquer papel pedagógico perante os alunos.

Quadro 5 - Competências dos setores do IFRN Campus Natal Cidade Alta onde os assistentes de alunos atuam

Apoio Acadêmico e Administração Escolar	Multimeios	Secretaria Acadêmica
“I. Controlar a distribuição do material de expediente para os professores; II. Controlar a utilização, a manutenção e a limpeza dos espaços físicos acadêmicos que estejam no âmbito de sua competência; III. Coordenar a realização de atividades acadêmicas de caráter artístico-cultural e desportivo; IV. Fazer o registro de ocorrências diárias referentes a alunos e	“I. Controlar a utilização, a manutenção e a limpeza dos espaços físicos acadêmicos que estejam no âmbito de sua competência; II. Controlar o empréstimo e manter a guarda dos recursos multimídia; III. Coordenar a execução do trabalho de gráfica que contempla: reprografia, encadernação, grampeamento, manuseio da guilhotina, organização e entrega do material ao solicitante;	“I. Coordenar a alimentação e manutenção de dados estatísticos nos sistemas gerenciais relativos aos estudantes da Diretoria Acadêmica; II. Coordenar a execução do processo de matrícula dos estudantes; III. Coordenar as atividades administrativas da Diretoria Acadêmica; IV. Efetuar os registros, processar dados, emitir documentação,

<p>encaminhar para o Diretor de Ensino;</p> <p>V. Zelar pelo cumprimento das normas disciplinares e pelo uso do fardamento;</p> <p>VI. Acompanhar e emitir relatórios relacionados a substituição, antecipação e reposição de aulas, bem como às atividades dos Centros de Aprendizagem;</p> <p>VII. Aplicar medidas disciplinares dentro da sua competência notificando a Diretoria Acadêmica;</p> <p>VIII. Auxiliar na organização e realização das olimpíadas de conhecimento;</p> <p>IX. Atuar como ouvidor junto aos discentes;</p> <p>X. Coordenar a comissão de processos seletivos do Campus;</p> <p>XI. Coordenar a formação de grupos de professores por disciplina para escolha do livro didático, bem como o acompanhamento de todo o processo até o recebimento e distribuição dos volumes;</p> <p>XII. Dar suporte ao desenvolvimento de projetos, programas e ações de educação à distância no Campus;</p> <p>XIII. Desempenhar outras atividades correlatas e/ou afins."</p>	<p>IV. Cumprir o prazo de entrega do material, de acordo com as normas estabelecidas;</p> <p>V. Dar suporte ao desenvolvimento de projetos, programas e ações de educação à distância no Campus;</p> <p>VI. Fornecer apoio logístico para realização de eventos;</p> <p>VII. Informar a necessidade de manutenção dos equipamentos, quando for o caso;</p> <p>VIII. Manter o zelo e a guarda dos equipamentos da gráfica;</p> <p>IX. Manter o zelo e o sigilo do material entregue na gráfica;</p> <p>X. Realizar o controle e o registro diário de reproduções e encaminhamento dos dados à Coordenação de Apoio Acadêmico;</p> <p>XI. Realizar o controle do material de expediente; e</p> <p>XII. Desempenhar outras atividades correlatas e/ou afins."</p>	<p>preparar e informar processos relativos à vida do corpo discente;</p> <p>V. Instruir os processos relativos à execução das aulas de campo, bem como desenvolver ações administrativas necessárias à sua realização;</p> <p>VI. Emitir e registrar certificados de cursos de qualificação profissional ofertados pela Diretoria Acadêmica;</p> <p>VII. Efetuar a solicitação de expedição de certificados e diplomas de cursos ofertados pela Diretoria Acadêmica, exceto os de qualificação profissional;</p> <p>VIII. Organizar e manter atualizado o cadastro dos servidores vinculados à Diretoria Acadêmica;</p> <p>IX. Organizar e manter todo o arquivo ativo e passivo referente à vida escolar dos estudantes vinculados à Diretoria Acadêmica;</p> <p>X. Verificar a integralização das disciplinas constantes das matrizes curriculares para a expedição de certificados e/ou diplomas; e</p> <p>XI. Desempenhar outras atividades correlatas e/ou afins."</p>
--	--	---

Fonte: Regimento Interno dos Campi do IFRN (2011)

Por essa especificidade na atuação de cada assistente de aluno, gerada sobretudo pelo recente aumento da carga de trabalho em diferentes setores do campus sem necessariamente haver o aumento da força de trabalho, na entrevista conduzida foi solicitado que todos considerassem a sua experiência como assistente de alunos desde que entrou no IFRN, ou seja, a experiência nos campi anteriores por onde cada um passou deveria ser considerada.

3.2.2 Caracterização dos docentes

Como já foi referido, o campus Natal Cidade Alta do IFRN conta com 60 docentes em seu quadro de servidores, que em sua maior parte atuam como professores do ensino médio integrado do campus. Como não seria possível entrevistar todos os professores que lidam com os alunos do ensino médio integrado foram realizados critérios de seleção da amostra que serão descritos posteriormente, chegando ao seguinte perfil de professores entrevistados:

- 6 professores entrevistados são do sexo masculino e 2 do sexo feminino;

- 5 possuem formação e lecionam na área de ciências humanas, enquanto 3 são da área de ciências exatas, não possuindo na amostra nenhum docente da área de ciências biomédicas;

- 5 entrevistados são professores há mais de 15 anos, enquanto 2 possuem entre 10 e 15 anos de docência, e apenas um entrevistado afirmou assumir essa profissão há apenas 5 anos;

- Metade dos entrevistados atuam no IFRN há mais de 10 anos, enquanto a outra metade afirmou que ainda não possui uma década de trabalho na instituição porém está nela há pelo menos 5 anos;

- Metade dos entrevistados disseram que estão no campus Natal Cidade Alta há 9 ou 10 anos, enquanto a outra metade possuem 5 ou 6 anos de atuação no campus em estudo.

É possível realizar uma boa comparação da amostra docente observando uma caracterização mais sintética (quadro 6) acompanhada das devidas frequências absolutas e relativas.

Quadro 6 - Caracterização dos docentes entrevistados

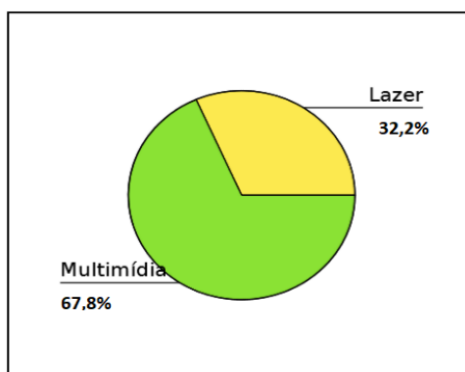
		#	%
Sexo	Masculino	6	75
	Feminino	2	25
Área de formação	Ciências Humanas	5	62,5
	Ciências Exatas	3	37,5
Tempo de docência	Acima de 15 anos	5	62,5
	Entre 10 e 15 anos	2	25
	Abaixo de 10 anos	1	12,5
Tempo de docência no IFRN	Mais de 10 anos	4	50
	Entre 5 e 9 anos	4	50
Tempo de docência no Campus Natal Cidade Alta	Entre 9 e 10 anos	4	50
	Entre 7 e 8 anos	0	0
	Entre 5 e 6 anos	4	50

Fonte: Entrevistas realizadas com docentes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, julho, 2019

3.2.3 Caracterização dos discentes

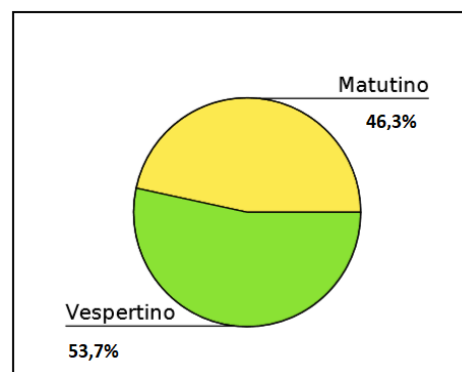
Acerca do perfil dos estudantes participantes da pesquisa, 67,8% frequentam o curso de multimídia e 32,2% são do curso de lazer (gráfico 1), sendo 53,7% do turno vespertino e 46,3% do turno matutino (gráfico 2).

Gráfico 1 – Cursos frequentados pelos estudantes



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

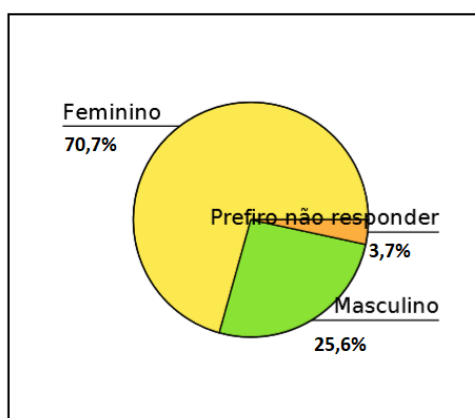
Gráfico 2 - Turno de estudo dos estudantes



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Quanto ao sexo foi verificado que 70,7% são do sexo feminino, 25,6% são do sexo masculino, e 3,7% preferiram não responder esse questionamento (gráfico 3).

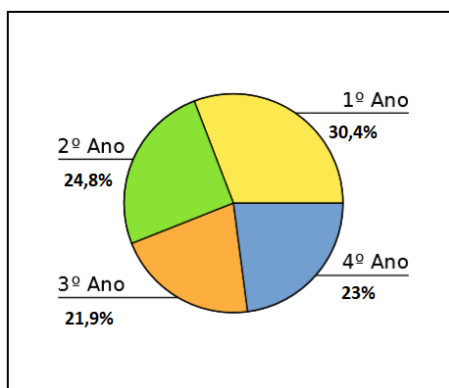
Gráfico 3 - Sexo declarado pelos estudantes



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

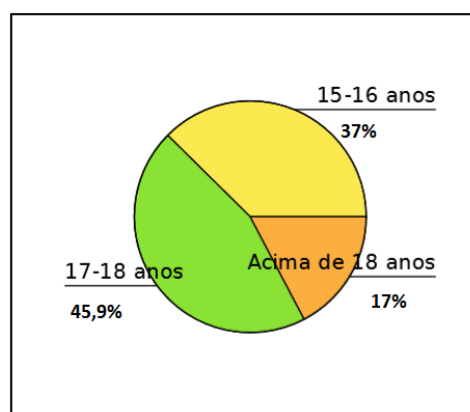
Em relação ao ano em que estão cursando houve uma maior quantidade de respondentes do 1º ano (30,4%), seguido do 2º ano com 24,8%, o 4º ano com 23% dos respondentes e o 3º ano correspondeu a 21,9% das respostas (gráfico 4). Outra questão que compõe o perfil dos estudantes participantes da pesquisa está relacionada à idade deles, sendo observado que a maior parte (45,9%) está com idade entre 17 e 18 anos, 37% possui entre 15 e 16 anos, e 17% já possui mais de 18 anos (gráfico 5).

Gráfico 4 - Ano que os estudantes estão cursando



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Gráfico 5 - Idade dos estudantes



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

A caracterização dos estudantes foi realizada também com base na frequência absoluta dos respondentes (quadro 7).

Quadro 7 - Caracterização dos estudantes participantes da pesquisa

		#	%
Curso	Multimídia	183	67,8
	Lazer	87	32,2
Turno	Matutino	125	46,3
	Vespertino	145	53,7
Sexo	Feminino	191	70,7
	Masculino	69	25,6
	Não declarado	10	3,7
Ano que está cursando	1º	82	30,4
	2º	67	24,8
	3º	59	21,9
	4º	62	22,9
Idade	15 ou 16 anos	100	37
	17 ou 18 anos	124	45,9
	Acima de 18 anos	46	17

Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Esses dados estão em conformidade com os dados gerais da população de estudantes do ensino médio integrado do campus Natal Cidade Alta. Os dados do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) apontam que em sua totalidade 31,51% dos alunos cursam lazer e

68,49% estudam multimídia; enquanto 44,08% estudam no turno matutino e 55,92% frequentam as aulas no turno vespertino. 68,96% dos alunos indicaram no ato da matrícula serem do sexo feminino e 31,04% do sexo masculino. O primeiro e o segundo são realmente os anos que possuem a maior quantidade de alunos, representando 26,54% e 27,25% dos alunos respectivamente; enquanto o terceiro ano possui 24,17% dos alunos matriculados e o 4º ano corresponde a 22,04 % dos alunos que frequentam as aulas regularmente.

A população do curso de multimídia é maior pois são ofertadas a cada ano para alunos ingressantes duas turmas desse curso e apenas uma turma de lazer. Os cursos justificam também o grande percentual da população feminina do ensino secundário do campus, pois eles possuem disciplinas técnicas que acabam atraindo mais o público feminino. Enquanto que esse maior percentual de alunos nos anos iniciais pode ser explicado pelas evasões e retenções que ocorrem ao longo da trajetória do aluno pela instituição, contribuindo para que nem todos os estudantes cheguem ao 4º ano. ¹⁴

3.3 Paradigma da pesquisa

Sendo este um trabalho que tem como objetivo geral investigar o papel e a importância dos assistentes de alunos, optou-se por uma pesquisa que fosse possível aferir a visão e a influência que tais sujeitos têm perante os demais atores escolares. Dessa forma, foram utilizados métodos com abordagens quantitativas e qualitativas, sendo tendencialmente qualitativa.

A pesquisa quantitativa tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tendendo a enfatizar as regras da lógica, o raciocínio dedutivo e os atributos mensuráveis da experiência humana (Gerhardt & Silveira, 2009). Enquanto a pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (Gerhardt & Silveira, 2009, p. 31).

A abordagem quantitativa se refere à obtenção e análise dos dados do questionário aplicados à classe discente, que por possuir uma população numerosa e de pensamentos variados foi estudada de forma primordialmente quantitativa; e a qualitativa surge quando foram recolhidos dados através de entrevistas e questões abertas do questionário, relacionando essas informações recolhidas e suas análises com a realidade, permitindo realizar um maior aprofundamento para a

¹⁴ Baseado em dados do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), em agosto, 2019.

compreensão do objeto de estudo. Portanto, pode-se dizer que o estudo teve uma abordagem combinada.

Para o autor Oliveira (2012) combinar abordagens quantitativa e qualitativa em um trabalho proporciona um maior nível de credibilidade e validade aos resultados da pesquisa, evitando assim o reducionismo por uma só opção de abordagem. Dessa forma o trabalho se torna mais complexo, porém também permite um estudo mais completo e detalhado, permitindo compreender a problemática por vários “ângulos” e fornecendo uma maior quantidade e variedade de dados para ser possível refutar ou comprovar as hipóteses levantadas com um maior embasamento.

3.4 Objetivos da pesquisa

Os profissionais não docentes desenvolvem diferentes papéis e contribuições nos processos educativos escolares. A educação escolar atual parte do princípio de que a função educativa dentro da escola não é desempenhada apenas pelo docente em sala de aula, mas existem outros profissionais que participam ativamente do processo educativo.

Levasseur e Tardif (2011) comentam que as atribuições docentes (que antes eram diversas) tem se reduzido cada vez mais, pois o trabalho educativo na atualidade tem sido compartilhado com outros agentes da instituição educativa, havendo uma conjugação de ações entre os sujeitos para realizar a formação do estudante.

É nesse sentido em que a profissão não docente nas instituições educativas tem chamado a atenção de pesquisadores (sociólogos, psicólogos, pedagogos etc.) e por isso também se constitui como tema desse trabalho. Sendo estudado nessa pesquisa um agente especificamente nomeado de assistente de alunos. São quase 4 mil¹⁵ assistentes de alunos que fazem parte das instituições federais de educação brasileiras, estando espalhados por todos os estados da federação.

O assistente de alunos é um dos profissionais que mais interage com os estudantes nas instituições de educação, visto que os acompanha durante sua entrada e saída da escola, durante os intervalos entre aulas e ainda nos momentos onde não há aulas. É também ele que costuma conhecer cada aluno pelo nome e acompanhar os alunos nas aulas de campo e eventos

¹⁵ Dado do Portal da Transparência. Recuperado em outubro, 2019, de <http://www.portaltransparencia.gov.br/servidores/consulta?ordenarPor=nome&direcao=asc>

externos (fora do ambiente escolar) bem como nos casos específicos de problemas de saúde ou discussões dentro do ambiente escolar. Isso tudo faz desse sujeito um ser singular dentro da escola, que muitas vezes conhece pontos específicos da história de vida dos alunos que não estão registradas nas fichas formais dos estudantes. Esses pontos tornam o assistente de alunos dotado de uma dimensão educativa importantíssima para o ambiente escolar, que nem sempre está perceptível, mas onde a sua forma de atuação pode ser um motivador ou desmotivador para a permanência e sucesso do aluno na escola.

Dessa forma, essa pesquisa possui como objetivo geral:

- Investigar o papel e a importância dos assistentes de alunos no Campus Natal Cidade Alta do IFRN.

E como objetivos específicos, tem-se os seguintes pontos:

- Compreender a influência dos assistentes de alunos perante um corpo estudantil com redes sociais cada vez mais fragilizadas;

- Identificar e problematizar o contributo dos assistentes de alunos na diminuição da evasão escolar dos alunos do Campus; e

- Analisar a percepção que a comunidade acadêmica tem sobre o assistente de alunos e como a nomenclatura do cargo contribui para essa percepção.

A seguir, serão exploradas as metodologias utilizadas para se atingir os objetivos aqui descritos.

3.5 Método da pesquisa

O método utilizado para esse trabalho foi o estudo de caso, pois ele consistiu em pesquisar uma realidade concreta, que no caso foi a atuação do assistente de alunos no IFRN Campus Natal Cidade Alta, tendo como objetivo primordial conhecer esse sujeito em estudo e as percepções que se tem sobre ele, bem como a sua influência em outros atores do ambiente escolar. Sendo assim, essa metodologia é a que permite compreender melhor a problemática estudada, sendo possível atingir os objetivos determinados da melhor forma.

Tal método é constantemente utilizado nas investigações da área de ciências sociais (Yin, 2010) e de ciências da educação. É importante ver que essa estratégia investigativa é muito mais

do que uma simples descrição da realidade estudada, mas sim o resultado de uma interação entre vários participantes.

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (Yin, 2010, p. 19).

Merriam (1988) define o estudo de caso como a apreciação de um fenômeno específico, que pode ser um programa, um acontecimento, uma pessoa, um processo, uma instituição, ou até mesmo um grupo social. No caso específico dessa pesquisa o fenômeno em estudo é a influência e função que os assistentes de alunos exercem na sua prática no IFRN Campus Natal Cidade Alta.

Para Triviños (1987, p.12), estudo de caso "é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente", além disso, ele aponta o estudo de caso como a principal ferramenta das pesquisas qualitativas. Dessa forma, é claro que esse método requer o envolvimento pessoal do pesquisador, imergindo e interagindo com o contexto em que decorre a pesquisa, de forma a perceber o desenvolvimento e o concernente envolvimento dos fatos.

A fase exploratória que inicia um estudo de caso, onde são realizados os contatos iniciais com o local onde será realizada a pesquisa e identificadas as fontes de dados necessárias para o estudo, se iniciou ainda na fase de projeto de escrita desse trabalho. De acordo com Lüdke e André (1986) após a fase exploratória se entra na fase de delimitação do estudo, onde se recorre aos diferentes instrumentos para recolher os dados necessários ao trabalho; e por fim é chegada a terceira fase de um estudo de caso, momento em que ocorre a análise sistemática de toda a informação obtida, e então o trabalho é estruturado para ser disponibilizado a quem mais se interesse pelo tema de estudo.

É importante ressaltar que não seria possível compreender de forma concreta e intensa aquilo que se foi proposto analisar se não houvesse uma base estabelecida por meio de um aprofundamento inicial em uma pesquisa bibliográfica e um consequente enquadramento teórico, assim como a própria confecção dos instrumentos de coleta de dados só puderam fornecer dados consistentes pois foram construídos baseados na teorização de determinados conceitos estudados previamente.

3.6 Técnicas de recolha de dados

Como afirmado anteriormente, no desenvolvimento de um estudo de caso, a fase precedente da investigação consiste em procurar campos ou sujeitos que possam ser objeto do estudo ou fonte de dados (Bogdan & Biklen, 1994). Nesse sentido, o trabalho aqui relatado buscou estudar o sujeito assistente de alunos, por ser esse o cargo ocupado pela autora desse trabalho, e mais especificamente a pesquisa se deu em refletir sobre a atuação e a dimensão educativa que tais sujeitos exercem no campus Natal Cidade Alta do IFRN, por ser esse o campus do IFRN que possui a maior quantidade de tais profissionais.

Dessa forma, optou-se por analisar a visão que tais sujeitos possuem perante os professores e os alunos, assim como também perceber como eles mesmos se enxergam, de forma a compreender a contribuição que os assistentes de alunos fornecem para os processos educativos da escola e a sua influência perante o corpo discente dela.

Morgado (2012, p.71) em revisão da literatura sobre o tema disserta que as técnicas e os instrumentos de recolha de dados utilizados em uma pesquisa são recursos fundamentais pois “deles dependem, em grande parte, a qualidade e o êxito da investigação. Devem por isso, serem elaborados e utilizados de modo a captar, da forma o mais completa possível, todas as informações inerentes ao(s) fenômeno(s) em estudo.” Neste sentido, a escolha de uma determinada técnica e/ou instrumento irá depender também da natureza e do contexto em que se realiza a investigação.

Para entender como o assistente de alunos é visto diante dos estudantes foi necessária uma técnica de recolha de dados que permitisse obter as idéias de uma grande quantidade de pessoas, visto ser esse o maior grupo dos quais seria necessário obter dados. Assim sendo, foi escolhida a técnica do inquérito por questionário, que foi elaborado de forma estruturada, formado por questões fechadas onde todos os inquiridos foram submetidos às mesmas perguntas e às mesmas alternativas de respostas (Alencar, 1999). É importante ressaltar, que apenas os alunos do campus que possuíssem mais de 50% de frequência foram convidados a participarem da pesquisa, sendo esse critério de presença aplicado pois nem sempre o que está registrado no sistema acadêmico demonstra a realidade, visto que alguns alunos abandonam a escola mas não formalizam a desistência, permanecendo com o status de aluno matriculado perante o sistema.

Portanto, dos 415 alunos que constavam como matriculados em julho de 2019, sendo 128 do curso de lazer e 287 alunos pertencentes ao curso de multimídia; restaram 127 alunos

no curso de lazer e 276 alunos no curso de multimídia, totalizando 403 alunos que realmente estavam a frequentar a escola e por isso aptos a responderem ao questionário.

De acordo com Freixo (2011), o questionário é utilizado como instrumento de medida que permite ao pesquisador eventualmente confirmar ou anular uma ou várias hipóteses de investigação, e por isso o estudo que se utiliza do inquérito por questionário possui variáveis mensuráveis.

O inquérito por questionário (apêndice I) foi aplicado de forma eletrônica aos estudantes de ensino médio do Campus Natal Cidade Alta, visando a redução de materiais utilizados na pesquisa e também a praticidade para tratamento dos dados obtidos. Ele possuiu uma primeira parte voltada para a caracterização dos discentes, com perguntas sobre idade, sexo, curso e turno em que estuda na instituição; e a segunda parte foi composta por questões referentes à compreensão que eles tinham dos assistentes de alunos, onde cada questão possuía uma escala de cinco pontos de respostas possíveis, a chamada escala do tipo Likert. A escala Likert requer que os questionados indiquem seu grau de concordância ou discordância com declarações relativas à atitude que está sendo medida e para isso apresenta uma série de cinco proposições, das quais o inquirido deve selecionar uma (Backer, 1995).

De acordo com Gil (2006) um dos quesitos mais complicados na utilização desta técnica de investigação consiste na própria questão da linguagem utilizada, pois o modo de se comunicar do questionário deve se aproximar das categorias linguísticas e intelectuais da população que irá participar da pesquisa, devendo as perguntas serem formuladas de forma clara, concreta e precisa.

Devido ao público-alvo da pesquisa se tratar de adolescentes, que em sua maior parte possuíam entre 15 e 18 anos, chegou-se à conclusão que o questionário para essa pesquisa, especificamente, não poderia ser muito extenso e necessitaria de termos mais claros e simples para avaliação dos itens. Dessa forma foi formatado um questionário com cerca de trinta itens a serem avaliados com opções de resposta próximas da linguagem utilizada pelos inquiridos, como por exemplo: péssimo, mau, regular, bom e excelente. Buscou-se com que tanto as perguntas quanto as opções de respostas fossem as mais próximas possíveis da realidade com que o público-alvo da pesquisa estava acostumado, de forma que a participação na pesquisa não fosse cansativa.

Apesar da aplicação do questionário ter ocorrido de forma eletrônica, a pesquisadora visitou cada turma para fazer o convite à participação na pesquisa, bem como enviou o questionário pelo sistema informacional de comunicação da escola. É importante mencionar que as duas últimas questões do questionário foram abertas, onde os respondentes puderam registrar na penúltima questão uma palavra que para eles representasse o assistente de alunos, e na última era um espaço de preenchimento não obrigatório onde o participante poderia registrar sugestões sobre algum ponto do tema da pesquisa que não havia sido contemplado nos itens anteriores.

Com o convite para responder o questionário enviado pelo sistema de comunicação eletrônica da escola houve uma taxa de resposta de apenas 20%. Dessa forma foi necessário realizar outra estratégia para aumentar a quantidade de respostas recebidas do questionário, visto ser difícil conseguir um engajamento dos jovens em algo no qual eles não percebem um retorno imediato. Em conversa com os professores foi obtido um espaço no tempo de aula em cada uma das 12 turmas para que a pesquisadora pudesse entrar e convidar mais uma vez os alunos a participarem da pesquisa. Como o questionário podia ser respondido através do telefone celular, muitos alunos optaram por responder ali mesmo no momento da aula, enquanto outros alegaram problemas de conexão do telefone com a internet e se comprometeram a responder em suas casas. Em cada entrada na sala de aula foi recolhido o número de telefone do aluno líder da turma, e posteriormente foi enviado via *whatsapp* (aplicativo de mensagens instantâneas), à cada líder de turma, a mesma mensagem enviada pelo sistema de comunicação eletrônica do IFRN. Cada líder se disponibilizou para enviar a mensagem ao grupo da turma existente no aplicativo, e com essas estratégias foi possível chegar em uma taxa de respostas superior à 66% (270 respostas), demonstrando que os alunos não costumam consultar o comunicador eletrônico da escola com a mesma frequência que interagem com os aplicativos de comunicação constantes em seus celulares.

Durante o tempo em que o questionário foi aplicado aos alunos, foi realizada uma entrevista a 3 assistentes de alunos (apêndice II) e a oito professores (apêndice III) de variadas disciplinas. As questões das entrevistas aplicadas aos assistentes e aos professores eram bem semelhantes e buscavam sobretudo obter as visões dos entrevistados sobre o assistente de alunos (sua definição e prática), a relação com a família dos alunos e a relação entre professores e assistentes.

Entrevista semiestruturada é aquela que possui um roteiro previamente elaborado com questionamentos básicos relacionados ao tema da pesquisa (Triviños, 1987). A entrevista é uma técnica que permite recolher com profundidade testemunhos, interpretações, pensamentos e idéias (Gray, 2012).

É importante mencionar que tanto o questionário aplicado aos alunos quanto as entrevistas realizadas com os servidores do campus possuíam uma introdução contendo uma breve e sucinta apresentação do estudo proposto, bem como a informação de que as informações obtidas permaneceriam anônimas. Todos os participantes da pesquisa escutaram, leram e assinaram previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice IV), e os participantes das entrevistas assinaram também a Autorização do Participante (apêndice V), que permitia ao pesquisador realizar a gravação das entrevistas em equipamento multimídia.

Como o universo de professores que atuam no ensino médio do campus era muito extenso, foi estabelecido como critério de escolha que seriam convidados via e-mail profissional os professores de disciplinas propedêuticas que estivessem no campus há mais de 4 anos e meio e que tivessem mais de 6 horas semanais de aula no semestre letivo do período em que a pesquisa foi realizada. Após pesquisa no SUAP foram encontrados sete professores de disciplinas diversas aptos a serem entrevistados, porém somente seis demonstraram interesse em participar da pesquisa. Para garantir uma variedade ainda maior de professores entrevistados foram convidadas também via e-mail duas ex-coordenadoras dos cursos de lazer e multimídia, sendo que os coordenadores atuais dos respectivos cursos estão na função há poucos meses e por isso optou-se por convidar apenas as coordenadoras que já estiveram na função há mais de um ano, por essas terem possuído uma maior experiência e contato com os assistentes de alunos. Dessa forma, foram entrevistados oito professores ao todo, entre professores da área propedêutica e da área técnica.

3.7 Tratamento dos dados

A fase de tratamento dos dados é o ponto-chave de qualquer investigação, visto que é nessa fase onde são obtidas as respostas para os questionamentos que deram origem à pesquisa. Nessa fase há o relacionamento e análise dos dados recolhidos ao longo de toda a investigação, sendo possível provar ou refutar as hipóteses elencadas no início do trabalho.

Para o tratamento dos dados obtidos através das entrevistas realizadas e das questões abertas do questionário foi utilizada a técnica da análise de conteúdo, que é uma técnica de investigação definida por Berelson (1952) como uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações.

A análise de conteúdo é composta por diferentes fases, e apesar de alguns autores citarem terminologias distintas, no geral eles apresentam certas semelhanças (Triviños, 1987). Bardin (2011), uma das principais autoras sobre a temática, mostra que a análise de conteúdo se desenvolve através de três fases. Sendo a primeira de pré-análise, onde há a organização e preparação do material para análise; a segunda fase é de exploração do material, sendo uma fase longa e fastidiosa que tem o objetivo de codificar o material, fazendo os recortes, enumerações e as classificações necessárias; e a última fase Bardin chama de tratamento dos dados, inferência e interpretação, onde por fim os dados obtidos se tornarão válidos e significativos.

A primeira fase foi bastante trabalhosa, visto ser necessário realizar a transcrição de todas as 11 entrevistas realizadas, às quais duraram em média 20 minutos, tendo a entrevista mais longa durado cerca de 53 minutos e a mais curta apenas 12 minutos. Em muitas questões o entrevistado conversou muito sobre temas diversos os quais não são o foco de análise dessa pesquisa, porém tudo foi transcrito na íntegra, gerando inúmeras páginas de entrevistas transcritas. Nessa fase o material coletado é organizado de modo a torná-lo operacional e ser possível sistematizar as idéias iniciais.

Segundo Bardin (2011, p.126) é nessa fase de pré-análise onde deve ser realizada a leitura “flutuante”, que consiste em um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise “deixando-se invadir por impressões e orientações”. Essa ação possibilita a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material. É necessário mencionar que esses documentos coletados obedeceram às regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência sugeridas por Bardin (2011) como as principais regras que devem estar presentes na constituição do corpus documental que será submetido aos procedimentos analíticos.

A regra da exaustividade diz que não pode haver seletividade quanto à informação que será analisada, nenhum elemento obtido deve ser deixado para trás. A representatividade é seguida quando a amostra corresponde a uma parte representativa do universo inicial, por isso

foram utilizados diferentes critérios para a escolha dos entrevistados e o questionário foi enviado a totalidade dos alunos que frequentam aulas no local onde a pesquisa foi realizada. A homogeneidade é outra regra pertinente pois consiste em assegurar que as entrevistas e inquéritos foram aplicados da mesma forma aos grupos semelhantes. A regra da pertinência é mais uma elencada por Bardin (2011) como de grande importância pois garante que o material recolhido necessita ser adequado ao conteúdo e objetivo da pesquisa, e esse cuidado foi tomado enquanto ainda eram formuladas as técnicas de coleta de dados.

A segunda fase foi a mais demorada, pois nela foi preciso organizar e agregar em unidades os dados brutos, de forma que permitissem uma descrição das características pertinentes ao conteúdo. Foi nessa fase onde ocorreu a codificação e categorização das informações disponíveis, sendo a codificação o momento de identificar recortes interessantes para o tema estudado e agregá-los em uma mesma dimensão; e a categorização correspondeu à passagem dos dados brutos para dados organizados em agrupamentos com características comuns tendo como respaldo as questões de pesquisa, os objetivos deste trabalho e a revisão teórica. Lembrando que a regra da exclusividade foi seguida nesse momento, segundo Bardin (2011) essa regra define que um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria.

A partir da análise efetuada nas transcrições de entrevistas realizadas com 3 dos 4 assistentes de alunos que atuam no Campus Natal Cidade Alta do IFRN foi possível agregar as falas em 3 dimensões, sendo elas: dimensão profissional, dimensão de atuação do assistente de alunos, e dimensão de reflexão sobre a prática e nomenclatura do assistente de alunos (quadro 8).

Quadro 8 - Categorização das informações obtidas através das entrevistas realizadas com os assistentes de alunos

Dimensão	Categorias	Subcategorias
Profissional	Motivação para escolher a profissão	Estabilidade Ambiente escolar
	Necessidade de Formação	Pedagogia e Psicologia Serviço Social
Atuação do assistente de alunos	Importância do Assistente de Alunos	Cumprimento das normas institucionais Sociabilidade (diálogo)
	Contribuição do assistente de alunos para os processos formativos do estudante e sua permanência na instituição	Acompanhamento Aconselhamento ao aluno
	Relação do assistente de alunos com os demais setores da escola	Necessidade de sinergia entre os setores

		Necessidade de todos se entenderem como educador
	Relação do assistente de alunos com a família dos alunos	O assistente de alunos como representante da escola perante a família
		Ausência da família
	Contribuições do assistente de alunos em decisões da escola	Influência em questões burocráticas
		Influência em processos educativos
Reflexão sobre a prática e nomenclatura do assistente de alunos	Papel do assistente de alunos	Mediação
		Apoio ao estudante
	Nomenclatura assistente de alunos	Assistência ao estudante
		Além da assistência ao estudante

Fonte: Baseado nas entrevistas realizadas com assistentes de alunos do IFRN Campus Natal Cidade Alta, julho, 2019

A primeira dimensão (apêndice VI) teve a intenção de conhecer as motivações para aquele servidor ter optado por realizar o concurso público para o cargo assistente de alunos, bem como fazê-lo refletir sobre quais áreas de formação esse papel carece para poder ser desempenhado da melhor forma. A segunda dimensão (apêndice VII) foi a mais extensa, e compreende a atuação própria do assistente de alunos e tudo que está ligado à essa prática. Enquanto a terceira e última dimensão (apêndice VIII) se refere aos aspectos relacionados ao papel efetivo desempenhado por esse profissional na instituição educativa e quais são as opiniões deles mesmos sobre a adequação do nome ao cargo.

Após as transcrições das entrevistas realizadas com 8 docentes que atuam no ensino médio integrado do Campus Natal Cidade Alta do IFRN, resolveu-se dividir as informações também em três dimensões, sendo a primeira sobre a atuação do assistente de alunos, a segunda sobre o relacionamento docente com o assistente de alunos e com a família dos estudantes, e a terceira dimensão versa sobre o papel desse assistente na prática e a adequação do termo a essa prática (quadro 9).

Quadro 9 – Categorização das informações obtidas através das entrevistas realizadas com os docentes

Dimensão	Categoria	Subcategoria
Atuação do assistente de alunos	Atribuições do assistente de alunos	Cumprimento das normas institucionais
		Acompanhamento
		Suporte
	Necessidade de formação	Ciências Humanas
		Gestão
		Primeiros Socorros
	Contribuição do assistente de alunos para os processos formativos	Sociabilidade (diálogo)
		Observação e Orientação
		Mediador

	do estudante e sua permanência na instituição	
Relacionamento docente com o assistente de alunos e com a família dos estudantes	Relacionamento do docente com assistente de alunos	Conflito
		Parceria
	Relacionamento docente com a família dos alunos	Relacionamento distante
		Relacionamento à distância
Reflexão sobre o papel e o termo assistente de alunos	Papel do assistente de alunos	Relacionamento distante e/ou ausente
		Momentos de relação com a família necessitam ser repensados
	Nomenclatura assistente de alunos	Acompanhamento e apoio ao processo educacional na escola
		Mediador entre aluno e escola
		Controle
		Termo restritivo
		Além da assistência ao estudante

Fonte: Baseado nas realizadas com docentes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, julho, 2019

A dimensão de atuação do assistente de alunos (apêndice IX) pelo prisma docente ressalta as diversas visões que os docentes possuem sobre as atribuições do profissional em estudo, enquadrando categorias relacionadas à atuação prática do assistente de alunos e refletindo sobre qual seria o seu papel na escola, qual sua necessidade de formação para exercer o trabalho da melhor forma e quais suas contribuições para os processos formativos do estudante e a permanência desse aluno na instituição. A segunda dimensão (apêndice X) obtida através das entrevistas com os docentes trata dos aspectos ligados ao relacionamento do docente com os assistentes de alunos e com as famílias desses estudantes. Enquanto a terceira dimensão (apêndice XI) aborda os aspectos ligados ao papel efetivo desse profissional na instituição e opiniões sobre a adequação ou não do nome assistente de alunos à prática efetiva do cargo.

Como já mencionado, as questões abertas do inquérito por questionário aplicados aos discentes também foram tratadas através de análise de conteúdo, onde a avaliação acerca da contribuição do assistente de alunos para a permanência do estudante na escola (apêndice XII) foi dividida em três categorias e diversas subcategorias (quadro 10).

Quadro 10 - Categorização sobre a contribuição dos assistentes de alunos para a permanência do estudante na escola (opiniões dos estudantes)

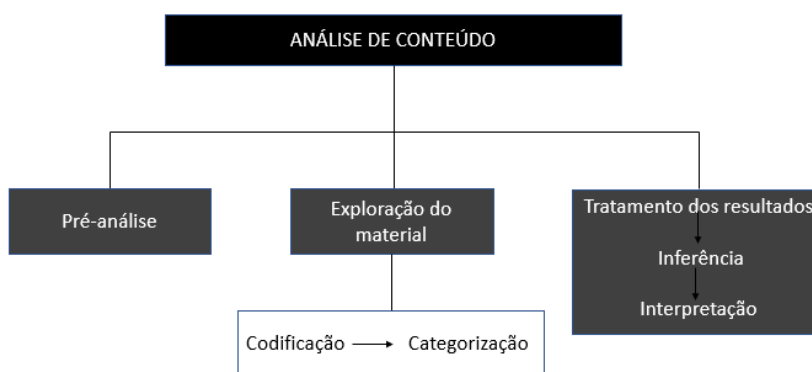
Dimensão	Categorias	Subcategorias
Contribuição do assistente de alunos para a permanência do estudante	Não há contribuição para evitar evasão estudantil	Profissionais que não auxiliam quando são solicitados
		Falta de participação ativa do profissional
	Atuação indiferente para a evasão estudantil	Não há influência positiva nesse aspecto especificamente

		Contribui apenas para estudantes específicos.
		O aluno não precisa recorrer ao assistente de alunos
	Há contribuição para evitar evasão estudantil	Orientação
		Cumprimento de normas
		Incentivo
		Acompanhamento e cuidado
		Criação de um vínculo com a escola

Fonte: Baseado nos dados obtidos através do inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Na terceira e última fase da análise de conteúdo houve enfim o tratamento simples dos resultados permitindo a condensação e destaque das informações fornecidas para análise. O tratamento desses resultados se deu por inferências e suas conseqüentes interpretações. A figura 4 apresenta um esquema que resume as três fases citadas.

Figura 4 - Três fases da análise de conteúdo



Fonte: Síntese da autora, baseado em Bardin (2011, pp.125-171)

Para o tratamento dos dados obtidos através das questões fechadas do inquérito por questionário houve a tabulação eletrônica e posteriormente a análise estatística dos dados através do uso do software IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences) e do Microsoft Office Excel. O primeiro programa permite organizar os dados e analisar estatisticamente, de forma a possibilitar uma melhor ajuda na leitura e interpretação dos dados, o segundo foi utilizado para a criação de elementos gráficos. Essas análises são importantes porque na discussão dos resultados da investigação é necessário ter condições de formular conclusões, interpretar os resultados e apresentar as sugestões formuladas a partir desses resultados.

Para ser possível trabalhar de forma quantitativa com os dados obtidos através das questões fechadas do questionário aplicado aos discentes foi necessário atribuir pesos de 1 a 5 para cada resposta escolhida, baseado no método de análise de escala do tipo Likert apresentado por Malhotra (2001).

Sendo assim, uma avaliação de discordância total para determinado item foi considerada como de peso 1, à avaliação de discordância parcial foi atribuído peso 2, a avaliação indiferente ganhou peso 3, uma avaliação de concordo parcialmente foi considerada como de peso 4, e à uma avaliação de concordo totalmente foi dado peso 5. Dessa forma foi possível mensurar cada item e verificar de forma quantitativa as questões em estudo.

Utilizando esses dados quantitativos foram calculadas as frequências absolutas (#) e relativas (%), médias (M) como medida posicional; e desvios padrão (DP) e coeficientes de variação (CV) como medidas de dispersão para a apresentação das estatísticas descritivas. O cálculo da média para cada item foi obtido através da pontuação atribuída a cada resposta relacionada à frequência das respostas dos respondentes que fizeram tal atribuição. Respostas com peso maior que 3 foram consideradas satisfatórias, enquanto respostas com peso inferior a três demonstraram que o discente não estava de acordo com a afirmação. Ainda baseado na escala Likert, o valor exatamente 3, foi considerado como indiferente, assim como já estava escrito literalmente nas opções de respostas possíveis. O desvio padrão indicou a dispersão de cada dado em relação à média calculada e o coeficiente de variação representou o desvio-padrão como porcentagem da média para ser possível mensurar o tamanho do desvio.

Para classificar o coeficiente de variação foi utilizada a classificação (quadro 11) segundo Ferreira (1991).

Quadro 11 - Classificação do coeficiente de variação

CLASSIFICAÇÃO DO COEFICIENTE DE VARIAÇÃO		
Porcentagem	Precisão	Coeficiente de Variação
Entre 10% e 15%	Ótima	Baixo
Entre 15% e 20%	Boa	Médio
Entre 20% e 30%	Regular	Alto
Maior do que 30%	Muito ruim (ou péssima)	Muito alto

Fonte: Ferreira, 1991

O capítulo seguinte apresentará os resultados obtidos através do estudo que foi realizado com os sujeitos apresentados e se utilizando dos procedimentos metodológicos aqui descritos.

Capítulo IV - O assistente de alunos: múltiplas visões e reflexões

Neste capítulo serão apresentados os resultados inferidos através do estudo de caso sobre os assistentes de alunos realizado no Campus Natal Cidade Alta do IFRN. Primeiramente será apresentada a percepção que o assistente de alunos tem do seu trabalho, seguido da compreensão que a parte docente da escola também tem sobre esse profissional. Por fim será exposto o conhecimento e avaliação que os estudantes fazem desse assistente que está presente cotidianamente na escola. Para manter o anonimato dos entrevistados, os assistentes de alunos serão chamados de AA1, AA2 e AA3; os professores foram nomeados como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8; e os discentes serão chamados atribuindo-lhes um número n junto ao curso que frequenta.

4.1 O assistente de alunos e a sua percepção de si

Primeiramente foram analisadas as idéias e pensamentos que o próprio assistente de alunos possui de si. Como já mencionado, essas análises ocorreram a partir de três dimensões.

Dimensão Profissional - O que esperavam e o que pensam os Assistentes de Alunos sobre a sua profissão (apêndice VI)

De início se faz necessário reconhecer quais foram as motivações que levaram os assistentes de alunos à profissão. Através da análise de conteúdo realizada foi possível perceber que o que atraiu esses jovens a se tornarem assistentes de alunos foi principalmente a estabilidade no emprego público, garantida sobretudo pela Lei n. 8112 (1990), que diz em seu artigo 21 que “o servidor habilitado em concurso público e empossado em cargo de provimento efetivo adquirirá estabilidade no serviço público ao completar 2 (dois) anos de efetivo exercício” (Lei n. 8112, 1990, art. 21). A questão salarial também é citada por um dos assistentes, que considera a remuneração paga também como um incentivo. De fato, o salário inicial do cargo chega a ser o dobro do rendimento mensal médio per capita dos demais moradores do estado do Rio Grande do Norte.¹⁶

Primeiro a questão da estabilidade, depois a questão salarial. (AA1)

Eu acho que não fui nem pelo cargo. Eu acho que mais pela... Pela questão da estabilidade do serviço público mesmo. (AA3)

¹⁶ Dados sobre Trabalho e Rendimento constam na página virtual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Recuperado em 13 de setembro, 2019, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/panorama>.

O ambiente escolar é mencionado pelos assistentes de alunos como um local tranquilo e mais humano para se trabalhar, principalmente entre aqueles que anteriormente haviam trabalhado na Empresa Brasileira de Correios.

Primeiro para entrar dentro de uma instituição de ensino, que fazia diferença entre trabalhar nos Correios, que é puramente administrativo, financeiro. (AA2)

É fato também que a escola funciona na mente desses trabalhadores como uma forma de retornar ao passado. Trabalhando com educação de certa forma é possível lembrar os tempos de estudante, seja para lembrar como lidar com uma determinada situação ou quando se observam as vivências dos alunos e lembram que outrora quem hoje trabalha também já ocupou aquele papel de jovem estudante. Por ser uma instituição tradicional e centenária é comum o IFRN receber antigos alunos como seus servidores e no cargo de assistente de alunos não é diferente, sendo que no campus Cidade Alta todos os assistentes já foram alunos da instituição anteriormente.

Quanto à necessidade de formação adequada ao perfil do cargo, todos concordaram que há necessidade de formação complementar e citaram áreas que já estão sendo cobradas em editais mais recentes de concursos de outras instituições da Rede Federal para o mesmo cargo. Conhecimentos da área pedagógica e psicológica foram citados como necessários para quem lida em quase que 100% do seu tempo com os estudantes, seus anseios e seus conflitos.

Uma área que tem que ter um trabalho melhor é no saber lidar com o aluno, saber conversar, o acolhimento. Tinha que ter, digamos, um lado mais psicológico, algo mais trabalhado nesse sentido né, um pouco de formação psicológica, de como receber um aluno, de como conversar, de como entender. (AA1)

Algo mais voltado à psicologia ou pedagogia... De saber como lidar com essas situações [de conflito]. Talvez até, não sei, algo parecido com aquelas coisas de coaching, lidar com conflito. Eu acho que é por aí. Porque realmente é pesado né. (AA3)

Assim como também foi citado que é importante para a atuação dos assistentes de alunos o conhecimento da parte de assistência social, especialmente sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8069, 1990). Infelizmente, em relação a outras instituições do país, o Instituto em estudo ainda não olha os assistentes de alunos de uma forma que possa potencializar sua ação e seus impactos na escola, isso é percebido tanto no processo de admissão desses profissionais (cobrando conteúdos que nada tem a ver com a sua atuação), quanto na formação

continuada quando entram na instituição, que é quase inexistente. Sobre isso, um dos assistentes afirmou:

Falta um pouco também, como eu disse, de um trabalho coletivo, que poderia partir da reitoria acredito, com a convocação de todos assistentes de alunos, talvez a cada semestre ou uma vez a cada ano, e fazer uma semana né... De integração, de explicar de fato para todo mundo qual o nosso papel, até onde a gente pode ir, até que ponto já não é mais nossa responsabilidade, como lidar com aluno, ou seja, existissem treinamentos formais a cada seis meses... A cada um ano... Para todo mundo ter uma conduta muito parecida, não igual, mas pelo menos bem parecida, tanto no campus mais central como no campus mais distante. (AA1)

Em pesquisa anterior sobre o perfil dos assistentes de alunos do IFRN, realizada para construir o projeto desse trabalho, um assistente de um campus da Região Metropolitana de Natal já havia afirmado algo semelhante.

Acho a função dos assistentes de alunos extremamente subutilizada do ponto de vista educacional. [...] Creio que há um grande potencial de atuação na construção de uma melhor atitude do aluno em vista da formação humana integral que é uma de nossas principais funções, conectada, naturalmente, à questão disciplinar e ao diálogo entre alunos e instituição.

É consenso que esse servidor assistente de alunos poderia ser mais bem aproveitado se a instituição não confiar apenas na personalidade inclinada à educação de cada servidor, mas capacitar de verdade toda pessoa que assuma essa função.

Dimensão de atuação do Assistente de Alunos - Práticas profissionais (apêndice VII)

Apesar do exposto na dimensão anterior, os assistentes de alunos conseguem compreender sua importância para a escola, reconhecendo que atuam como agentes que auxiliam na manutenção da ordem institucional ao contribuírem para que as normas institucionais sejam cumpridas (observando e cobrando dos estudantes posturas compatíveis com as normas), e também fazem uma ponte de sociabilidade (diálogo) com os estudantes, contribuindo para mediar conflitos, compreender situações específicas e agir de forma positiva para solucionar problemas que surjam dentro ou fora da escola e que venham a atingir o rendimento pessoal e acadêmico dos alunos da instituição.

Ao realizarem o acompanhamento próximo dos alunos e se aproveitarem dessa proximidade para aconselharem aos alunos em quais caminhos seguir tanto nas questões escolares como também pessoais, esses assistentes de alunos acabam por contribuir para os

processos formativos do estudante do campus, bem como com a sua permanência e êxito na instituição. Por ser uma instituição com educação verticalizada o estudante do ensino secundário do IFRN aprende desde cedo a conviver com uma rotina “universitária”, pois lida mais com a autonomia, liberdade e responsabilidade que a instituição impõe, seguindo moldes de Universidade. Isso gera uma certa estranheza e medo em muitos estudantes que estão acostumados com escolas menores e mais paternalistas, e o assistente de alunos acaba servindo como o elo de ligação/mediador desse aluno com o restante da Instituição.

Eu acho que às vezes a gente consegue pegar alguém que tá escapando, alguém que o professor não tá conseguindo acompanhar, algum aluno que tem dificuldade numa matéria, então ele não se sente à vontade que o professor se chegue, e eu acho que às vezes a gente consegue chegar nesses alunos sim. Nesses alunos, principalmente os que tem mais... Mais dificuldade (...) Eu acho que aquele chegar junto e conversar... Já ajuda. (AA2)

Alguns alunos também demonstraram compartilhar do mesmo pensamento dos assistentes:

A presença de alguém mais próximo, cobrando, buscando nos entender e ajudar, é bom para nossa permanência. Para o professor é difícil fazer esse papel. (Aluno 1 – Multimídia)

A presença do assistente de alunos deixa tudo mais fácil e mais acessível, deixando os diversos sistemas da escola extremamente mais simples. (Aluno 2 – Multimídia)

Quanto ao relacionamento com os demais setores da escola os assistentes de alunos se queixam que muitos servidores ainda os encaram como os únicos que podem cuidar dos aspectos educativos e disciplinares dos alunos fora da sala de aula, apesar de já ter sido debatido em diversas reuniões que todos possuem papel de educador no ambiente escolar, não cabendo essa responsabilidade há um servidor específico. Há um certo desconforto também na falta de sinergia entre os setores e com os professores, pois às vezes falta um certo alinhamento de idéias entre os assistentes de alunos e outros servidores da instituição, o que por vezes chega a causar atritos entre ambos.

Já foi conversado em mais de uma reunião sobre o papel do servidor dentro do campus, que todo mundo faz parte do... Da formação do aluno. Todo mundo é educador. [...] Tem que lembrar, para evitar alguns maus entendidos (...). (AA2)

Essa não unidade de entendimento sobre algumas coisas pode gerar conflitos. (P8)

Quanto ao relacionamento do assistente de alunos com as famílias dos alunos é possível observar dois pontos. O assistente de alunos age como representante da instituição apresentando a escola aos pais que por ventura queiram conhecê-la, mostrando quais os cursos disponíveis e a infraestrutura que a instituição dispõe, e também dando informações da escola aos pais de alunos que já estão na instituição, assim como também recebem esses pais quando estes procuram a escola por motivos de algum problema que tenha ocorrido com o aluno dentro ou fora da escola. Só após passar pelo assistente de alunos a família é encaminhada aos setores específicos, sejam eles pedagogia, psicologia ou setor médico. Alguns pais chegam a obter inclusive contatos telefônicos pessoais desses servidores acreditando que dessa forma terão um melhor controle sobre seus filhos na escola.

Então geralmente ocorre nessa situação, quando o pai vem procurar a escola para saber qual a situação do aluno. (AA1)

Eu acho que eles depois que conhecem a gente tendem a procurar mais [...] Acho que tem umas duas ou três mães que eu já passei por isso, que pedem informações diretamente, de querer whatsapp. (AA2)

Outro ponto que merece análise é a ausência da família na escola e na própria vida dos estudantes, isso é bem percebido pelos assistentes de alunos, que vêem que no IFRN muitos pais “largam” seus filhos acreditando que esses já têm capacidade suficiente de serem seres autônomos, livres e responsáveis.

Nem todo pai é participativo. Quando o aluno entra no IF, muitos alunos ganham vida, ganham asas. (AA2)

Eu vejo que a família não... Muita gente larga os meninos aí... Não, o IF é massa [expressão regional que se refere a algo muito bom], não sei o quê, é bom. Mas... E eu acho que sei lá, pedagogicamente não é assim né. Eu acho que ensino... Ensino é... É algo um pouco além né, de só escola. (AA3)

Esses familiares parecem esquecer que os estudantes ainda são jovens em formação e carecem como todo adolescente de um cuidado mais atento que a escola sozinha não é capaz de suprir. Isso está exposto inclusive no artigo 205 da Constituição Federal Brasileira (1988) onde é afirmado que "a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho." A Constituição da República Portuguesa (2005) também expõe a responsabilidade da família pela educação de seus

filhos em seu artigo 36 onde está escrito que “os pais têm o direito e o dever de educação e manutenção dos filhos.”

Em relação às contribuições do assistente de alunos em decisões da escola, eles demonstraram que costumam interferir quando são questões que impactam em seu trabalho, seja burocraticamente ou mesmo na formação dos alunos.

Eu vejo que eu tenho como opinar, eu tenho como dar algumas sugestões diante de algumas coisas que podem acontecer. (AA1)

Dimensão de reflexão sobre a prática e nomenclatura do cargo - Como os Assistentes de Alunos percebem o seu papel e significado do nome que lhe é dado (apêndice VIII)

A análise de conteúdo validou que os assistentes de alunos compreendem o seu papel na instituição como mediadores entre o estudante e os professores, e entre o estudante e o restante da instituição. Assim também como reconhecem que possuem um papel de apoio perante os alunos, um funcionário que o aluno sabe que pode recorrer em qualquer momento do percurso acadêmico na instituição, seja antes, durante ou depois da sua estadia pelo IF (apêndice VIII).

A gente acolhe, a gente entende, a gente encaminha né [...] A gente tem todo um trabalho por fora que age em conjunto com outros setores e consegue dar solução para o que o aluno está buscando. (AA1)

Eu acho que tem que ser uma pessoa que tem que tá disposta a tá todo dia, a tá acompanhando o dia a dia, e... E tá apoiando de certa forma... De certa forma não, de muitas formas, esse dia a dia. Para melhorar o dia a dia do aluno dentro da instituição. (AA2)

Eu acho que o papel do assistente de aluno é entender o que está acontecendo antes de tudo. (AA3)

A nomenclatura do cargo divide opiniões em meio aos assistentes de alunos, houve quem considerasse que a nomenclatura é mais humanizada e democrática do que inspetor ou outros termos mais antigos, autoritários e disciplinadores.

A gente tem uma impressão de que vai dar assistência né, então é algo mais amigável né. [...] E acho que eles estão tentando humanizar mais os nomes né. (AA3)

Porém houve também quem refletisse que ainda se faz necessário uma nomenclatura que vá além de assistência e que também extrapole a ligação apenas com os alunos.

Assistente de aluno parece que a gente está ali para servir o aluno, para assistir ele o tempo todo, e na verdade não é [...] Mas não é questão de assistir, é... De simplesmente resolver as coisas... De

ensinar o aluno como é que deve... Não. Não é só isso. Tem todo um trabalho por fora, por trás né, do que a gente faz, que não é só do assistente de aluno, ele é buscando um trabalho com todos os setores envolvidos. (AA1)

No tópico seguinte serão apresentadas as visões que os docentes possuem sobre pontos semelhantes aos que já foram aqui debatidos pelas falas dos assistentes de alunos.

4.2. Reflexão dos docentes sobre o assistente de alunos

Para refletir sobre a dimensão educativa do assistente de alunos é importante conhecer também os pensamentos de quem atua diretamente com os estudantes e os assistentes, buscando perceber como esses últimos são vistos na percepção de quem conduz os alunos em sala de aula.

Dimensão de atuação do assistente de alunos na visão docente - Práticas profissionais (apêndice IX)

A análise dos dados provenientes das entrevistas ressaltou que na visão dos docentes ainda não é muito clara quais são as atribuições dos assistentes de alunos, pois isso nunca foi repassado para eles.

Não conheço outros procedimentos porque eu não conheço na totalidade a função do assistente de alunos. (P4)

Não tenho tanta clareza também sabia? Para mim eu acho que ainda falta clareza de saber melhor a função, assim, qual que é né. (P6)

Porém os professores reconhecem que o assistente de alunos zela para que o corpo docente da escola possa cumprir as normas institucionais expostas na organização didática da instituição, sobretudo aspectos relacionados ao uso do fardamento, cumprimento de horários e cuidado com o patrimônio público da escola. Alguns docentes inclusive criticaram esse aspecto “controlador” do referido cargo, alegando que dependendo da forma como esses funcionários agem podem ser contrários aos aspectos democráticos propostos pela escola.

Eu fico sempre com a impressão, que tem aquele lado muito de controle sabe, minha... Minha visão é muito essa. Não que eu acho que deveria ser, mas eu acho o que eu vejo né. (P6)

Houve estudante que aproveitou a oportunidade de responder ao inquérito para criticar essa função “controladora” que por vezes é desempenhada pelos assistentes de alunos para garantir que os estudantes cumpram as normas escolares.

Não insistir tanto para assistir aula, às vezes não 'tamo' com vontade e/ou psicologicamente bem 'pra' isso. (Aluno 3 – Multimídia)

Os docentes também reconhecem como atribuições do assistente de alunos o acompanhamento cotidiano desses estudantes, indicando que por conviverem com os alunos em todo o seu turno escolar esses assistentes têm mais condições de reconhecer e indicar possíveis problemas e/ou dificuldades pelos quais o aluno esteja passando na escola ou na vida pessoal.

Na minha opinião é um profissional que acompanha mais de perto o dia a dia, a rotina dos estudantes [...] Consegue enxergar situações que envolvem algum aspecto pedagógico, algum aspecto psicológico, e encaminhar ao setor adequado. (P1)

Ele tem um papel de acompanhar os estudantes né, de orientar, é... De esclarecer dúvidas. Eu entendo que ele trabalha diretamente com os estudantes, assim percebendo alguma... Alguma situação que sai um pouquinho da... Do cotidiano da escola, então... Algum comportamento diferente dos estudantes. (P7)

É válido lembrar que esse acompanhamento não ocorre apenas de forma pessoal, mas é comum os discentes manterem contato via redes sociais virtuais com os assistentes de alunos, permitindo que eles reconheçam também no ambiente virtual motivações ou soluções para determinados problemas, como por exemplo: mau relacionamento com a família, término de namoros, propensão ao suicídio, etc.

Para os jovens contemporâneos, as redes sociais se constituem como o meio de interação mais utilizado e acessado. Eles se comunicam e expressam seus pensamentos compartilhando imagens, arquivos, fotos, e buscando estar presentes em suas redes, em suas relações, ambicionando popularidade através das curtidas e dos acessos dos amigos e dos amigos de amigos. Esses atos acabam por reafirmar a lógica da internet, onde quanto mais visto/ouvido/espalhado, mais será conhecido e, portanto, visto/ouvido/espalhado por outras pessoas (Martino, 2014).

Os docentes também percebem o assistente de alunos como um funcionário que pode dar um suporte às suas atividades de docência, seja para fornecer materiais, repassar avisos ou auxiliar em atividades que ocorrem na sala de aula. É importante mencionar que os termos "suporte" e "apoio" foram bastante mencionados pelos assistentes, docentes e alunos em suas respostas. Tais termos podem assumir funções diferentes dependendo de quem os cite, na visão de alguns estudantes e dos assistentes de alunos esse "apoio" se reflete em confiança e incentivo.

Existem aqueles [alunos] né, que precisam realmente de um apoio melhor, de um aconselhamento melhor, até porque a vida de um aluno ela muda muito depois que ele entra no IFRN. AA1

Eu acho que durante esse aspecto de tá ali todo dia, de tá convivendo mesmo, de corredor, eu acho que consegue com a aproximação, essa aproximação diária, eu acho que consegue dar um apoio. AA2

Quando o aluno precisar de qualquer apoio sabe com quem contar. E onde procurar ajuda. (Aluno 4 – Multimídia)

As assistentes de alunos nos ajudam de todas as formas [...] Desde dizer os ônibus que a gente pode pegar para ir e para voltar da escola, até dar suporte emocional quando algo acontece. (Aluno 5 – Multimídia)

Já em um outro significado esses termos podem ter a função implícita de querer validar uma concepção de assistente de alunos em que não é assumida uma dimensão educativa, mas que serve apenas como suporte aos processos de ensino-aprendizagem, atuando apenas periféricamente nesses processos.

Além, assim, de dar suporte à pedagogia, à psicologia, ao próprio docente também no dia a dia, na logística das salas como vimos aqui, na logística da... Da organização das salas e de... Distribuição das turmas. (P1)

Além de auxiliar também nas atividades dos docentes né, um lugar onde a gente tem um apoio na verdade. Muito... Muito Próximo. Talvez seja uma etapa menos burocrática do que a gente buscar um apoio na pedagogia. (P8)

Quanto à contribuição dos assistentes de alunos para os processos formativos do estudante e a sua permanência na instituição, os docentes ressaltaram alguns pontos que também foram levantados pelos assistentes de alunos, como a questão da sociabilidade e diálogo frequente que esses servidores tem com os estudantes, estabelecendo relações de confiança e tornando mais fácil de dar aconselhamentos e identificar situações problemáticas.

Como o assistente de alunos consegue ter esse convívio maior com o estudante, consegue às vezes ter essa proximidade maior com o estudante, então consegue identificar, consegue identificar problemas, situações que podem impedir a permanência do estudante. (P1)

O assistente de alunos quando ele é sensível ao aluno não é, ele... Ele percebe muitas vezes... Um... Um... Um... Comportamento diferenciado do aluno, e às vezes ele... Ele consegue até reverter uma

evasão né, conversando com o aluno né, consegue é... Muitas vezes, entender um problema de um aluno né. (P2)

Levasseur e Tardif (2011) já haviam afirmado que os agentes técnicos educativos que trabalham mais diretamente com os alunos, e assumem junto deles uma maior presença, acabam por assumirem uma função que consiste em transmitir aos estudantes valores ou regras elementares de civismo, favorecendo neles o desenvolvimento de competências comunicacionais ou sociais, certo controle de si, uma capacidade de reflexão, e permitindo-lhes compreender o alcance de suas palavras e de seus gestos sobre os outros, acabam sendo profissionais que ouvem os discentes e lhes dão conselhos sobre sua vida pessoal e acadêmica.

Essa sociabilidade exercida pelos assistentes de alunos está também intimamente ligada com as ações de observação e orientação que esses servidores desempenham. Sendo válido lembrar que nem sempre é possível identificar todos os alunos que possam estar necessitando de ajuda.

Não me sinto acolhida. Problemas pessoais visíveis nunca são notados, e atitudes referentes a estes problemas são ignoradas. (Aluno 6 – Multimídia)

Esses profissionais deveriam se ligar mais, não só nos alunos que claramente tem problemas pois às vezes as pessoas escondem muito bem. (Aluno 7 – Multimídia)

A gente também perde muito aluno mesmo tendo todo o apoio, mesmo todo mundo... A equipe inteira estando junta, às vezes a gente... A gente perde. A gente não faz... A gente não tem êxito cem por cento. (AA2)

Apesar dos insucessos, no geral os assistentes de alunos desempenham funções imprescindíveis para a escola, exercendo por exemplo a função de mediador, sendo tal função reconhecida pelos docentes como algo importante, onde os assistente de alunos atuam como “simplificadores” da instituição para os discentes. Como alguém capaz de ligar o estudante aos demais setores da escola, aos demais estudantes, e de agir quando uma situação conflituosa é identificada.

Identificando [problemas], o quê que ele faz? Ele vai agir, vai atuar e vai buscar auxílio. (P1)

Servir como intermediador com a escola, não só com os professores, mas com o médico, com o psicólogo. (P4)

É importante mencionar que termos ligados à mediação também foram citados pelos discentes como palavras que representam os assistentes de alunos.

Quanto às necessidades de formação, assim como os assistentes de alunos, os docentes também reconhecem que seria necessário para esse profissional formações nas áreas de ciências da educação e sociais, como pedagogia e psicologia, e foram citadas de formas pontuais a necessidade de conhecimentos nas áreas de serviço social, sociologia e documentos normativos da instituição. Tais conhecimentos deveriam ser inclusive cobrados desde os processos de admissão desses servidores.

Se a pessoa ela entra assim apenas com o ensino médio né, como é a única exigência solicitada, eu acho que ele pode entrar muito desavisado do que é uma escola né, muito desavisado do que é um espaço educativo, muito desavisado de qual é o papel dele diante dos alunos. (P7)

Alguns docentes também lembraram que os assistentes de alunos costumam ser gestores em determinados setores acadêmicos da escola, além de gerenciarem o uso de alguns espaços físicos, equipamentos e materiais da escola. Por isso alguns professores sugeriram também formações na área de gestão para esses funcionários.

Acho que na área de gestão escolar seria valioso. (P3)

Eu creio que vocês deveriam ter cursos de administração, porque vocês vão administrar setores da escola. (P5)

Houve ainda um único docente que sugeriu formação básica de primeiros socorros, estando em alinhamento com o que já é requisitado em alguns concursos de admissão para assistente de alunos em outras instituições do país e com necessidades reais que já ocorreram para os assistentes de alunos.

Cursos de primeiros socorros, porque numa eventualidade, se algum aluno sofrer um acidente ou passar mal, enquanto não chega o socorro apropriado vocês poderiam prestar esse primeiro socorro (P5)

Teve uma menina que desmaiou num negócio de teatro, e bateu a cabeça no chão. Ai lá é... Foi num sábado isso né. [...] Não tinha enfermagem num sábado, aí a gente liga para o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), mas aí o nosso país é massa [expressão regional referente a algo muito bom, nesse caso o termo foi usado com ironia]. Liga para o SAMU né... A gente não tá atendendo aí [referência à resposta que obteve do SAMU ao entrar em contato]. Então vamos deixar o menino aqui desmaiado. Ai a sorte é que o menino acordou. Se não tivesse acordado, só Deus sabe o quê que a gente ia fazer lá. (AA3)

Dimensão de relacionamento docente com o assistente de alunos e família dos estudantes - Relações da comunidade escolar (apêndice X)

No que diz respeito ao relacionamento existente entre docentes e assistentes de alunos, assim como sugerido pelos assistentes de alunos, os docentes também indicaram que por vezes ele ocorre de forma conflituosa, sobretudo pelos atritos gerados por falhas de comunicação na escola e por falta de definição sobre os papéis de cada servidor (docente ou técnico-administrativo) no ambiente escolar.

Já vi... Também [...] Professores que reclamam dos assistentes de alunos. (P2)

Eu já vi alguns professores tendo atrito com assistentes de alunos aqui na escola e eu acho que isso não é saudável, nem é saudável para o professor, nem é saudável para o assistente, nem é saudável para a escola, nem é saudável para o aluno, porque cria um clima de animosidade e mau querer. (P5)

Eu acho que eles têm que ter mais oportunidade de... De convívio, para que eles possam tá trabalhando de forma mais semelhante né, com a mesma... Com a mesma... A mesma noção do que é esse papel de educador. E também, é... Entendendo a importância e o papel um do outro. Tipo, para não criar uma ideia de que um papel é importante e que o outro não é, entende? Às vezes pode existir uma... Uma ilusão de que o papel de um professor da matéria tal é bem mais importante do que o papel do outro não sei o quê. E eu acho que se a gente conseguisse conversar mais, participar mais de atividades formativas, a gente iria aos poucos percebendo que... Olha a importância do que o outro faz, olha a importância do que o outro... Do trabalho do outro, e que eu nem sabia que ele fazia isso. Na verdade a gente não conversa sobre o trabalho que a gente faz, é uma inquietação que eu tenho muito isso. (P7)

Essa última fala docente ressalta que é necessário que sejam realizadas mais ações de interação entre os servidores, para que haja uma melhor disseminação de quais atividades são desempenhadas por cada servidor de forma que cada um possa reconhecer a importância do trabalho do outro sem menosprezar determinada função. Sobre a divisão do trabalho educativo e a dualidade existente entre docentes e não docentes Levasseur e Tardif (2011, p. 56) afirmam que “a divisão do trabalho educativo entre os docentes e estes agentes parece comportar, além de seus aspectos puramente organizacionais, uma dimensão moral ligada às diferenças entre uma função nobre e menos nobre, incluído o tipo de aluno visado ou implicado.” Esses autores sugerem ainda na mesma obra uma reflexão sobre o trabalho dos profissionais não-docentes para compreendê-los também como agentes do processo educativo e que, juntamente com os docentes, devem possuir um objetivo comum, que é educar.

É necessário:

Trabalhar com o conceito mais amplo de educação de modo que incorpore todas as formas educativas que ocorrem no interior das relações sociais, inclusive o trabalho, com o objetivo de formar o cidadão como ser político e produtivo, implica reconhecer que cada sociedade, em cada época, dispõe de formas próprias para formar seus intelectuais. Estas formas próprias são o que Gramsci chama de “princípio educativo” (Kuenzer, 2007, p. 32).

Desse modo, cada escola definirá seu princípio educativo a partir das demandas de cada grupo e das funções que lhes cabem desempenhar na divisão social e técnica do trabalho. É preciso reconhecer que a sociedade contemporânea exige um novo princípio educativo (Kuenzer, 2007).

Isso implica em um conjunto de novas práticas educativas no espaço escolar que desenvolvam uma formação integral do sujeito trabalhador (Grabowski e Ribeiro, 2010).

Apesar dessas situações de atritos, há ainda os docentes que reconhecem os assistentes de alunos como parceiros e que o processo de ensino-aprendizagem não se acaba na sala de aula, mas é um ciclo, onde o aluno está em processo de formação em todo o ambiente escolar, mas não apenas na sala de aula e não apenas mediado pelo professor (Levasseur & Tardif, 2011).

Às vezes nós pensamos que uma escola é só o conteúdo que é ministrado em sala de aula, temos essa visão... Visão inadequada. E na verdade a escola é muito esse convívio social, e... E nesse sentido às vezes o assistente de alunos tem até mais contato, tem mais oportunidade de formar o estudante, do que o professor por exemplo. Porque muitas vezes o professor, apesar de... De ter a necessidade dele se envolver em projetos e outras atividades, mas muitas vezes o contato dele com os alunos fica muito restrito ao momento de sala de aula. (P7)

Nesse sentido, é preciso compreender e trabalhar com o conceito mais amplo de educação, segundo Kuenzer (2007), de modo que incorpore todas as formas educativas que ocorrem no interior da escola, dentro ou fora de sala de aula, com o objetivo de formar o cidadão político e produtivo, contextualizado histórico e socialmente e a partir de um princípio educativo.

Outro ponto interessante e crítico construtivo citado nas entrevistas é o distanciamento entre professor e assistente de alunos, sendo mencionado por alguns docentes que esse servidor deveria estar presente em reuniões pedagógicas e reuniões do grupo de professores com a equipe técnico-pedagógica, pois os assistentes de alunos possuem informações sobre os estudantes que poderiam ser úteis aos processos encaminhados em sala de aula pelos professores, assim como os professores podem repassar informações sobre acontecimentos em sala de aula que sejam úteis ao trabalho de acompanhamento realizado pelos assistentes de alunos.

Eu acho que a interação tá ocorrendo de forma até um pouco tímida, que poderia ser melhorada ainda mais. É... Por exemplo, nas reuniões de grupo [referência às reuniões quinzenais que ocorrem entre os professores e a equipe técnico-pedagógica] não se tem a presença do assistente de alunos, que deveria ter... Para relatar algum problema, para contribuir com os educadores. (P4)

Eu acho que muitos professores, e eu posso até me incluir nisso, eu não imagino todos os problemas que perpassam na mão de vocês, quando a gente vem saber já está resolvido né, e... E às vezes vocês enfrentam até coisas bem complicadas né, como por exemplo aquele caso que foi encontrado drogas na bolsa do menino. (P5)

Eu ainda acho a relação com o professor muito distante. Eu não sei se é distante também de outros, mas falando como professora eu queria conversar mais, eu queria saber mais a percepção de vocês sobre determinada turma que eu tô dando aula, se tem algum estudante que vocês podem tá particularmente preocupados porque o estudante tá muito ausente, e eu posso não tá percebendo porquê. (P7)

Quanto ao relacionamento com as famílias dos estudantes, assim como os assistentes de alunos os docentes também relataram que esse relacionamento é bem distante e limitado aos poucos momentos de integração que a escola propicia, como a reunião de pais e o conselho de classe.

Tem pais de alunos, que aluno entra aqui e passa quatro anos no Instituto, seis anos no Instituto, e a gente não sabe nem quem é o pai nem quem é a mãe. Não é. E aí é a maioria. (P2)

Eu vejo a relação professor-família dos alunos limitada a uns poucos momentos, que são os momentos de reunião de pais. (P3)

Só tenho contato com a família dos alunos nas reuniões dos pais. É... Muito difícil um pai vir me procurar, muito difícil, muito raro mesmo. (P4)

As famílias de alunos mais problemáticos, mais carentes ou que precisam de um olhar mais cuidadoso, é... Não são próximos dos professores e acredito que não sejam próximos da escola. (P8)

Alguns relataram que justamente aqueles pais de alunos mais problemáticos são os que mais se ausentam das reuniões.

Considera-se que o ensino é uma atribuição prioritariamente da escola. Esta, porém, divide essa responsabilidade com as famílias, quando prescreve tarefas para casa e espera que os pais as acompanhem. Em um contexto de pais pouco escolarizados, com jornadas de trabalho extensas e com pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, essa divisão pode mostrar-se ineficaz. Por isso, da mesma forma como procura diagnosticar as dificuldades pedagógicas dos alunos para atendê-los de acordo com suas necessidades individuais, a escola deve identificar as condições de cada família, para então negociar, de acordo com seus limites e possibilidades, a melhor forma de

ação conjunta. Assim como não é produtivo exigir que um aluno com dificuldades de aprendizagem cumpra o mesmo plano de trabalho escolar dos que não têm dificuldades, não se deve exigir das famílias mais vulneráveis aquilo que elas não têm para dar (Castro & Regattieri, 2010, p. 32).

Foram afirmadas nas falas a necessidade de se modificar esses momentos de interação entre família e escola, indicando inclusive que o modo como são planejados podem não estar produzindo os efeitos desejados, e que novas oportunidades de interação necessitam serem criadas para se adaptarem às mudanças sociológicas familiares.

Essas reuniões não têm... O melhor modelo, mas eu acho que o modelo praticado hoje também ele não favorece a interação, sendo que a participação dos pais é baixa. (P3)

É fato que a escola precisa se adequar não somente à realidade das juventudes a quem atende, mas também à realidade de suas famílias, que já não convivem mais como em outros tempos, mas que ainda assim necessitam manter boas e próximas as relações com as escolas de seus filhos para que sejam aumentadas as chances de êxito da escola em sua função. Este posicionamento de alguns docentes vai de encontro ao conhecimento científico produzido sobre a importância da participação na gestão educacional.

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática, possibilitando o envolvimento de todos os integrantes da escola no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. A participação proporciona melhor conhecimento dos objetivos e das metas das escolas, de sua estrutura organizacional e de sua dinâmica, de suas relações com a comunidade, e propicia um clima de trabalho favorável a maior aproximação entre professores, alunos e pais. Nas empresas, a participação nas decisões é quase sempre estratégia que visa à busca de aumento de produtividade. Nas escolas, também se buscam bons resultados, mas há nelas um sentido mais forte de prática da democracia, de experimentação de formas não autoritárias de exercício de poder, de oportunidade ao grupo de profissionais para intervir nas decisões da organização e definir coletivamente o rumo dos trabalhos (Libâneo, Oliveira & Toschi, 2009, pp. 328-329).

Foi citado ainda pelos docentes o uso de novidades tecnológicas como aplicativos de mensagens instantâneas para o contato entre professores e pais de alunos.

Hoje todo mundo sabe o whatsapp [aplicativo de mensagens instantâneas] de todo mundo não é? Não é segredo. Então, o pai contata professor pelo whatsapp, quando tem uma dúvida, se vai ter aula ou se não vai, desde questões mínimas assim, talvez nem precisasse contatar... Até situações maiores,

problemas de separação e isso de algum modo tá repercutindo no filho [...] Esses meios aí, whatsapp hoje facilita muito essa... Aproxima muito o contato. (P1)

É válido refletir porém até que ponto tal facilidade é algo positivo, pois se usado demasiadamente pelos pais pode se tornar algo desconfortável e invasivo ao professor, que poderá ter que se comunicar com responsáveis por alunos em horários que não seja o seu horário habitual de trabalho.

Dimensão de reflexão sobre o papel e o termo assistente de alunos na visão docente - O que pensam os professores sobre a função e o nome do cargo (apêndice XI)

Para concluir a discussão acerca dos pensamentos docentes em relação aos assistentes de alunos, foi verificado que não é em todo momento que o professor olha para o assistente como um agente detentor de uma dimensão educativa. Sendo percebido algumas vezes apenas como um profissional que acompanha e apoia o processo de ensino-aprendizagem na escola, nem sempre sendo convidado a participar ativamente desse processo apesar de estar em constante interação com os estudantes.

Acompanhar o processo de ensino-aprendizagem que acontece na escola, apoiando os estudantes, e também apoiando ao outro ponto né, que seriam os docentes e outros setores, como o próprio setor pedagógico. (P1)

É a pessoa que tá ali para... Para viabilizar o trabalho acadêmico do professor. (P5)

Há também uma visão do assistente de alunos como mediador entre estudante e escola, servindo para intermediar desde contatos até conflitos dentro do ambiente escolar.

Papel de mediação [...] Considerando ser um profissional que deve ter um contato diário com todos os estudantes, eu acho que esse setor é responsável... É... É responsável inclusive por detectar, é... Problemas ou futuros problemas de evasão. É... É um setor que penso que tem esse diálogo direto com os estudantes. (P3)

Ele é um elo de ligação para dar apoio aos alunos para interagir com a escola. (P4)

Há ainda aqueles docentes que percebem o assistente de alunos como um profissional controlador e auxiliador da manutenção da ordem na instituição de educação.

Para mim tem uma conotação muito forte do controle, de controle social, de controlar, de ver como é que está, se está não sei, se está seguindo as normas, se não está, se está fazendo alguma coisa errado, né... Isso é o que eu vejo que para mim é o que acontece. (P6)

Sempre que eu penso no assistente de aluno eu penso muito em questões disciplinares. Ai de novo, não com esse termo negativo, um peso... Uma carga negativa, mas de auxiliar e colocar ordem nas coisas. (P8)

Quanto à nomenclatura do cargo, diferentemente dos assistentes de alunos que divergiram em opiniões, todos os docentes entrevistados a consideraram inadequada, por se tratar de um termo restritivo, visto que o assistente de alunos não lida apenas com os estudantes no ambiente escolar e não desenvolve apenas a função de assistência ao discente, possuindo funções para além do que o termo sugere.

Parece dando assistência e tal... Ao aluno, não sei... Não sei se é bem isso também. Deveria lembrar mais a questão do processo educacional como um todo, e não só ao aluno, porque quando... Assim muito essa coisa do aluno, é como se tivesse né, o foco voltado muito ao que os alunos... Por isso eu acho que talvez até que acontecia isso, os alunos... Fica muito o que os alunos tão fazendo, como é que tá sendo né. Sem pensar a questão do pedagógico, a questão da aprendizagem né, das relações que envolvem aqui. (P6)

Houve crítica também ao termo assistência, pois remete à uma ideia de servidor passivo, contribuindo para afastar esse servidor de uma atuação ativa no processo educacional do estudante. Surgiram algumas propostas de nomes mais adequados ao cargo, como por exemplo a troca do termo aluno pelo termo ensino ou acadêmico, e a troca do termo assistente pelo termo apoio.

É um termo que deixa a compreensão do... Da função, do cargo, desse profissional, muito restritiva, muito vinculada à... À questão do aluno. (P1)

Acho que poderia ser um termo que não desse essa conotação de controle, que desse uma conotação de apoio, de suporte, de acompanhamento, de orientação. (P7)

Portanto, no geral os docentes forneceram riquíssimas informações de como os assistentes de alunos são vistos por quem atua junto aos estudantes em um outro cenário, que costuma ser a sala de aula.

4.3 A dimensão educativa do assistente de alunos: o papel desse profissional sob o olhar dos estudantes

Se faz necessário avaliar também as dissonâncias e convergências dos pensamentos dos estudantes, os quais serão expostos e analisados adiante, permitindo compreender ainda mais a dimensão educativa que está inserida na prática profissional do assistente de alunos. Um inquérito por questionário onde o anonimato era garantido foi uma interessante técnica para dar voz e permitir a compreensão que os estudantes possuem sobre o assistente de alunos.

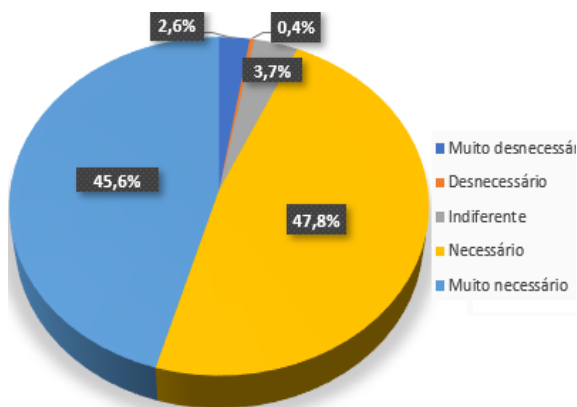
Sendo primeiramente questionados sobre o grau de necessidade dos assistentes de alunos na escola, quase a totalidade dos estudantes participantes da pesquisa alegaram ser esse um profissional necessário na instituição educativa (gráfico 6), tendo 123 estudantes (45,6%) afirmado ser muito necessário e 129 (47,8%) escolheram indicar o assistente de alunos como necessário na instituição, 10 respondentes (3,7%) reconheceram o assistente de alunos como indiferente, apenas 1 (0,4%) o considera desnecessário e 7 (2,6%) muito desnecessário.

É tanto que quando a gente não tem assistente fica tudo meio... Eita, pera aí...Cadê a minha base?
(P8)

Por experiência própria, na maioria das vezes em que o assistente de alunos não está presente ficamos sem saber o que fazer e a quem se dirigir, por isso é uma ótima contribuição para os alunos da instituição porque é visto como alguém que podemos recorrer para pedir ajuda sempre, e é também um auxílio a comunicação entre os professores e os alunos que se há dificuldades. (Aluno 8 – Multimídia)

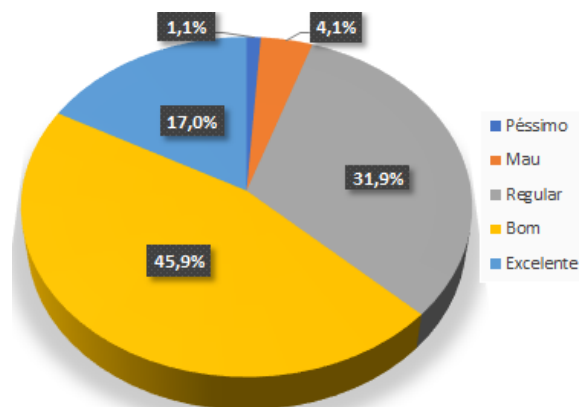
No que concerne à quantidade existente no Campus Natal Cidade Alta (gráfico 7), 46 estudantes (17%) consideram que está excelente, 124 (45,9%) analisam que a quantidade está boa, 86 discentes (31,9%) acreditam que está regular, 11 (4,1%) pensam que o campus necessita de mais assistentes de alunos e por isso indicaram que a quantidade está ruim, enquanto que 3 estudantes (1,1%) consideraram péssimo esse quesito.

Gráfico 6 - Grau de necessidade do assistente de alunos na escola



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Gráfico 7 - Avaliação da quantidade de assistente de alunos na escola



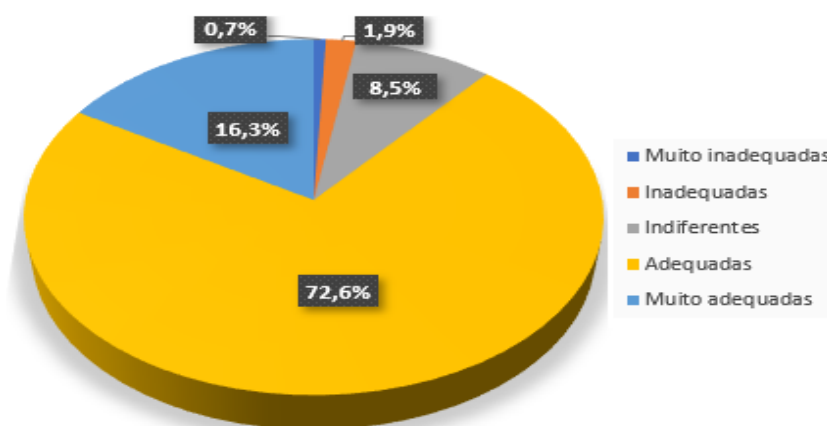
Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Há uma divergência entre o pensamento dos alunos e dos docentes em relação à quantidade de assistentes de alunos, enquanto que os alunos em sua maioria consideraram regular, bom ou excelente a quantidade de assistente de alunos no campus; 75% dos docentes enfatizaram que necessitaria de mais assistentes para que não fosse atendido somente o ensino secundário do campus, mas que essa atuação realizada pelos assistentes se estendesse também para os cursos técnicos subsequentes e superiores ofertados pela instituição.

Percebi assim, é... Um suporte muito maior para o ensino médio aqui no campus do que para o ensino superior, subsequente. Mas eu acho que seria superimportante ter uma figura dessa acompanhando esses alunos [dos níveis subsequente e superior]. (P8)

De acordo com a descrição sumária do cargo estabelecida pelo Ministério da Educação do Brasil, o assistente de alunos é responsável por assistir e orientar os alunos nos aspectos de disciplina, lazer, segurança, saúde, pontualidade e higiene, dentro das dependências escolares (Ministério da Educação, 2005). Baseado nisso, os alunos também foram inquiridos sobre como avaliavam as abordagens realizadas pelos assistentes de alunos (gráfico 8). Obteve-se que 44 estudantes (16,3%) consideraram muito adequadas essas abordagens, 196 (72,6%) avaliaram como adequadas, 23 discentes (o que corresponde a 8,5%) indicaram ser indiferentes, apenas 5 (1,9%) avaliaram como inadequadas, e 2 estudantes (0,7%) se referiram às abordagens como muito inadequadas.

Gráfico 8 - Avaliação das abordagens realizadas pelos assistentes de alunos



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

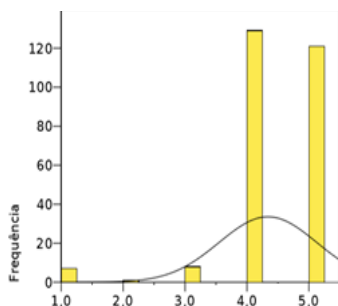
A forma de abordagem praticada pelos assistentes de alunos é algo que merece atenção pois pode motivar ou desmotivar o estudante na instituição educativa. Sendo através das abordagens que o assistente cria uma ponte para diálogo e confiança com os estudantes, proporcionando o desenvolvimento da autonomia desses adolescentes de uma forma consciente.

Os assistentes tornam a escola mais humanizada. (Aluno 9 – Multimídia)

Existe uma frase de Freire (2000a, p. 38) referente aos docentes mas que se adequa bem a qualquer educador: “Não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se ‘sabe com quem está falando.’” É necessário educar pelo exemplo, pelo afeto, pelo cuidado com o outro, é necessária uma pedagogia mais humana, tal como Freire incentivou em suas obras.

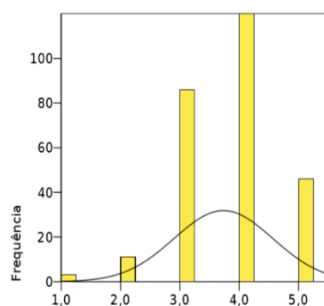
Conforme explicado na metodologia, foram atribuídos pesos às respostas que variavam de 1 a 5, sendo os valores próximos ou iguais a 5 respostas mais positivas, e valores próximos ou iguais a 1 respostas negativas acerca do assistente de alunos, sendo o valor 3 indiferente. Com isso foi possível analisar estatisticamente os dados obtidos, permitindo obter os histogramas que compõem as figuras 5, 6 e 7, respectivamente, assim como os cálculos das medidas expostas na tabela 1. O histograma é um gráfico de barras verticais que apresenta valores de certa característica agrupados por faixas, sendo útil para identificar o comportamento típico da particularidade analisada (Lins, 1993).

Figura 5 – Histograma de avaliação do grau de necessidade



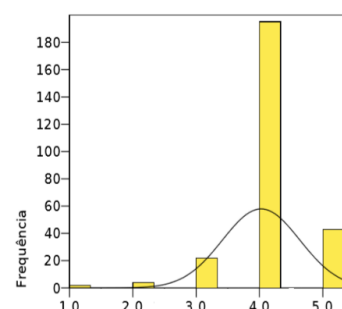
Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Figura 6 - Histograma de avaliação da quantidade



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Figura 7 – Histograma de avaliação da forma de abordagem



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Tabela 1- Medidas estatísticas de avaliações dos estudantes acerca da necessidade, quantidade e abordagens dos assistentes de alunos na escola

	M	DP	CV
Avaliação do grau de necessidade na escola	4,33	0,79	18%
Avaliação sobre a quantidade que atua no Campus Natal Cidade Alta	3,74	0,83	22%
Avaliação da forma de abordagem perante os alunos	4,02	0,62	16%

Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

A média do grau de necessidade dos assistentes de alunos foi bastante elevada (4,33), indicando que a maioria dos estudantes reconhecem o assistente de alunos como fundamental para o ambiente escolar, possuindo esse quesito um desvio padrão de 0,79 e um coeficiente de variação de 18%, o que indica um resultado com boa precisão de acordo com Ferreira (1991). Porém em relação à quantidade que atua no campus, as opiniões foram mais diversificadas, resultando em uma média de 3,74, um desvio padrão igual a 0,83, e um coeficiente de variação de 22%, demonstrando uma precisão apenas regular nessa avaliação, pois as respostas tiveram opiniões muito dispersas. A forma de abordagem dos assistentes de alunos está adequada de acordo com as apreciações dos próprios estudantes, com uma média de 4,02, desvio padrão igual a 0,62 e coeficiente de variação de 16%, sendo o menor CV encontrado em toda a estatística descritiva desse trabalho.

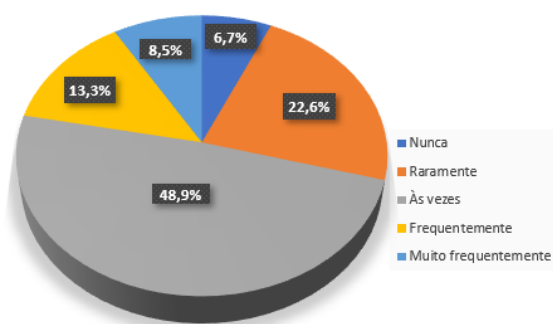
Também foi percebido que o aluno não costuma recorrer com tanta frequência ao assistente de alunos (gráfico 9), sendo o contato com familiares de alunos menor ainda (gráfico

10), por isso a importância do assistente ser ativo e buscar ele próprio oportunidades de interagir e criar momentos de diálogos com os estudantes.

23 estudantes (8,5%) indicaram que muito frequentemente buscam o assistente de alunos, 36 estudantes (13,3%) concordaram que frequentemente recorrem a esse profissional na escola, quase metade dos estudantes afirmaram que procuram às vezes os assistentes de alunos, isso corresponde a 132 respondentes (48,9%), enquanto 61 discentes (22,6%) raramente vão ao encontro do assistente, e 18 estudantes (6,7%) lembraram que nunca recorreram ao assistente de alunos durante o seu percurso na instituição.

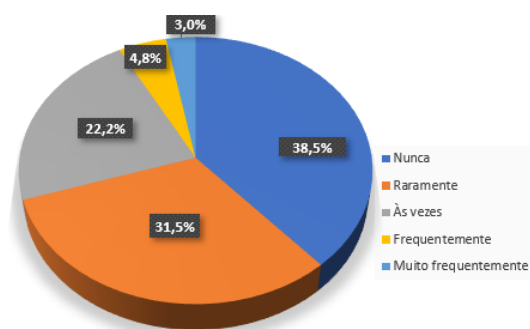
Quanto ao contato entre as famílias dos estudantes e os assistentes de alunos, o inquérito por questionário corroborou que ele realmente é muito pouco ou nunca ocorreu. Apenas 8 alunos (3%) indicaram que seus responsáveis procuram o assistente de alunos muito frequentemente, 13 estudantes (4,8%) informaram que esse contato ocorre frequentemente, 60 alunos (o que corresponde a 22,2%) disseram que seus pais ou responsáveis recorrem às vezes aos assistentes de alunos, 85 estudantes (31,5%) responderam que raramente algum familiar seu procurou o assistente de alunos, e a grande maioria dos respondentes, 104 estudantes (38,5%), disseram que a família nunca buscou atendimento na escola através do assistente de alunos.

Gráfico 9 - Frequência com que os estudantes recorrem ao assistente de alunos



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Gráfico 10 - Frequência com que a família recorre ao assistente de alunos



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

É importante destacar que nem sempre os alunos sabem realmente quando os pais procuram o assistente de alunos. Quando a intenção do familiar é buscar informações sobre o comportamento do discente, algumas vezes os pais não comunicam aos filhos que estiveram na escola para esse propósito. Mas no geral, pelas falas dos assistentes de alunos e dos docentes, o

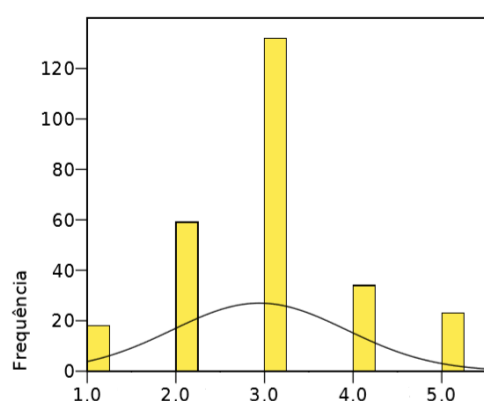
contato da família com a escola ainda é muito pequeno, independentemente de quais setores e /ou atores estejam implicados nesse contato.

Nesse sentido, a investigadora portuguesa Ana Maria Vieira também cobra das instituições educativas uma nova postura frente aos desafios contemporâneos, sobretudo nos relacionamentos da escola com as famílias e com a comunidade externa como um todo.

Apesar das várias tentativas políticas pedagógicas e organizacionais de entrosamento entre a escola e a família, muito trilha há, ainda, para percorrer. Também os atuais modelos de formação inicial de professores não parecem ter respondido ainda aos desafios de uma escola cada vez mais diversificada. A preparação para a diversidade cultural dos públicos que acedem à escola hoje parece continuar a ser relegada para plano secundário. (Vieira, 2013, pp.184-185)

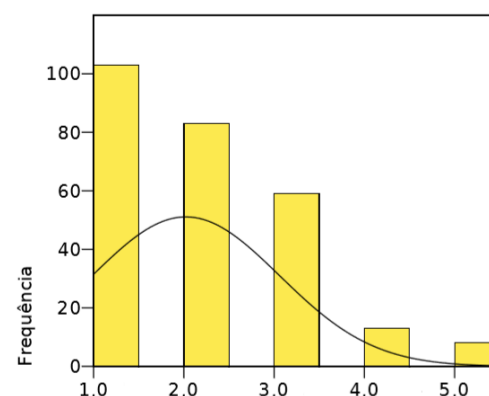
Para ser possível analisar visualmente os dados de frequência absoluta sobre esses aspectos foram criados histogramas (figuras 8 e 9), e para concretizar as inferências foram realizados os cálculos constantes na tabela 2.

Figura 8 - Histograma de frequência com que o estudante recorre ao assistente de alunos



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Figura 9 - Histograma de frequência com que a família dos estudantes recorre ao assistente de alunos



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Tabela 2 - Medidas estatísticas de frequência com que os estudantes e suas famílias recorrem ao assistente de alunos

	M	DP	CV
Frequência com que o aluno recorre ao assistente de alunos	2,94	0,98	33%
Frequência com que algum familiar recorre ao assistente de alunos	2,02	1,03	51%

Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

A média de frequência com que os estudantes recorrem ao assistente de alunos foi baixa (2,94), porém houve um desvio padrão de 0,98 entre as respostas e um coeficiente de variação de 33%, o que indica uma precisão muito ruim desse resultado. Lembrando que a população estudada é bastante heterogênea, e que as opiniões podem variar de acordo o perfil do estudante, como por exemplo o ano que ele está cursando, seu sexo e idade. A média foi ainda menor (2,02) quando analisada a frequência com que a família busca o assistente de alunos, obtendo um desvio padrão acima de 1 (1,03) e um coeficiente de variação de 51%.

Buscando aprofundar mais ainda o conhecimento sobre o que leva o estudante a procurar o assistente de alunos, o inquérito trouxe uma questão que objetivava identificar através de vários pontos elencados quais motivos levam os estudantes a recorrerem ao assistente de alunos na escola. Diferentemente das demais questões que requisitavam resposta obrigatória e apenas cinco opções de resposta, nessa pergunta os estudantes podiam indicar o grau de frequência com que recorriam a um assistente de alunos por um determinado motivo, variando essa frequência de 1 a 10, sendo 1 o motivo que mais o estudante recorre ao assistente de alunos e 10 quando a frequência é a menor possível. Se o discente nunca recorreu ao assistente de alunos por aquele motivo exposto então ele não deveria marcar nenhuma opção.

Os motivos que os alunos tiveram que indicar o grau de frequência com que recorriam ao assistente de alunos foram os seguintes: buscar informações normativas da escola; buscar informações sobre outros setores da escola, como (setor pedagógico, secretaria acadêmica, setor de saúde, setor administrativo, direção geral, etc.); conversar sobre questões pessoais; informar ou buscar orientações para problemas de saúde; informar sobre aspectos comportamentais de outros colegas; informar sobre questões de manutenção das dependências escolares; obter materiais para execução de trabalhos escolares; receber atendimento administrativo, como (obtenção de documentos, formulários, etc.); e tirar dúvidas de trabalhos e conteúdos escolares. Esses motivos sugeridos foram percebidos através de observação do trabalho cotidiano do assistente de alunos, porém havia ainda a opção do respondente sinalizar algum outro motivo que não estivesse descrito, e assim alguns alunos relataram que também procuram o assistente de alunos para deixar algo perdido que foi encontrado na escola ou para receber de volta algum objeto que estava perdido, além de procurar obter informações sobre os docentes, pedir carona para se dirigir até a parada de ônibus ou pedir conselhos. Alguns desses motivos citados demonstram que algumas vezes a atuação do assistente de alunos extrapola a dimensão profissional e atinge

também a vida pessoal de profissionais e estudantes, tamanha a proximidade e confiança que muitos alunos possuem com os assistentes.

Infelizmente essa questão não teve condições de ser analisada por inteiro pois houve falta de clareza na sua exposição (questão muito longa) e conseqüentemente houveram falhas no entendimento da questão por parte dos respondentes, sendo isso uma desvantagem e um risco que já é previsto quando se utiliza a técnica de recolha de dados através de inquérito por questionário (Gil, 2006). Muitos alunos enviaram *feedbacks* relatando não terem lido corretamente a descrição da questão e acabaram entendendo o valor da frequência ao contrário, fornecendo valores iguais ou próximos de 1 para motivos que não ocorrem com tanta frequência e valores iguais ou próximos de 10 para motivos que ocorrem mais frequentemente. Com entendimentos diferentes acerca de como responder à questão, os resultados não puderam ser aproveitados em sua totalidade pois podem não demonstrar a realidade dos pensamentos dos estudantes.

Entretanto, como cada item da questão só era assinalado pelo respondente (independente da frequência) caso o estudante já tivesse recorrido ao assistente de alunos por aquele motivo, é possível analisar quantas respostas cada motivo obteve (quadro 12), o que indica quais seriam as motivações que mais levam os estudantes ao assistente de alunos. Lembrando que cada estudante poderia indicar a frequência em quantos motivos quisesse, pois a intenção era perceber também por quais motivos o assistente de alunos era mais requisitado.

Quadro 12 - Motivos pelos quais os estudantes recorrem aos assistentes de alunos

Motivação	#	%
Buscar informações normativas da escola	244	90,4
Buscar informações sobre outros setores da escola. (setor pedagógico, secretaria acadêmica, setor de saúde, setor administrativo, direção geral, etc.)	233	86,3
Conversar sobre questões pessoais	174	64,4
Informar ou buscar orientações para problemas de saúde	180	66,7
Informar sobre aspectos comportamentais de outros colegas	171	63,3
Informar sobre questões de manutenção das dependências escolares	183	67,8
Obter materiais para execução de trabalhos escolares	228	84,4
Receber atendimento administrativo. (obtenção de documentos, formulários, etc.)	202	74,8
Tirar dúvidas de trabalhos e conteúdos escolares	170	63

Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Dessa forma, obteve-se que 244 estudantes (90,4% dos respondentes) informaram que um dos motivos pelo qual recorrem aos assistentes de alunos é para buscar informações

normativas da escola; 233 (86,3% dos participantes da pesquisa) afirmaram que procuram o assistente para buscar informações sobre outros setores da escola, como setor pedagógico, secretaria acadêmica, setor de saúde, setores administrativos, direção geral, etc; 228 estudantes (84,4% do total de respondentes da pesquisa) declararam que obter materiais para execução de trabalhos escolares também é um motivo para se procurar o assistente de alunos; 202 (74,8%) estudantes que retornaram o inquérito declararam receber atendimento administrativo, como a obtenção de documentos e formulários, através do assistente de alunos; 183 discentes (67,8% dos participantes) informaram que procuram o assistente de alunos para informar sobre questões de manutenção nas dependências escolares, pois apesar de não ser o assistente o responsável por realizar essa manutenção, mas ele é responsável por repassar as necessidades aos setores competentes bem como buscar identificar responsáveis caso tenha sido responsabilidade de algum estudante os problemas de manutenção encontrados; 180 discentes (o que corresponde a 66,7% dos inquiridos que retornaram as respostas) relataram recorrer ao assistente de alunos para informar ou buscar orientações para problemas de saúde; 174 (64,4% dos respondentes) procuram o assistente também para conversar sobre questões pessoais, incluído aí conversas sobre relacionamentos amorosos, relações com outros colegas e relacionamento familiar; 171 (63,3% da amostra coletada) confirmaram que informar sobre aspectos comportamentais de outros colegas também é um motivo para se procurar o assistente de alunos, pois se espera que possuindo essa informação o assistente aja para sanar ou tentar resolver o problema do colega; e por fim temos que 170 alunos (63% dos participantes do inquérito por questionário) optaram por indicar que também recorrem ao assistente de alunos para tirar dúvidas de trabalhos e conteúdos escolares, lembrando que a escola oferta diversas outras opções para o aluno com dúvidas ser atendido, como monitorias e centros de aprendizagem, porém muitos estudantes confiam também na ajuda do assistente de alunos pois o vêem como alguém mais experiente e capaz de lhe passar informações de forma clara.

Você pode dar uma dica de como ele está fazendo determinada coisa, ele está tentando fazer melhor.

Afinal existem gerações de alunos passando e você vai aprendendo também como repassar isso. (AA2)

Foi observado ainda que 18 respondentes alegaram nunca haver recorrido ao assistente de alunos. Sendo analisado (quadro 13) que desses 18 estudantes nenhum frequentava o 4º ano, apenas 1 era do 3º ano, 3 do 2º ano, e 14 estudantes pertenciam ao 1º ano, isso demonstra que ao longo do tempo na instituição fica mais comum o estudante ter contato com o assistente de alunos. É válido lembrar que no início de cada ano letivo, que ocorre geralmente no mês de

fevereiro, os assistentes de alunos da administração escolar e apoio acadêmico se apresentam aos novos estudantes e palestram sobre os direitos e deveres dos discentes na instituição.

Quadro 13 - Estudantes que nunca recorreram ao assistente de alunos

Ano que está cursando	#	%
1º ano	14	5,19
2º ano	3	1,11
3º ano	1	0,4
4º ano	0	0
Total	18	6,7

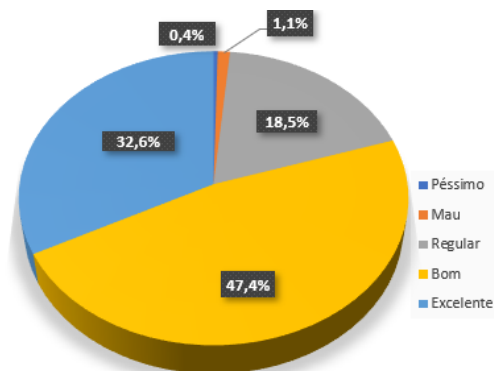
Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Os dados provenientes do inquérito por questionário também permitiram avaliar os aspectos de cordialidade, prontidão, dedicação e capacitação dos assistentes de alunos. Quanto à cordialidade (gráfico 11), que está ligada diretamente ao afeto e simpatia demonstrada pelo profissional, 88 estudantes (32,6%) concordaram que é excelente, quase metade dos respondentes (128 alunos ou 47,4%) alegaram que esse aspecto está bom, 50 discentes (18,5%) indicaram que a cordialidade é regular, 3 alunos (1,1%) avaliaram como mau esse aspecto, e apenas 1 (0,4%) considerou como péssima a cordialidade dos assistentes de alunos.

De acordo com Nunes (2009) o afeto se faz importante na educação, e portanto a afetividade não deve ser mera coadjuvante no ambiente escolar, mas sim deve ocupar o centro do palco junto aos conteúdos e métodos pedagógicos que fazem parte do currículo escolar formal, de forma a melhor contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens. Como já explicitado anteriormente o afeto contribui para o vínculo escolar do estudante sobretudo na dimensão emocional da ligação entre o estudante e a escola.

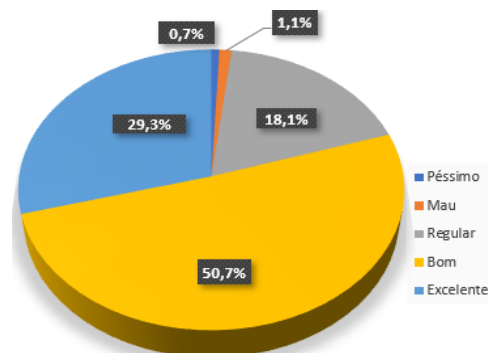
Em relação à prontidão e dedicação dos assistentes de alunos (gráfico 12) as frequências de respostas também foram semelhantes, sendo verificado que 79 alunos (29,3%) avaliaram esse aspecto como excelente, 137 respondentes (50,7%) indicaram que a prontidão e dedicação dos assistentes de alunos está boa, 49 (18,1%) escolheu a opção regular, 3 alunos (1,1%) julgaram como mau, e somente 2 estudantes (1,1%) considerou que a prontidão e dedicação dos assistentes de alunos em suas atribuições está péssima.

Gráfico 11 - Avaliação da cordialidade



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

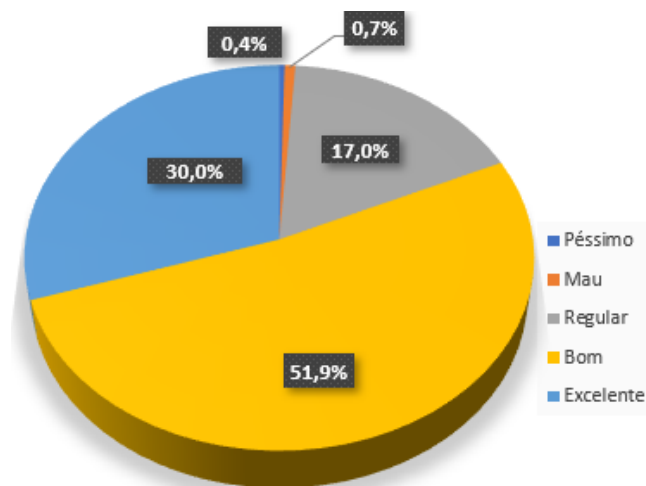
Gráfico 12 - Avaliação da prontidão e dedicação



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Se tratando da capacitação dos assistentes de alunos (gráfico 13) 81 estudantes (30%) consideraram a capacitação desse profissional excelente, 140 alunos (51,9%) alegaram que os assistentes estão bem capacitados para as suas funções, 46 discentes (17%) ponderaram como regular a capacitação, enquanto 2 estudantes (0,7%) avaliaram como mau esse aspecto, e apenas 1 estudante (0,4%) indicou que a capacitação está péssima.

Gráfico 13 - Avaliação da capacitação



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

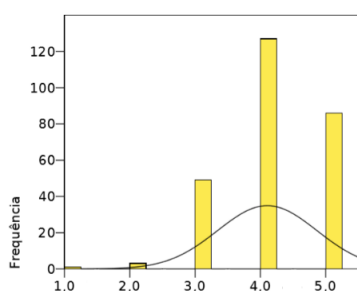
Essa avaliação diverge das opiniões dos próprios profissionais assistentes de alunos e dos docentes, que reconheceram a necessidade de uma capacitação formal além da exigida para ingresso no cargo, porém essa boa avaliação realizada pelos alunos pode mascarar na verdade

um traço de personalidade dos assistentes que atuam no campus Natal Cidade Alta especificamente, sem demonstrar a realidade do que ocorre nas demais instituições.

Às vezes vem uma pessoa que não tem nem afinidade com educação, ou que não tem... Sei lá... Não... Não é nem sobre formação [...] Então tipo, [no campus Natal Cidade Alta] são duas pessoas que... Não tiveram uma formação, mas que tem uma empatia e um jogo de cintura [expressão informal que se refere à capacidade de se adaptar a diversas situações] para lidar com isso, e tem uma sensibilidade. Mas nem sempre é assim. Eu imagino que possa ter campus que... Que tenha pessoa extremamente burocrática, fechada, que não entende o papel da educação na escola e o seu papel enquanto educador na escola, e acho que isso é prejudicial. (P8)

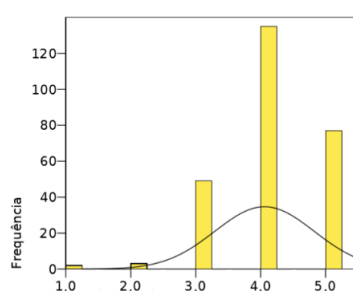
Com histogramas posicionados lado a lado (figuras 10, 11 e 12 respectivamente) é possível perceber a semelhança entre as frequências das avaliações dos aspectos de cordialidade, prontidão e dedicação, bem como o aspecto de capacitação dos assistentes de alunos.

Figura 10 - Histograma de avaliação da cordialidade



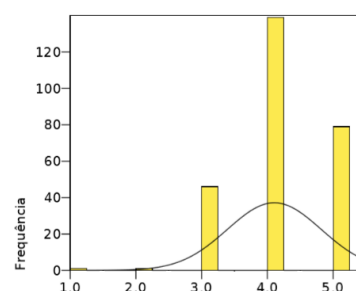
Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Figura 11 - Histograma de avaliação da prontidão e dedicação



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Figura 12 - Histograma de avaliação da capacitação



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

As medidas estatísticas para esses itens (tabela 3) também foram muito próximas, sendo obtidas médias 4,11 para cordialidade, 4,07 para prontidão e dedicação, e média 4,10 para a avaliação da capacitação. O desvio padrão dos primeiros aspectos citados foi exatamente igual (0,76), enquanto o último aspecto mencionado (capacitação) teve um desvio padrão ainda menor (0,72). Os coeficientes de variação das análises desses aspectos indicaram uma boa precisão, sendo que a cordialidade e capacitação obtiveram um CV igual a 18% e a prontidão e dedicação um CV de 19%.

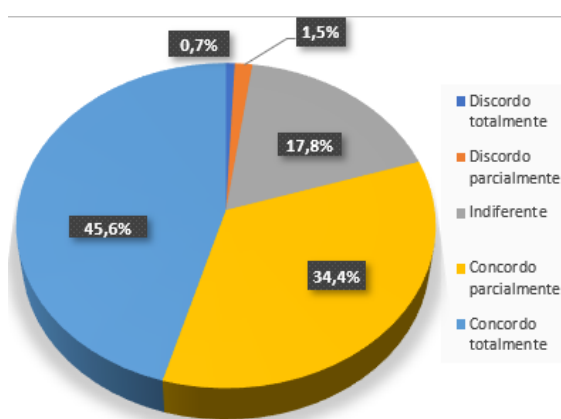
Tabela 3 - Medidas estatísticas de avaliação dos aspectos de cordialidade, prontidão, dedicação e capacitação do assistente de alunos

	M	DP	CV
Avaliação da cordialidade no atendimento	4,11	0,76	18%
Avaliação da prontidão e dedicação no atendimento	4,07	0,76	19%
Avaliação da capacitação para desempenhar as atribuições	4,10	0,72	18%

Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

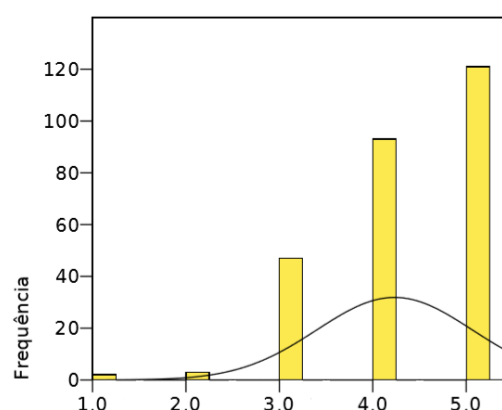
Os estudantes também deram opiniões sobre quais seriam as contribuições do assistente de alunos para a permanência do estudante na instituição educativa. 123 discentes (45,6%) concordaram totalmente com a afirmação de que o assistente de alunos contribui de forma positiva para a permanência do aluno na escola em questão, 93 respondentes (34,4%) concordaram parcialmente, 48 estudantes (17,8%) ficaram indiferentes à declaração, e apenas 6 alunos discordaram dessa afirmação, sendo que 4 (1,5%) discordaram parcialmente e 2 (0,7%) discordaram totalmente (gráfico 14 e figura 13). Fazendo uma leitura destas respostas a partir do cruzamento com a variável “ano que o aluno está cursando” foi possível aferir que não houve uma relação direta entre essas duas variáveis considerando os 4 anos analisados.

Gráfico 14 – Verificação de concordância se o assistente de alunos contribui de forma positiva para a permanência do estudante na escola



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Figura 13 - Histograma de concordância com a afirmação de que o assistente de alunos contribui de forma positiva para a permanência do estudante na escola



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

A média de concordância com essa afirmação foi de 4,23, um valor bem elevado considerando um máximo de 5. O desvio padrão das respostas ficou em 0,84 e o coeficiente de variação foi 20%, o que demonstra uma boa precisão dos dados. (tabela 4)

Tabela 4 - Medidas estatísticas de concordância com a afirmação de que o assistente de alunos contribui de forma positiva para a permanência do estudante na escola

	M	DP	CV
Contribuição do assistente de alunos para a permanência do estudante na instituição	4,23	0,84	20%

Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Essa é uma questão em que foi necessário um maior aprofundamento para compreender os pensamentos dos estudantes por trás de sua concordância ou não com a afirmação. Nesse sentido, foi solicitado de forma obrigatória que o respondente indicasse uma justificativa para a sua resposta a esse item.

A análise de conteúdo das justificativas serviu como complemento da análise/leitura dos resultados das questões fechadas do inquérito por questionário, não sendo algo acessório, mas sim algo que acrescentou uma visão e profundidade a análise do inquérito como um todo, foi mais um complemento para embasar os resultados obtidos nas questões fechadas.

A análise dessas justificativas forneceu à pesquisa valiosas informações que permitiram compreender melhor o posicionamento dos estudantes. Logo na análise exploratória dos dados foi verificado que alguns alunos optaram por não justificar de forma satisfatória a questão, apenas escrevendo termos soltos no campo para justificativa, como por exemplo: “são bons”, “é importante” ou “indiferente”. Entretanto a grande maioria dos estudantes forneceu justificativas bem embasadas e elaboradas.

Os 6 discentes que optaram por discordar total ou parcialmente da afirmação alegaram que suas expectativas não foram atendidas quando procuraram o assistente de alunos, assim como foi indicado também que esses profissionais deveriam ser mais ativos na instituição. Uma atuação mais ativa do assistente de alunos também foi sugerida pelo grupo docente.

Não me ajudaram em nada. (Aluno 10 – Multimídia)

Os assistentes de alunos deveriam ser mais ativos na instituição. (Aluno 11 – Multimídia)

[...] [Atuações] deveriam acontecer de forma, é... Mais ativa, em pensar também a essa questão educacional, né... De pensar no processo né, elas deveriam ser, até eu diria, assim... Mais próximos,

de maior... Maior proximidade mesmo né... Talvez até mais afetivos, mais tipo... Chegar, conhecer, de ter esse lado que aparentemente pelo menos eu acho que isso não acontece, pelo menos eu não vejo, não tenho essa sensação né, fica muito na percepção né. Mas eu acho que poderia ser, porque a gente ganharia muito com isso não é. A gente ganharia muito de conhecer mais o estudante, essa realidade deles, o cotidiano, né... De ver até como é que eles... Saber um pouco mais de como eles se comportam aqui e tal. (P6)

Os 48 estudantes que optaram pela opção indiferente tiveram três tipos de justificativas, mais da metade deles escolheram afirmar que apesar do profissional ser importante para a instituição, ele não possuía influência na permanência do estudante; uma outra parte alegou que nunca precisou recorrer ao assistente de alunos e por isso não havia interferência desse servidor na sua vida acadêmica; e 4 estudantes reconheceram que o assistente de alunos não influenciava na permanência individual de cada um deles mas que para outros estudantes era um profissional que tinha contribuição para evitar a evasão desses colegas.

A ação do assistente de alunos contribui de forma positiva na escola em geral, mas para minha permanência é indiferente. (Aluno 1 – Lazer)

Eu não recorro muito à assistência de alunos, então é indiferente para mim. (Aluno 12 – Multimídia)

Na minha [permanência] particularmente não há influência deles, mas sei que na de outros alunos contribui bastante. (Aluno 13 – Multimídia)

A grande maioria dos respondentes (219 estudantes) concordaram total ou parcialmente com a afirmação de que o assistente de alunos contribui para a permanência do estudante na instituição educativa, e suas justificativas convergem com as respostas obtidas também dos docentes e dos assistentes de alunos. Nas motivações para a resposta os estudantes alegaram em sua maior parte a orientação dada pelos assistentes de alunos, além do incentivo, acompanhamento e cuidado que esses profissionais demonstram para com os discentes em sua atuação no ambiente escolar.

Pois os assistentes de alunos são como uma bússola nos dando a direção certa. (Aluno 14 – Multimídia)

Os assistentes de alunos são pessoas que se preocupam com a sua situação e te incentivam a permanecer. (Aluno 15 – Multimídia)

Às vezes por alguns motivos pensamos em desistir do curso obtendo assim um baixo percentual de frequência escolar, e quando o assistente percebe isso e chama o aluno para conversar, para entender melhor a situação, o aluno se sente acolhido e escolhe continuar a frequentar a escola. (Aluno 2 – Lazer)

Muitas justificativas dissertavam sobre o compartilhamento de questões pessoais com os assistentes de alunos e a importância da confiança e orientação que esse profissional lhes estimulava. Tais aspectos das respostas dos estudantes reafirmam as falas dos assistentes de alunos recolhidas através das entrevistas.

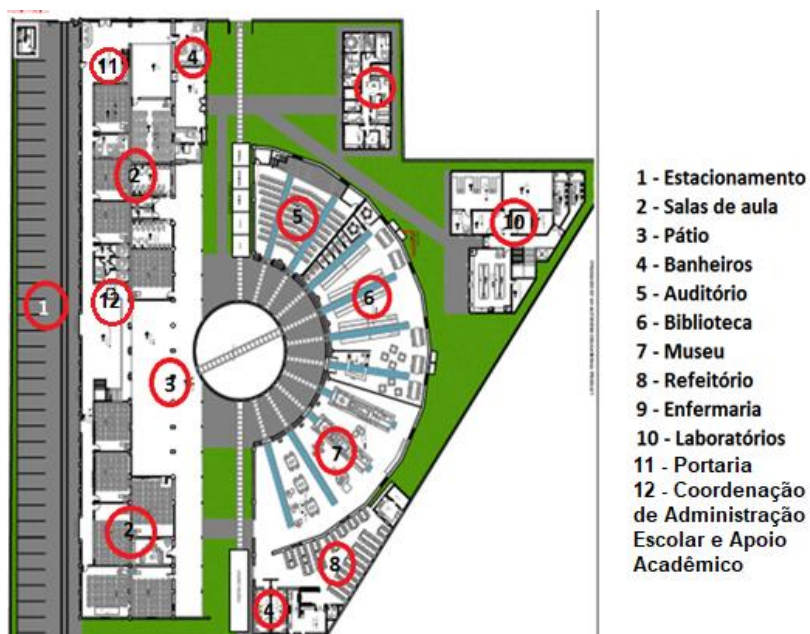
Às vezes confio mais na assistente de alunos do que em outras pessoas e isso me leva a conversar sobre dias difíceis dentro do IF. (Aluna 3 – Lazer)

Na minha experiência com assistente de alunos eles são tão fundamentais que chego a considerar parte da família ou mesmo "a minha mãe na escola". (Aluno 16 – Multimídia)

A gente encaminha para onde tem que encaminhar, se tem que encaminhar para a pedagogia, se tem que encaminhar para a psicologia, mas alguns alunos acabam criando laço e vínculo, e mesmo com aquela situação, sei lá, resolvida, eles ainda continuam procurando para conversar lá né.... Tipo assim, a sala do desabafo, eles vêm para passar o tempo. (AA2)

Nesse sentido é interessante perceber que a localização da sala em que está situada a administração escolar e o apoio acadêmico no Campus Natal Cidade Alta (Unidade Rocas) está estrategicamente localizada de forma a se encontrar o mais próximo possível dos alunos (figura 14).

Figura 14 - Planta baixa do IFRN Cidade Alta - Unidade Rocas (Térreo)



Fonte: Coordenação de Serviços Gerais e Manutenção do IFRN Campus Natal Cidade Alta (2015)

Enquanto a maioria dos setores se encontram nos andares superiores da escola, esse setor fica no térreo em meio às salas de aula, sendo possível assim adquirir um maior contato com os estudantes.

Também foi inferido das análises que alguns estudantes deram declarações onde demonstraram que em certos momentos a atuação do assistente de alunos não possui resultados visíveis para o profissional, mas os alunos percebem as consequências da atuação desse servidor.

Mesmo sem saber, [os assistentes de alunos] me ajudaram a escolher ficar quando eu secretamente planejava sair. (Aluno 17 – Multimídia)

A pobreza afetiva prejudica o sujeito, principalmente o jovem que é dotado de uma impulsividade própria da idade, e por isso tende a se colocar em situações de risco sem temer quando lhe faltam boas e construtivas referências. Contudo, se ele conta com referências positivas “e com orientação, ele desenvolve o poder de filtrar as informações que lhe chegam, a partir da tomada de consciência de como agem as pessoas de bom caráter” (Nunes, 2009, p.123).

Muitos discentes lembraram inclusive que não possuem esse acompanhamento e cuidado proporcionado pela escola em outras esferas da vida social, como por exemplo na família.

O assistente de alunos é essencial. Às vezes os alunos precisam de um auxílio que não podem receber em casa, nem com professores, nem com os amigos. (Aluno 19 – Multimídia)

Pois muitos alunos não têm assistência em casa. (Aluno 20 – Multimídia)

Ressalta-se que estamos vivendo em um momento onde as pessoas em geral vivem relacionamentos cada vez fragilizados e desumanizados, sejam estes relacionamentos amorosos, familiares ou de amizade (Bauman, 2004). Esses sentimentos são potencializados nas juventudes, motivo pelo qual a escola deve estar atenta e ativa.

Uma pequena parte dos estudantes afirmou ainda que o assistente de alunos contribui para a permanência do estudante na escola ao fazê-lo cumprir as normas institucionais, evitando assim que os estudantes criem problemas para a escola e para si mesmo.

Nós precisamos de uma pessoa que possa sempre estar no nosso pé para nos chamar atenção, eu penso que se não tivesse as assistentes nós poderíamos estar fazendo algumas besteiras que levassem a suspensão ou até mesmo a expulsão. (Aluno 18 – Multimídia)

E foi verificado ainda que alguns estudantes demonstraram a relação entre a atuação do assistente de alunos e o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento à escola no estudante. Sendo mais uma vez observado que essas declarações convergem com o pensamento de alguns docentes entrevistados.

Acredito q um assistente de alunos ajuda não apenas na formação acadêmica dos alunos, ajudam a criar vínculo afetivo com a escola e com o profissional e a administrar melhor suas atividades. (Aluno 4 – Lazer)

Quando tem essa relação com o assistente... O apoio estudantil... Ele se sente até mais parte do IF eu acho. Ele... Tem uma relação diferente... Com o tempo que ele está na escola... Não, não sei explicar direito, mas eu acho que faz parte dessa construção da identidade do IF ter essa figura ali do lado, ali próximo. (P8)

A contribuição do assistente de alunos para que a instituição possa atingir sua função social também foi avaliada pelos estudantes. Dessa forma, foram elencadas uma série de afirmações onde o estudante deveria dizer se concordava ou discordava daquilo exposto. Para conhecimento da base para as afirmações apresentadas aos estudantes, é importante mencionar que segundo o Projeto Político Pedagógico do IFRN a função social da instituição é

Ofertar educação profissional e tecnológica – de qualidade referenciada socialmente e de arquitetura político-pedagógica capaz de articular ciência, cultura, trabalho e tecnologia – comprometida com a formação humana integral, com o exercício da cidadania e com a produção e a socialização do conhecimento, visando, sobretudo, a transformação da realidade na perspectiva da igualdade e da justiça sociais. (Projeto Político Pedagógico, IFRN, p. 21)

Com base nisso, foram afirmadas as frases que estão expostas no quadro 14 com as suas respectivas frequências absolutas e relativas das respostas obtidas.

Quadro 14 - Frequências de concordância com afirmações referentes a contribuição do assistente de alunos para o desempenho da função social do IFRN

	Concordo totalmente		Concordo Parcialmente		Indiferente		Discordo Parcialmente		Discordo totalmente	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
O assistente de alunos contribui para a formação humana integral do estudante	87	32,22	128	47,41	42	15,56	7	2,59	6	2,22
O assistente de alunos contribui para a promoção da igualdade e justiça social dentro da escola	115	42,59	107	39,63	33	12,22	11	4,07	4	1,48

O assistente de alunos trata os alunos de igual forma	182	67,41	56	20,74	19	7,04	10	3,70	3	1,11
O assistente de alunos ajuda a resolver problemas de relacionamento entre os jovens	102	37,78	101	37,41	49	18,15	13	4,81	5	1,85
O assistente de alunos ajuda a resolver problemas de integração na escola sentidos pelos jovens	102	37,78	109	40,37	42	15,56	11	4,07	6	2,22
O assistente de alunos incentiva os alunos a participarem nas atividades da escola e/ou a promoverem novas atividades	115	42,59	101	37,41	42	15,56	10	3,70	2	0,74
O assistente de alunos alerta para situações de risco e exclusão social observadas em jovens que frequentam o IFRN	132	48,89	86	31,85	38	14,07	11	4,07	3	1,11

Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Observou-se que todas as afirmações receberam respostas em sua maior parte positivas, considerando que o Projeto Político Pedagógico do IFRN indica que a função social da instituição é ofertar educação que seja comprometida com a formação humana integral do indivíduo, foi verificado que 32,22% concordaram totalmente que o assistente de alunos contribui para essa formação humana integral, 47,41% concordaram parcialmente, 15,56% escolheram a opção indiferente, apenas 2,59% discordaram parcialmente dessa afirmação, e uma porcentagem menor ainda (2,22%) discordou totalmente desse ponto.

O aluno é um ser humano em desenvolvimento. Logo, o papel de um assistente estudantil se faz de grande importância no auxílio desse desenvolvimento. (Aluno 21 – Multimídia)

Quanto à contribuição dos assistentes de alunos para a promoção da igualdade e justiça social dentro da escola as taxas de concordância foram ainda maiores, com 42,59% concordando totalmente e 39,63% concordaram parcialmente com essa afirmativa, enquanto 12,22% foram indiferentes, 4,07% discordaram parcialmente, e somente 1,48% discordou totalmente.

Questionados se os assistentes de alunos tratam os discentes de igual forma (independentemente de suas características físicas, sociais ou de personalidade, como por exemplo raça, sexo, comportamento, etc.) 67,41% dos estudantes concordaram totalmente,

20,74% concordaram parcialmente, 7,04% demonstraram indiferença para a afirmação, 3,70% discordaram parcialmente e 1,11% responderam que discordavam totalmente.

A forma tranquila e amigável que o assistente de alunos aborda a todos faz com que gostamos da escola pedagogicamente. (Aluno 22 – Multimídia)

Quanto à afirmação que o assistente de alunos ajuda a resolver problemas de relacionamento entre os jovens, 37,78% indicaram concordar totalmente, 37,41% concordaram parcialmente, 18,15% selecionaram a opção indiferente, 4,81% discordaram parcialmente, e 1,85% discordaram totalmente de que o assistente contribui para isso.

O assistente de alunos também contribui para resolver problemas de integração na escola sentidos pelos jovens na visão de 37,78% da amostra, 40,37% escolheu afirmar que concorda com isso porém apenas parcialmente, 15,56% informaram que a contribuição do assistente de alunos é indiferente para esse aspecto, 4,07% discordaram parcialmente e 2,22% discordaram totalmente.

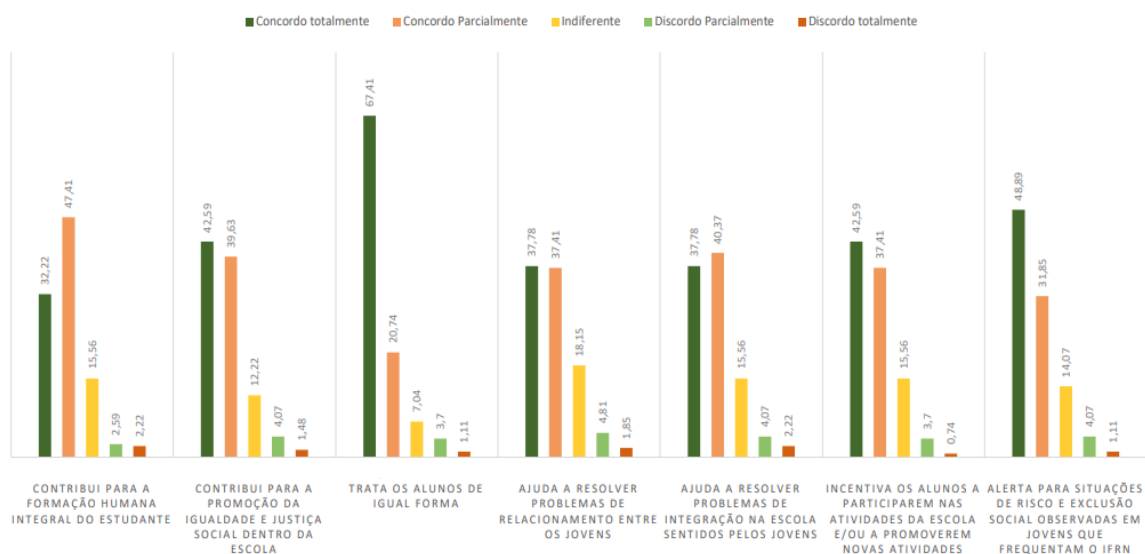
Na afirmação que buscava aferir se o assistente de alunos incentiva os estudantes a participarem nas atividades da escola e/ou a promoverem novas atividades 42,59% concordaram totalmente, 37,41% concordaram parcialmente, enquanto 15,56% indicaram que é indiferente, 3,70% discordaram parcialmente e somente 0,74 discordou totalmente desse aspecto.

Por fim, a maioria dos estudantes indicou que o assistente de alunos também tem influência para alertar os estudantes quanto a situações de risco e exclusão social observadas em jovens que frequentam o IFRN, como exemplos para esses riscos é possível citar a evasão, o fato de não se relacionarem com outros colegas, o consumo de drogas e bebidas alcólicas, etc. 48,89% dos discentes concordaram totalmente com esse aspecto, 31,85% afirmou concordar parcialmente, 14,07% escolheram marcar indiferente, 4,07% discordaram parcialmente dessa afirmação, e apenas 1,11% não concordaram em nenhum sentido com essa declaração.

Recebemos orientações e conselhos frequentemente. (Aluno 23 – Multimídia)

É possível fazer uma comparação visual entre as respostas através da figura 15, a qual apresenta em porcentagem barras representativas do grau de concordância dos estudantes para cada afirmação analisada.

Figura 15 – Comparação entre os graus de concordância dos estudantes com afirmações referentes a contribuição do assistente de alunos para o desempenho da função social do IFRN



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

As medidas estatísticas (tabela 5) para as respostas dos estudantes quanto a essas afirmações demonstraram que os resultados possuem uma boa precisão e poucos desvios entre as respostas.

Tabela 5 - Medidas estatísticas de concordância com afirmações referentes a contribuição do assistente de alunos para o desempenho da função social do IFRN

	M	DP	CV
O assistente de alunos contribui para a formação humana integral do estudante	4,05	0,88	22%
O assistente de alunos contribui para a promoção da igualdade e justiça social dentro da escola	4,18	0,90	22%
O assistente de alunos trata os alunos de igual forma	4,05	0,86	19%
O assistente de alunos ajuda a resolver problemas de relacionamento entre os jovens	4,04	0,96	24%
O assistente de alunos ajuda a resolver problemas de integração na escola sentidos pelos jovens	4,07	0,94	23%
O assistente de alunos incentiva os alunos a participarem nas atividades da escola e/ou a promoverem novas atividades	4,17	0,88	21%
O assistente de alunos alerta para situações de risco e exclusão social observadas em jovens que frequentam o IFRN	4,23	0,92	22%

Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

Todas as médias foram acima de 4, com desvio padrão dentro da normalidade e coeficiente de variação oscilando entre bom e regular, isso indica um resultado satisfatório e com respostas mais homogêneas mesmo com uma amostra de perfil tão heterogêneo.

O item que avaliou a concordância quanto a afirmação de que o assistente de alunos contribui para a formação humana integral do estudante obteve média 4,05, desvio padrão de 0,88 e coeficiente de variação de 22% (regular); uma média de 4,18 foi obtida na afirmação de que o assistente de alunos contribui para a promoção da igualdade e justiça social dentro da escola, com um desvio padrão igual a 0,9 e CV de 22% como o item anterior; sobre a declaração de que o assistente de alunos trata os estudantes de igual forma foi alcançada uma média de 4,05, desvio padrão de 0,86 e coeficiente de variação de 19% (boa), sendo o melhor CV encontrado entre esses itens analisados; a afirmação de que o assistente de alunos ajuda a resolver problemas de relacionamento entre os jovens obteve a menor média (4,04) e o maior DP (0,96) e CV (24%); quanto a assertiva que o assistente de alunos ajuda a resolver problemas de integração na escola sentidos pelos jovens foi adquirida uma média igual a 4,07, desvio padrão de 0,94, e um coeficiente de variação considerado regular (23%); enquanto a afirmação de que o assistente de alunos incentiva os estudantes a participarem nas atividades da escola e/ou a promoverem novas atividades alcançou média 4,17, desvio padrão 0,88 e coeficiente de variação 21% (regular); e a última declaração, que versava sobre o assistente de alunos alertar para situações de risco e exclusão social observadas nos estudantes, obteve a média mais alta (4,23), com um DP (0,92) e um CV regular (22%).

Por fim o questionário solicitava que o estudante definisse o assistente de alunos em apenas uma palavra, e com isso foi possível criar essa interessante nuvem de palavras através do site *wordcloud*, que contabiliza e ilustra graficamente as palavras de acordo com a sua quantidade de incidência, fazendo com que as palavras mais citadas se sobressaíam em uma imagem (figura 16).

Figura 17 - Representação do assistente de alunos pelos discentes do IFRN Campus Natal Cidade Alta



Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

É perceptível que o assistente de alunos desenvolve várias funções, que são vistas pelos alunos como fundamentais para a instituição educativa, sendo essas funções de apoio, cuidado, orientação, manutenção da ordem institucional e motivação para o estudante. Havendo ainda aqueles alunos que vêem no assistente de alunos alguém mais próximo do estudante ao ponto de considerá-lo um amigo ou alguém da família.

O quadro 15 apresenta a totalidade das palavras citadas com os sete grupos já apresentados pela figura 17 acrescido de mais três grupos de palavras que não se encaixaram em nenhum dos outros grupos, sendo eles: as idéias positivas, as idéias negativas, e a personificação do assistente de alunos na visão dos estudantes inquiridos.

Quadro 15 - Palavras que representam o assistente de alunos para os discentes

Representação do assistente de alunos pelos discentes	Palavras citadas	Quantidade de palavras citadas nesse grupo
Apoio	prestativo, ajuda, auxílio, apoio, serviço, suporte, assistência, faz tudo, S.O.S., multitarefa.	83
Cuidado	atencioso, cuidado, proteção, segurança, confiança, presente, ligado, acolhimento, conforto, afeto, carinho, anjos, compreensão.	29
Orientação	orientador, bússola, mediador, oráculo, informações, interlocutor, guia, ponte, mentor, facilitadores, interatividade.	13
Amizade/Família	mãe, companheiro, amigo, família, parceiro, tios.	17
Ordem	supervisor, bedel, farda, monitoramento, observador, ordem, organização	17
Motivação	motivador, integração, incentivador, agregar	4

Fundamental	ideal, necessário, essencial, importante, útil, universalidade, básico, fundamental, onipresente, pilar.	33
Idéias positivas	bom, ótimo, excelente, regular, maravilhosos, dedicação, eficiente, integridade, comprometimento, cooperativo, responsável, lindas, ágil, legal, competência, qualidade, disponível, igualdade, paciência, fofas, amo, prontidão, top, incrível, flexibilidade, participativo, trabalhadores, agradável, proficiente.	62
Idéias negativas	demagogo, alheio, indiferente, parcial, tanto faz.	7
Personificação	Julianne	2

Fonte: Inquérito por questionário aplicado aos estudantes do IFRN Campus Natal Cidade Alta, agosto, 2019

É interessante perceber que a maioria das palavras convergem para destacar que a dimensão educativa do assistente de alunos nem sempre é algo perceptível claramente, mas está inserido nas entrelinhas de seu trabalho junto aos estudantes e possui conseqüências que podem ser positivas ou negativas a depender do modo como esse profissional se porta e age perante os estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Canário (2005) realça os pontos em quais a escola atual necessita agir para poder se transformar. Não é possível prever o futuro, mas se no presente problemas são encontrados, é preciso reconhecer que a escola não é imutável e que se deve agir estrategicamente no presente para ser possível construir uma outra escola (a partir da crítica ao que já existe) talvez mais inexaurível e pertinente. Segundo os pontos elencados por Canário (2008, p. 80) a construção da escola do futuro deve se orientar por “pensar a escola a partir do não escolar”, pois atualmente a maior parte das aprendizagens significativas realizam-se fora da escola, de modo informal (com uma grande contribuição da internet), e portanto será proveitoso que a escola possa ser contaminada por essas práticas educativas. É importante também “desalienar o trabalho escolar”, favorecendo o protagonismo estudantil e assim permitindo passar do tédio ao deleite. E como último ponto requisitado pela escola do futuro tem-se que é interessante “pensar a escola a partir de um projecto de sociedade”, que a escola seja transformada em um lugar que promova a ideia do desejo da sociedade para a vida e a convivência na coletividade, contribuindo para repassar os valores e pressupostos de que a sociedade anseia para conviver como sujeitos harmônicos.

Nesse sentido, fica evidente que a escola não pode mais comportar apenas docentes e discentes, assim como independente de quem sejam os atores que compõem a escola contemporânea, eles não podem mais possuir as mesmas práticas. Alguns pontos já vêm sendo modificados, quando por exemplo são trazidas novas funções ou quando são alteradas as já existentes.

Antes a escola tinha ares mais autoritários e estava tudo bem ser assim, com o passar do tempo foi necessário um ambiente mais democrático. Com o *boom* das novas tecnologias então o modelo de cadeiras em fileiras em uma sala de aula com quadro e professor a frente já parece não chamar mais tanta atenção. E assim diversas mudanças se fazem requisitadas pelos públicos da escola. Se antes havia por exemplo um inspetor que tinha funções de vigia para que os estudantes não transgredissem as normas escolares, agora há um assistente, que adquire um perfil mais democrático e humanizado, contribuindo para a humanização escolar e fortalecimento do vínculo entre escola e estudante.

Essa pesquisa teve como foco as contribuições que o sujeito nomeado assistente de alunos pode ter no meio escolar, um ambiente que em alguns momentos tenta se modificar para se moldar à sociedade, mas em outros ainda parece tão arcaico. As hipóteses dessa pesquisa

partiam do princípio de que o assistente de alunos fosse capaz de influenciar e motivar o estudante dentro do ambiente escolar, além de contribuir para a diminuição dos índices de evasão escolar e promover melhorias em aspectos comportamentais e disciplinares do corpo estudantil. Os resultados obtidos comprovam que na visão do corpo discente da escola o assistente de alunos fortalece o vínculo escolar, influencia, motiva e acima de tudo também orienta os estudantes não somente para aspectos acadêmicos, mas para a vida além da escola.

Ajuda os alunos a conhecer mais sobre coisas não “claras” da escola, e também com questões pessoais. (Aluno 24 – Multimídia)

Para quem lida com as juventudes, seja como profissão ou como família, é preciso se desfazer dos “modelos” socialmente construídos, para não correr o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de “ser jovem”, ou mesmo projetar nas novas gerações as lembranças, idealizações e valores da juventude de uma outra época. Agindo dessa forma, não se consegue apreender os modos pelos quais os jovens reais constroem a sua experiência como tais, muito menos apreender as suas demandas (Dayrell, 2013). Isso está nas entrelinhas do trabalho realizado pelo assistente de alunos, ele só possui dimensão educativa caso conheça e compreenda o público com o qual está lidando, e assim consiga dialogar com ele; caso contrário haverá apenas uma relação autoritária e burocrática em um ambiente onde os alunos querem estar cada vez menos.

As contribuições do assistente de alunos na instituição em estudo para a diminuição de evasão escolar não puderam ser aferidas quantitativamente.

Eu só consigo lembrar dos que desistiram porque a insistência foi... Foi grande. Porque quem fica... Quem fica você não tem certeza se... Se foi só aquele momento que a pessoa estava passando (...)
Porque tem muita gente que em algum momento passa por algum problema que quer desistir, que está... Que está... Que eu acho que não está enxergando as coisas de forma clara e eu acho que a gente naquele momento que está, principalmente de corredor, que a gente percebe aquela pessoa... Ah, a gente percebe faltando também. Eu acho que aquele chegar junto e conversar, dizer: “Ei, você tá faltando!” Dar a puxada de orelha, eu acho que já... Já ajuda (...)
Eu tenho a impressão que às vezes essa ruma [expressão que quer dizer grande quantidade] de falta, essa vontade de desistir é um desapego, é uma carência que eles têm e aí a partir do momento que ele ganha aquela atenção eu acho que isso ajuda. Talvez ele não faça aquilo proposital, ele não pense, e ele nem perceba que a atenção que ele ganhou foi o que ele fez.... Fez ele ficar. (AA2)

Porém, as conversas possibilitadas através desse trabalho demonstraram qualitativamente a participação do assistente de alunos para evitar a evasão e influenciar de forma positiva para a permanência do estudante na instituição educativa.

A contribuição dos assistentes de alunos para as melhorias comportamentais e disciplinares dos estudantes também foi validado pelas análises multidimensionais realizadas, expressando além de tudo a necessidade de formação que esse sujeito em estudo possui para poder desempenhar suas atribuições de forma mais adequada e fecunda, para que a instituição não conte apenas com a “sorte” de receber um servidor dotado de personalidades afins com o cargo, pois isso nem sempre é capaz de acontecer.

É necessário romper com a idéia de que agentes técnicos educativos, como os assistentes de alunos por exemplo, são “meros ajudantes dos professores ou apoios das escolas” (Monlevade, 2009, p. 350). O estudo deixou perceptível que o assistente de alunos pode contribuir para que a instituição educativa em estudo adentre na escola do futuro sugerida por Canário (2005, p. 88), colaborando sobretudo com o terceiro ponto citado, de “pensar a escola a partir de um projecto de sociedade”. Essa figura, de funções dialógicas e socializadoras, tem variadas possibilidades e oportunidades não só para contribuir com o fortalecimento do vínculo escolar do alunado como também para promover entre os estudantes valores e princípios baseados na coletividade, justiça social e igualdade que a sociedade tanto anseia, e que está explícito inclusive no Projeto Político Pedagógico do IFRN.

É esperado que, de alguma forma, este estudo contribua para uma maior reflexão sobre a importância e o papel desempenhado pelos agentes não docentes, que são cada vez mais variados e numerosos, e vem se multiplicando para colaborar com os docentes de forma proveitosa, a medida em que funções antes concentradas em apenas um profissional agora são compartilhadas para promover um maior amparo, fortalecer o vínculo escolar e contribuir sobretudo com o êxito dos estudantes em uma escola cada vez mais marcada pela heterogeneidade.

Nesse estudo designadamente, a reflexão se deu de forma multidimensional (englobando assistentes de alunos, docentes e estudantes); porém com o objetivo de estudar um sujeito especificamente, que foi o assistente de alunos, que talvez por não existir em grande quantidade nas instituições de ensino as pesquisas são quase inexistentes, porém há de se considerar o tamanho do público atingido por esses profissionais, e a importância que um estudo como esse

possui para permitir descobertas e promover uma (re)construção da realidade. As descobertas são realizadas no campo de estudo, porém as possibilidades de (re)construir realidades podem ocorrer nos mais diversos ambientes escolares, independentemente da localização geográfica da escola. Compete a cada um refletir que “o sonho de um mundo melhor e a ele aderir é aceitar entrar no processo de criá-lo” (Freire, 2000b, p. 23).

Ao longo deste percurso cheio de experiências sociais foi possível compartilhar, através de múltiplas visões, as idéias variadas sobre a escola e os atores que nela existem, e a motivação para concluir o trabalho surge por reconhecer a importância que o ambiente escolar ainda detém para influenciar a vida das crianças e jovens permanentemente, por mais que em alguns/muitos aspectos a escola possua características obsoletas.

Para terminar deixo uma poesia acerca da escola, que apesar de ser de autoria desconhecida, possui dizeres que parecem materializar muitas das mensagens que compõem esse trabalho.

Escola é...

O lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,

Programas, horários, conceitos...

Escola é sobretudo, gente.

Gente que trabalha, que estuda

Que alegre, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,

O coordenador é gente,

O professor é gente,

O aluno é gente,

Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor

Na medida em que cada um se comporte

Como colega, amigo, irmão.

Nada de "ilha cercada de gente por todos os lados"

Nada de conviver com as pessoas e depois

Descobrir que não tem amizade a ninguém.

Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade,
É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se "amarrar nela!"

Ora é lógico...

Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

Referências bibliográficas

Alencar, E. (1999). *Introdução à metodologia de pesquisa social*. Lavras, MG: UFLA/FAEPE.

Almeida, L. M., Mota, C. D. & Monteiro, E. S. (2001). *O auxiliar de acção educativa no contexto de uma escola em mudança*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Antunes, R. (2009). *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Argüis, R. (2002). *Tutoria: Com a palavra, o aluno*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Backer, P. de. (1995). *Gestão ambiental: A administração verde*. Rio de Janeiro: Qualitymark.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Bauman, Z. (2003). *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Bauman, Z. (2009). *Sociedade individualizada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Berelson, B. (1952). *Content analysis in communication research*. New York: University Press.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora

Bonafé-Schmitt, J.-P. (2009). Mediação, conciliação, arbitragem: Técnicas ou um novo modelo de regulação social. In Silva, A. M. & Moreira, M. A. (Orgs.). *Formação e mediação sócio-educativa. Perspectivas teóricas e práticas*. (pp. 15-40). Porto: Areal Editores.

Bourdieu, P. (1983). A juventude é apenas uma palavra. In *Questões de Sociologia*. (pp.112 -121). Rio de Janeiro: Marco Zero.

Bourdieu, P. (1998). *Escritos de educação*. Nogueira, M. A. & Catani, A. Org. Petrópolis: Vozes.

Bruno, L. (2010). Gestão da educação: Onde procurar o democrático?. In Oliveira, D. A. & Rosar, M. F. F. (Org.). *Política e gestão da educação* (3a ed., pp. 19-40). Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Brzezinski, I. (2010). Tramitação e desdobramentos da LDB/1996: Embates entre projetos antagônicos de sociedade e de educação. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, 8(94), 185-206. Recuperado em 01 fevereiro, 2019, de <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=NumeroAnterior&Num=38>.

Canário, R. (2005). *O que é a escola? Um "olhar" sociológico*. Porto: Porto Editora.

Canário, R. (2008). A escola: Das "promessas" às "incertezas". *Educação Unisinos*, 12(2), 73-81.

Canavarro, J. M. (2007). *Para a compreensão do abandono escolar*. Lisboa: Texto editores.

Capetti, P. (2019). A cada três horas, um professor da rede municipal pede licença por problemas psicológicos. *O Globo*, Rio de Janeiro. Recuperado em 02 julho, 2019, de <https://oglobo.globo.com/rio/a-cada-tres-horas-um-professor-da-rede-municipal-pede-licenca-por-problemas-psicologicos-23512126>.

Cardoso, R. M. et al. (2002). *O stress nos professores portugueses. Estudo IPSSO 2000*. Porto: Porto Editora.

Castells, M. (1999). *A sociedade em rede* (R. V. Majer, Trad.). São Paulo: Paz e Terra.

Castro, J. M & Regattieri, M (2009). *Interação escola-família: Subsídios para práticas escolares*. Brasília: UNESCO, MEC. Recuperado em 19 setembro, 2019, de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4807-escola-familia-final&Itemid=30192.

Chripino, A. (2007). Gestão do conflito escolar: Da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação*, 15(54), 11-28. Recuperado em 20 julho, 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf>.

Dayrell, J. (2013). Por uma sociologia da juventude. In Oliveira, L. F. (Org.). *Ensino de sociologia: Desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais*. (1ª ed., pp. 11-31). Rio de Janeiro: UFRJ.

Dayrell, J. (2007). A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, 28(100), 1105-1128.

Dore, R. & Lüscher, A. Z. (2011). Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. *Cadernos de Pesquisa*, 41(144), 772-789.

Dubet, F. (2002). *Le déclin de l'institution*. Paris, Seuil.

Dubet, F. (2003). A escola e a exclusão (N. L. de Rezende, Trad.). *Cadernos de Pesquisa*, (119), 29-45.

Durkheim, E. (1978). *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos.

Ferreira, A. B. de H. (2010). *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. (5ª ed.). Curitiba, PR: Positivo.

Ferreira, F. & Fernandes, P. (2015). Fatores que influenciam o abandono no ensino superior e iniciativas para a sua prevenção: O olhar de estudantes. *Educação, Sociedade & Culturas*, (45), 177-197.

Ferreira, P.V. (1991). *Estatística experimental aplicada à agronomia*. Maceió, AL: EDUFAL.

Freire, P. (1981). *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. (5ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2000a). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

- Freire, P. (2000b). *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP.
- Freixo, M. J. V. (2011). *Metodologia científica: Fundamentos, metodologias e técnicas*. (3ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre, RS: UFRGS.
- Giddens, A. (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP.
- Giddens, A. (2003). *Modernidade e identidade* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gil, A. C. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (5a ed.). São Paulo: Atlas.
- Giroux, H. A. (2014). Punição da juventude e violência distópica: Um desafio para professores na era do neoliberalismo globalizado. *Educação (Porto Alegre)*, 37(1), 14-23.
- Grabowski, G. & Ribeiro, J. A. R. (2010). Reforma, legislação e financiamento da educação profissional no Brasil. In Moll, J. e Colaboradores. *Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: Desafios, tensões e possibilidades*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real*. (2. ed.). Porto Alegre, RS: Penso.
- Green, B. & Bigum, C. (2011). Alienígenas na sala de aula. In Silva, T. T. da. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. (9a ed., pp. 203-236). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Huntington, S. P. (1997). *O choque de civilizações* (M. H. C. Cortes, Trad.). São Paulo: Objetiva.
- Jacquinet Delaunay, G. (2007). A escola e o fenômeno midiático. (R. M. C. D. Costa, Entrevistador). *Comunicação & Educação*, 12(3), 73-80. Recuperado em 05 julho, 2019, de <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37660/40374>.
- Keynes, J. M. (1988). *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Nova Cultural.

Kuenzer, A. (2007). *Ensino médio e profissional: As políticas do Estado neoliberal*. São Paulo: Cortez.

Lemos, A. (2010). *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. (5a ed.). Porto Alegre, RS: Sulina.

Levasseur, L. & Tardif, M. (2004). Divisão do trabalho e trabalho técnico nas escolas de sociedades ocidentais. *Revista Educação e Sociedade*, 25(89), 1275-1297. Recuperado em 05 maio, 2018, de www.cedes.unicamp.br.

Levasseur, L. & Tardif, M. (2011). *A divisão do trabalho educativo*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Levasseur, L. & Tardif, M. (2013). *O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Libâneo, J. C. (2012). *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez.

Libâneo, J. C., Oliveira, J. F. de. & Toschi, M. S. (2009). *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. (7a ed.). São Paulo: Cortez.

Lima, L. C. (1998). *A escola como organização e a participação na organização escolar*. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Lima, L. C. (2013). *A escola como organização educativa: Uma abordagem sociológica*. (4a ed.). São Paulo: Cortez.

Lins, B. F. E. (1993). Ferramentas básicas da qualidade. *Ciência da Informação*, 22(2), p. 153-161.

Loos, H. & Zeller, T. (2007). Aprendendo a “brigar melhor”: Administração de conflitos sem violência na escola. *Interação em psicologia*, 11(2), 281-289. Recuperado em 20 julho, 2019, de <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/viewFile/7471/8149>.

Lück, H. (2012). *Liderança em gestão escolar*. Rio de Janeiro: Vozes.

Ludke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Maffesoli, M. (1995). *A contemplação do mundo*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.

Maffesoli, M. (2005). *A transfiguração do político: A tribalização do mundo*. (3a ed.). Porto Alegre, RS: Sulina.

Malhotra, N. (2001). *Pesquisa de marketing: Uma orientação aplicada*. Porto Alegre, RS: Bookman.

Manfredi, S. M. (2002). *Educação profissional no Brasil*. São Paulo: Cortez.

Marpeau, J. (2002). *O processo educativo: A construção da pessoa como sujeito responsável por seus atos*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Martino, L. M. de S. (2014). *Teoria das mídias digitais: Linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Mattos, R. A. de (2013). Pensando o mal-estar na/da educação através da compreensão das "juventudes líquidas" contemporâneas. *Pesquiseduca*, 5(10), 295-309.

McLuhan, M (1972). *A galáxia de Gutenberg: A formação do homem tipográfico* (L. G. de Carvalho, A. Teixeira, Trad.). São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP.

Merriam, S. B. (1988). *Case study research in education: A qualitative approach*. San Francisco: Jossey-Bass.

Monlevade, J. A. C. de (2009). História e construção da identidade: Compromissos e expectativas. *Revista Retratos da Escola*, 3(5), 339-352. Recuperado em 01 janeiro, 2019, de <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/27/321>.

Morgado, J.C. (2012). *O estudo de caso na investigação em educação*. Porto: De Facto Editores.

Myrdal, G. (1968). *Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Editora Saga.

- Nunes, V. (2009). *O papel das emoções na educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ó, J. R. do & Costa, M. V. (2007). Desafios à escola contemporânea: Um diálogo. *Revista Educação e Realidade*, 32(2), pp.109-116.
- Oliveira, M. M. de. (2012). *Como fazer pesquisa qualitativa*. (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pais, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude – Alguns contributos. *Análise social*, 25(105-106), 139-165.
- Pais, J. M. (2003). *Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro*. Lisboa: Âmbar.
- Pais, J. M. (2006). Buscas de si: Expressividades e identidades juvenis. In Almeida, M. I. M., Eugenio, F. (Org.). *Culturas jovens: Novos mapas do afeto*. (pp.7-21). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Palhares, J. A. (2008). Os sítios de educação e socialização juvenis. Experiências e representações num contexto não-escolar. *Educação, Sociedade & Culturas*, (27), 109-130.
- Pires, E. L., Fernandes, A. S. & Formosinho, J. (1991). *A construção social da educação escolar*. Porto: Edições ASA.
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the horizon*, MCB University Press, 9(5), 1-6. Recuperado em 10 julho, 2019, de <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>.
- Rumberger, R. (2004). Why students drop out of school. In Orfied, G. (Org.). *Dropouts in America: confronting the graduation rate crisis*. (pp.131-155). Cambridge, MA: Harvard Education,.
- Salvà-Mut, F.; Oliver-Trobat, M. F. & Comas-Forgas, R. (2014). Abandono escolar y desvinculación de la escuela: Perspectiva del alumnado. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, 6(13), 129-142.
- Sander, B. (2009). Gestão educacional: concepções em disputa. *Revista Retratos da Escola*, 3(4), 69-80.

- Santaella, L. (2007). *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus.
- Santos, S. (2007). Supervisão, que lugar é esse? *La Salle: revista de educação, ciência e cultura*, 12(2), 105-120
- Sardinha, E. P. (2007). Assistente ou inspetor?: Um profissional em busca de uma identidade. *Perspectiva Capiana*, (2), 35-38.
- Saviani, D. (2003). O choque teórico da politecnia. *Trabalho, Educação e Saúde*, 1(1), 131-152.
- Saviani, D. (2006). A supervisão educacional em perspectiva histórica: Da função a profissão pela mediação da ideia. In Ferreira, N. S. C. (Org.). *Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da formação à ação*. (5a ed., pp.13-38). São Paulo: Cortez.
- Saviani, D. (2007). Trabalho e educação: Fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, 12(34), 152-180
- Schultz, T. W. (1973). *O capital humano: Investimentos em educação e pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Sen, A. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. (1a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, A. M. C. (2011). Mediação e(m) educação: Discursos e práticas. *Revista Intersaberes*, 6(12), 249-265.
- Simões, F. (2016). A tutoria escolar como factor promotor do sucesso escolar e do bem-estar de jovens: Impactos de uma prática. In Rocha, G. P. N.; Gonçalves, R. L. & Medeiros, P. D. (Org.). *Juventude(s) novas realidades novos olhares*. (pp. 183-207). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- Smith, A. (1996). *A Riqueza das nações: Investigação sobre sua natureza e suas causas* (L. J. Baraúna, Trad.). São Paulo: Nova Cultural
- Tarabini, A.; Curran, M.; Montes, A. & Parcerisa, L. (2015). La vinculación escolar como antídoto del abandono escolar prematuro: Explorando el papel del habitus institucional. *Profesorado* 19(3), 196-212.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

United Nations Human Settlements Programme. (2003). *The challenge of slums: Global report on human settlements*. London: Earthscan Publications Ltd.

Vieira, A. M. (2013). Da educação e da mediação de tensões sociais, indisciplina e violência na escola. *Caderno Pedagógico*, 10(2), 183-198.

Vieira, M. M. (2007). *Escola, jovens e media*. Lisboa: ICS.

Williams, F. (2010). *Repensar as famílias*. Cascais: Principia, Fundação Calouste Gulbenkian.

Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. (4ª ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.

Documentos oficiais/legislação:

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1998). Brasília. Recuperado em 11 janeiro, 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

Constituição da República Portuguesa - Sétima Revisão Constitucional (2005). Lisboa. Recuperado em 02 julho, 2019, de <https://www.parlamento.pt/ArquivoDocumentacao/Documents/CRPVIIrevisao.pdf>.

Decreto n. 981, de 8 de novembro de 1890 (1890). Aprova o Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal. Rio de Janeiro. 1890. Recuperado em 02 fevereiro, 2019, de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-981-8-novembro-1890-515376-publicacaooriginal-1-pe.html>.

Decreto n. 94.664, de 23 de julho de 1987 (1987). Aprova o Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos de que trata a Lei nº 7.596, de 10 de abril de 1987. Brasília. 1987. Recuperado em 12 janeiro, 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D94664.htm.

Decreto-lei n. 184, de 29 de julho de 2004 (2004). Estabelece o regime estatutário específico do pessoal não docente dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos

básico e secundário. Recuperado em 20 maio, 2018, de <https://dre.pt/pesquisa/-/search/502396/details/maximized>.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (2014). *Concursos e seleções*. Recuperado em 01 fevereiro, 2019, de <http://qselecao.ifce.edu.br/>.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (2016). *Referenciais de Atuação dos Profissionais de Assistência Estudantil. 1*. Fortaleza, CE: Diretoria de Assuntos Estudantis. Recuperado em 01 fevereiro, 2019, de <https://ifce.edu.br/crateus/menu/assistencia-estudantil/pdf/ReferenciaisdeatuadosprofissionaisdaAEanexo6.pdf>.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (2016). *Concursos*. Recuperado em 01 fevereiro, 2019, de <https://portal.ifma.edu.br/concursos/>.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (2016). *Concursos e seleções*. Recuperado em 01 fevereiro, 2019, de <http://reitoria.ifpr.edu.br/menu-institucional/pro-reitorias/progepe/concursos-publicos-e-processos-seletivos/>.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2011). *Regimento Interno dos Campi*. Recuperado em 02 setembro, 2019, de <https://portal.ifrn.edu.br/institucional/regimentos/regimento-interno-dos-campi/view>.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2012). *Projeto Político Pedagógico*. Recuperado em 21 julho, 2019, de <http://portal.ifrn.edu.br/ifrn/institucional/projeto-politico-pedagogico-1/lateral/menu-1/volume-1-documento-base>.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (2015). *Concursos públicos*. Recuperado em 01 fevereiro, 2019, de <https://concursopublico.ifsp.edu.br/>.

Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971 (1971). Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília. 1971. Recuperado em 02 fevereiro, 2019, de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>.

Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990 (1990). Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Brasília. 1990. Recuperado em 13 setembro, 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8112cons.htm

Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (1996). Institui as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília. 1996. Recuperado em 12 janeiro, 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm.

Lei n. 11.091, de 12 de janeiro de 2005 (2005). Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências. Brasília. 2005. Recuperado em 12 janeiro, 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11091.htm.

Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008 (2008). Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 2008. Recuperado em 22 julho, 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm.

Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012 (2012). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012. Recuperado em 22 julho, 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm.

Parecer Conselho Nacional de Educação n. 16, de 3 de agosto de 2005 (2005). Proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para a área profissional de Serviços de Apoio Escolar. Brasília. Recuperado em 07 fevereiro, 2019, de http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb016_05.pdf.

Portaria n. 475, de 26 de agosto de 1987 (1987). Diário Oficial da União, Seção 1, Brasília.

Resolução Conselho Nacional de Educação n. 5, de 22 de novembro de 2005 (2005). Inclui, nos quadros anexos à Resolução CNE/CEB nº 4, de 1999, como 21ª Área Profissional, a área de Serviços de Apoio Escolar. Brasília. Recuperado em 07 fevereiro, 2019, de http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/legisla_resol05.pdf.

Resolução Conselho Superior/IFRO n. 42, de 13 de junho de 2016 (2016). Dispõe sobre o Regulamento das Atribuições e Competências do Técnico-Administrativo em Educação do Cargo de Assistente de Aluno do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. Porto Velho, RO. Recuperado em 01 fevereiro, 2019, de http://www.ifro.edu.br/consup/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=643&Itemid=11.

Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica. (2010). *Relatório do grupo de trabalho de racionalização dos cargos do PCCTAE*. Recuperado em 11 fevereiro, 2019, de http://www.sinasefe.org.br/antigo/rel_racional_pcctae.pdf.

Apêndice I – Formulário do inquérito por questionário aplicado aos alunos que cursam o ensino médio integrado no IFRN Campus Natal Cidade Alta

A imagem do assistente de alunos perante o corpo docente do IFRN Campus Natal - Cidade Alta

Esta pesquisa busca analisar a imagem que possuem perante os alunos os profissionais assistentes de alunos que atuam no IFRN Campus Natal Cidade Alta (Unidade Rocas), a fim de auxiliar na elaboração de uma dissertação de mestrado em Ciências da Educação – Especialidade em Sociologia da Educação e Políticas Educativas da Universidade do Minho. Não será divulgada a identificação pessoal de quem a responder.

***Obrigatório**

QUESTÕES DE CARACTERIZAÇÃO

1. CURSO *

Marcar apenas uma oval.

- LAZER
 MULTIMÍDIA

2. ANO *

Marcar apenas uma oval.

- 1º
 2º
 3º
 4º

3. SEXO *

Marcar apenas uma oval.

- FEMININO
 MASCULINO
 PREFIRO NÃO RESPONDER

4. IDADE *

Marcar apenas uma oval.

- 12-14 ANOS
 15-16 ANOS
 17-18 ANOS
 ACIMA DE 18 ANOS

5. TURNO *

Marcar apenas uma oval.

- MATUTINO
 VESPERTINO

QUESTÕES SOBRE O ASSISTENTE DE ALUNOS

6. Na sua opinião, qual o grau de necessidade do profissional assistente de alunos em sua escola: *

Marcar apenas uma oval.

- MUITO DESNECESSÁRIO
- DESNECESSÁRIO
- INDIFERENTE
- NECESSÁRIO
- MUITO NECESSÁRIO

7. De acordo com a descrição sumária do cargo, o assistente de alunos é responsável por "assistir e orientar os alunos no aspecto de disciplina, lazer, segurança, saúde, pontualidade e higiene, dentro das dependências escolares" (BRASIL, 2005). Considerando essa afirmação, como você considera as abordagens realizadas pelos assistentes de alunos: *

Marcar apenas uma oval.

- MUITO INADEQUADAS
- INADEQUADAS
- INDIFERENTES
- ADEQUADAS
- MUITO ADEQUADAS

8. Como você avalia a quantidade de assistentes de alunos que atuam no Campus? *

Marcar apenas uma oval.

- PÉSSIMO
- MAU
- REGULAR
- BOM
- EXCELENTE

9. Com que frequência você costuma recorrer a algum assistente de alunos na sua escola: *

Marcar apenas uma oval.

- NUNCA
- RARAMENTE
- ÀS VEZES
- FREQUENTEMENTE
- MUITO FREQUENTEMENTE

5) Por qual/quais motivos você costuma recorrer ao assistente de alunos?

Lista de motivos:

- 5.1 Buscar informações normativas da escola.
- 5.2 Buscar informações sobre outros setores da escola. (setor pedagógico, secretaria acadêmica, setor de saúde, setor administrativo, direção geral, etc.).
- 5.3 Conversar sobre questões pessoais.
- 5.4 Informar ou buscar orientações para problemas de saúde.
- 5.5 Informar sobre aspectos comportamentais de outros colegas.
- 5.6 Informar sobre questões de manutenção das dependências escolares.
- 5.7 Obter materiais para execução de trabalhos escolares.

- 5.8 Receber atendimento administrativo. (obtenção de documentos, formulários, etc.)
 5.9 Tirar dúvidas de trabalhos e conteúdos escolares.
 5.10 Outros motivos. Quais?
 5.11 Nunca recorri a nenhum assistente de alunos.

(Assinale os motivos por ordem de vezes que ocorre, sendo 1 o motivo que mais vezes solicita. Deixe em branco a questão caso nunca tenha recorrido pelo motivo descrito.)

10. 5.1 Buscar informações normativas da escola.

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. 5.2 Buscar informações sobre outros setores da escola. (setor pedagógico, secretaria acadêmica, setor de saúde, setor administrativo, direção geral, etc.).

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. 5.3 Conversar sobre questões pessoais.

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. 5.4 Informar ou buscar orientações para problemas de saúde.

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. 5.5 Informar sobre aspectos comportamentais de outros colegas.

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. 5.6 Informar sobre questões de manutenção das dependências escolares.

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. 5.7 Obter materiais para execução de trabalhos escolares.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. 5.8 Receber atendimento administrativo. (obtenção de documentos, formulários, etc.)*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. 5.9 Tirar dúvidas de trabalhos e conteúdos escolares.*Marcar apenas uma oval.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. 5.10 Outro motivo. Qual?

20. 5.11 Nunca recorri a nenhum assistente de alunos.*Marque todas que se aplicam.*
 Marque essa opção se você nunca recorreu a nenhum assistente de alunos.
21. 6) Considerando o aspecto de cordialidade, como você avalia o atendimento prestado pelos assistentes de alunos: **Marcar apenas uma oval.*

- PÉSSIMO
 MAU
 REGULAR
 BOM
 EXCELENTE

22. 7) Considerando os aspectos de prontidão e dedicação, como você avalia o atendimento prestado pelos assistentes de alunos: **Marcar apenas uma oval.*

- PÉSSIMO
 MAU
 REGULAR
 BOM
 EXCELENTE

23. 8) Algum familiar seu já procurou atendimento na sua escola através do assistente de alunos? (seja para buscar informações sobre a escola, sobre o aluno, ou para elogios, reclamações e sugestões). *

Marcar apenas uma oval.

- NUNCA
 RARAMENTE
 ÀS VEZES
 FREQUENTEMENTE
 MUITO FREQUENTEMENTE

24. 9) Como você avalia os assistentes de alunos da sua escola em relação a capacitação que eles possuem para a realização de suas atribuições? *

Marcar apenas uma oval.

- PÉSSIMO
 MAU
 REGULAR
 BOM
 EXCELENTE

25. 10) Você acredita que a ação do assistente de alunos contribui de forma positiva para a sua permanência nesta escola? *

Marcar apenas uma oval.

- DISCORDO TOTALMENTE
 DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE
 CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

26. 10.1 Justifique sua resposta para a questão anterior. *

Questões baseadas na função social do IFRN

"A função social do IFRN é ofertar educação profissional e tecnológica – de qualidade referenciada socialmente e de arquitetura político-pedagógica capaz de articular ciência, cultura, trabalho e tecnologia – comprometida com a formação humana integral, com o exercício da cidadania e com a produção e a socialização do conhecimento, visando, sobretudo, a transformação da realidade na perspectiva da igualdade e da justiça sociais" (Projeto Político Pedagógico, IFRN, 2012, p. 21).

11) Demonstre seu grau de concordância quanto às questões abaixo.

27. **11.1 O assistente de alunos contribui para a sua formação humana integral durante sua permanência nessa instituição. ***

Marcar apenas uma oval.

- DISCORDO TOTALMENTE
 DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE
 CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

28. **11.2 O assistente de alunos contribui para a promoção da igualdade e justiça social dentro da escola. ***

Marcar apenas uma oval.

- DISCORDO TOTALMENTE
 DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE
 CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

29. **11.3 O assistente de alunos trata os alunos de igual forma (independentemente de raça, sexo, comportamento, etc.). ***

Marcar apenas uma oval.

- DISCORDO TOTALMENTE
 DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE
 CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

30. **11.4 O assistente de alunos ajuda a resolver problemas de relacionamento entre os jovens. ***

Marcar apenas uma oval.

- DISCORDO TOTALMENTE
 DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE
 CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

31. **11.5 O assistente de alunos ajuda a resolver problemas de integração na escola sentidos pelos jovens. ***

Marcar apenas uma oval.

- DISCORDO TOTALMENTE
 DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE
 CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

32. **11.6 O assistente de alunos incentiva os alunos a participarem nas atividades da escola e/ou a promoverem novas atividades. ***

Marcar apenas uma oval.

- DISCORDO TOTALMENTE
 DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE
 CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

33. **11.7 O assistente de alunos alerta para situações de risco e exclusão social observadas em jovens que frequentam o IFRN (Exemplos: risco de abandonarem os estudos, não se relacionarem com outros colegas, consumo de drogas, etc). ***

Marcar apenas uma oval.

- DISCORDO TOTALMENTE
 DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE
 CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

QUESTÕES FINAIS

34. **Escreva uma palavra que para você represente o assistente de alunos. ***

35. **Essa questão é de resposta opcional. Caso você sinta necessidade poderá escrever no espaço abaixo sugestões sobre algum ponto do tema dessa pesquisa que você acredita que não foi contemplado nas questões anteriores.**

**Apêndice II – Guião da entrevista com os assistentes de alunos do IFRN Campus
Natal Cidade Alta**



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Entrevista com os assistentes de alunos do IFRN Campus Natal Cidade Alta

Guião da entrevista

Esta entrevista busca recolher elementos para refletir acerca da ação do assistente de alunos no campus Natal Cidade Alta (Unidade Rocas), e como ele se vê enquanto profissional de uma instituição escolar. As respostas aqui obtidas servirão para auxiliar na elaboração de uma dissertação de mestrado em Ciências da Educação – Especialidade em Sociologia da Educação e Políticas Educativas da Universidade do Minho. Não será divulgada a identificação pessoal de quem a responder.

PARTE 1 - Apresentação

- 1) Idade:
- 2) Sexo:
- 3) Formação (especificar):

PARTE 2 – Aspectos profissionais

- 1) Horário de trabalho:
- 2) Tempo de serviço nessa instituição:
- 3) Tempo de serviço nesse campus:
- 4) Assume ou já assumiu alguma função de coordenação nessa instituição? Caso sim, qual foi a coordenação que você ocupou? Por quanto tempo permaneceu nela?
- 5) Já trabalhou em algum outro local antes? Em que área?
- 6) Por quanto tempo você permaneceu em cada trabalho anterior?
- 7) Por qual motivo você escolheu concorrer a uma vaga para o cargo assistente de alunos?
- 8) Considerando que o IFRN exige apenas a formação de Ensino Médio completo para admissão ao cargo de assistente de alunos, você acredita que seria necessária alguma formação complementar para uma atuação no cargo com mais profissionalismo? Em quais áreas poderiam ser essa formação?

- 9) Você considera suficiente a quantidade de assistentes de alunos que atuam no Campus Cidade Alta?

PARTE 3 – Auto-avaliação (Para responder as próximas perguntas considere toda a sua experiência como assistente de alunos, desde que entrou no IFRN)

- 10) Como você avalia a importância do assistente de alunos para a escola?
- 11) O projeto político pedagógico do IFRN apresenta que a sua função social é ofertar educação profissional e tecnológica “comprometida com a formação humana integral, com o exercício da cidadania e com a produção e a socialização do conhecimento, visando, sobretudo, a transformação da realidade na perspectiva da igualdade e da justiça sociais” (IFRN, 2012). Considerando o exposto, você considera que o assistente de alunos pode contribuir para os processos formativos do estudante do IFRN? De que forma?
- 12) Você acredita que a sua atuação pode contribuir de forma positiva para a permanência do aluno nessa instituição?
- 13) Em algum momento você atuou direta ou indiretamente de forma a evitar a evasão de algum aluno? Caso sim, pode relatar como foi ou como costuma ser sua mediação?
- 14) Como ocorre a relação entre o assistente de alunos e demais setores da escola?
- 15) Há relação entre o assistente de alunos e a família dos alunos? Caso sim, como ocorre essa relação?
- 16) O assistente de alunos costuma interferir ou contribuir em decisões acadêmicas e administrativas da escola? Caso sim, de que forma?
- 17) Para você, em síntese, qual é o papel do assistente de alunos?
- 18) Considera a designação “assistente de alunos” adequada?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos chegando ao final da entrevista, gostaria de deixar esse espaço para que você faça considerações que gostaria de fazer, mas que não as fez.

Também gostaria que você fizesse considerações, sugestões e críticas ao conteúdo da entrevista e a forma como ela foi conduzida, visando aperfeiçoar essa técnica por mim utilizada.

Apêndice III – Guião da entrevista com docentes que atuam no ensino médio integrado do IFRN Campus Natal Cidade Alta



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Entrevista com docentes que atuam no ensino médio integrado do IFRN Campus

Natal Cidade Alta

Guião da entrevista

Esta entrevista busca recolher elementos para refletir acerca da ação do assistente de alunos no campus Natal Cidade Alta (Unidade Rocas), e como ele é visto enquanto profissional de uma instituição escolar. As respostas aqui obtidas servirão para auxiliar na elaboração de uma dissertação de mestrado em Ciências da Educação – Especialidade em Sociologia da Educação e Políticas Educativas da Universidade do Minho. Não será divulgada a identificação pessoal de quem a responder.

PARTE 1 - Apresentação

- 1) Sexo:
- 2) Formação (especificar):

PARTE 2 – Aspectos profissionais

- 3) Há quantos anos atua como professor?
- 4) Tempo de serviço nessa instituição:
- 5) Tempo de serviço nesse campus:

PARTE 3 – O trabalho do assistente de alunos (Para responder as próximas perguntas considere a sua experiência como professor no campus Natal Cidade Alta)

- 6) Como você definiria o assistente de alunos? Quais seriam as suas atribuições?
- 7) Considerando que o IFRN exige apenas a formação de Ensino Médio completo para admissão ao cargo de assistente de alunos, você acredita que seria necessária alguma formação complementar para uma melhor atuação desses funcionários? Em quais áreas poderiam ser essa formação?

- 8) Você considera suficiente a quantidade de assistentes de alunos que atuam no Campus Cidade Alta?
- 9) O projeto político pedagógico do IFRN apresenta que a sua função social é ofertar educação profissional e tecnológica “comprometida com a formação humana integral, com o exercício da cidadania e com a produção e a socialização do conhecimento, visando, sobretudo, a transformação da realidade na perspectiva da igualdade e da justiça sociais” (IFRN, 2012). Considerando o exposto, você considera que o assistente de alunos pode contribuir para os processos formativos do estudante do IFRN? De qual forma?
- 10) Você acredita que a atuação do assistente de alunos pode contribuir de forma positiva para a permanência do aluno nessa instituição? De qual forma?
- 11) Na sua visão, como ocorre a relação entre o professor e o assistente de alunos?
- 12) Há relação entre o professor e a família dos alunos? Caso sim, como ocorre essa relação?
- 13) Para você, em síntese, qual é o papel do assistente de alunos?
- 14) Considera a designação “assistente de alunos” adequada?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos chegando ao final da entrevista, gostaria de deixar esse espaço para que você faça considerações que gostaria de fazer, mas que não as fez.

Também gostaria que você fizesse considerações, sugestões e críticas ao conteúdo da entrevista e a forma como ela foi conduzida, visando aperfeiçoar essa técnica por mim utilizada.

Apêndice IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO MINHO - INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM EDUCAÇÃO

Dados de identificação

Título do Projeto: A DIMENSÃO EDUCATIVA DO ASSISTENTE DE ALUNOS - O PAPEL DESSE PROFISSIONAL NA FORMAÇÃO DO CORPO DISCENTE DA ESCOLA

Mestranda: Gabriela de Oliveira Cabral

Orientadora Científica: Doutora Maria Emília Pinto Vilarinho Rodrigues Barros Zão

Mestrado em Educação: Especialidade em Sociologia da Educação e Políticas Educativas

Eu, Gabriela de Oliveira Cabral, responsável pela pesquisa “A DIMENSÃO EDUCATIVA DO ASSISTENTE DE ALUNOS: O PAPEL DESSE PROFISSIONAL NA FORMAÇÃO DO CORPO DISCENTE DA ESCOLA”, venho convidar-te para participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende compreender os papéis e contribuições do profissional assistente de alunos nos processos educativos escolares do Campus Natal Cidade Alta do IFRN.

Acreditamos que essa pesquisa seja importante porque tem o potencial de: (1) Compreender a influência dos assistentes de alunos perante um corpo estudantil com redes sociais cada vez mais fragilizadas; (2) Identificar e problematizar o contributo dos assistentes de alunos no desenvolvimento e êxito dos alunos do Campus; (3) Analisar a percepção que a comunidade académica tem sobre o assistente de alunos e como a nomenclatura do cargo contribui para essa percepção.

Desta forma, quanto aos procedimentos metodológicos a serem adotados, me comprometo a obedecer aos preceitos éticos, quais sejam:

- Será mantido total sigilo quanto à **identidade e privacidade** dos participantes da pesquisa;
- As informações obtidas de cada entrevistado(a) são confidenciais e serão divulgadas apenas com propósitos científicos, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação;
- É garantida sua liberdade de adesão voluntária ao estudo, bem como o direito de desistência de participação em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, mesmo que você tenha assinado este termo de consentimento;
- Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com a pesquisadora.

Isto posto, solicito sua participação neste estudo, em caráter de colaboração, me disponibilizando a prestar todo e qualquer esclarecimento que se faça necessário, em qualquer fase do andamento desta pesquisa.

Autorização:

Eu, _____
(nome completo do voluntário ou representante legal)

após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário(a) ou representante legal

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE
Gabriela de Oliveira Cabral

Apêndice V – Autorização do Participante

AUTORIZAÇÃO DO PARTICIPANTE



UNIVERSIDADE DO MINHO - INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM EDUCAÇÃO

Mestranda: Gabriela de Oliveira Cabral

Orientadora Científica: Doutora Maria Emília Pinto Vilarinho Rodrigues Barros Zão

Mestrado em Educação: Especialidade em Sociologia da Educação e Políticas Educativas

Eu _____, CPF _____,
RG _____, diante das explicações apresentadas e depois de conhecer os objetivos,
procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente dos
procedimentos aos quais serei submetido, especificados no Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido (TCLE), aceito participar, de livre e espontânea vontade, da pesquisa da mestranda
em Educação, especialidade em Sociologia da Educação e Políticas Educativas, Gabriela de
Oliveira Cabral, intitulada “**A DIMENSÃO EDUCATIVA DO ASSISTENTE DE
ALUNOS: O PAPEL DESSE PROFISSIONAL NA FORMAÇÃO DO CORPO
DISCENTE DA ESCOLA**”, desenvolvida no Departamento de Ciências Sociais da Educação
da Universidade do Minho-Portugal, em convênio com o Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN.

AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora a gravar áudio da entrevista ao colher
meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

AUTORIZO AINDA, a publicação do conteúdo da entrevista concedida, para fins acadêmico-
científicos, conforme o compromisso estabelecido pela pesquisadora no Termo de
Consentimento Livre e Esclarecido, o qual me foi entregue, devidamente assinado, pela
pesquisadora.

Local: _____ Data: ____/____/____

Apêndice VI – Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos assistentes de alunos (dimensão profissional)

Análise de conteúdo - representações de assistentes de alunos do IFRN Campus Natal Cidade Alta sobre a dimensão profissional (informações recolhidas através de entrevistas realizadas pela pesquisadora em julho de 2019)

Dimensão: Profissional		
Definição: Enquadramento de aspectos relacionados às motivações para vir a se tornar assistente de alunos e quais as necessidades de formação que esse servidor possui.		
Categorias	Subcategorias	Trechos das respostas dos assistentes de alunos
Motivação para escolher a profissão	Estabilidade	<p><i>"Primeiro a questão da estabilidade, depois a questão salarial." AA1</i></p> <p><i>"Eu acho que não fui nem pelo cargo. Eu acho que mais pela... Pela questão da estabilidade do serviço público mesmo." AA3</i></p>
	Ambiente escolar	<p><i>"Como eu já fui aluno da instituição, então voltar a instituição como servidor tem um certo status, é um gosto diferente." AA1</i></p> <p><i>"Primeiro para entrar dentro de uma instituição de ensino, que faria diferença entre trabalhar nos Correios, que é puramente administrativo, financeiro." AA2</i></p>
Necessidade de Formação	Pedagogia e Psicologia	<p><i>"Uma área que tem que ter um trabalho melhor é no saber lidar com o aluno, saber conversar, o acolhimento. Tinha que ter, digamos, um lado mais psicológico, algo mais trabalhado nesse sentido né, um pouco de formação psicológica, de como receber um aluno, de como conversar, de como entender." AA1</i></p> <p><i>"Algo mais voltado à psicologia ou pedagogia... De saber como lidar com essas situações [de conflito]. Talvez até, não sei, algo parecido com aquelas coisas de coaching, lidar com conflito. Eu acho que é por aí. Porque realmente é pesado né." AA3</i></p>
	Serviço Social	<p><i>"Eu acho que alguma coisa que o povo de serviço social talvez fosse muito importante. Eu não sei exatamente quem ver. Por exemplo aquele negócio do ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] do Estatuto, talvez o serviço social tivesse umas coisas que agregassem bastante." AA2</i></p>

Apêndice VII – Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos assistentes de alunos (dimensão de atuação do assistente de alunos)

Análise de conteúdo - representações de assistentes de alunos do IFRN Campus Natal Cidade Alta sobre a dimensão de atuação do assistente de alunos (informações recolhidas através de entrevistas realizadas pela pesquisadora em julho de 2019)

Dimensão: Atuação do assistente de alunos		
Definição: Enquadramento sobre questões relacionadas à atuação prática do assistente de alunos, refletindo sobre a sua importância para a instituição, suas contribuições para os processos formativos do estudante e a permanência desse aluno na instituição, bem como em processos de decisão da escola. Essa dimensão também aborda como se dá o relacionamento do assistente de alunos com os demais setores da escola e com a família dos alunos.		
Categorias	Subcategorias	Trechos das respostas dos assistentes de alunos
Importância do Assistente de Alunos	Cumprimento das normas institucionais	<p><i>“Acompanhar mais de perto, saber o que está acontecendo né, por que não está na sala de aula, porque que não veio com farda.” AA1</i></p> <p><i>“Até porque se você não conseguir domar o maior número de pessoas que tem dentro de uma casa, a gente fica numa situação de anarquia né. Então se a gente for olhar, nossa escola é uma grande casa, e a gente precisa de algum nível de controle daquela situação. Eu acho que a idéia do assistente de alunos foi: manter esse controle.” AA3</i></p>
	Sociabilidade (diálogo)	<p><i>“Quando a gente começa a conversar diariamente, a gente já chama o aluno mais pelo nome, a gente já sabe as dificuldades dele, porque que chegou atrasado, onde é que mora, as dificuldades para sair daqui, tudo isso... Mas para isso a gente tem que tá no contato cotidianamente com esse aluno. Então é, a importância se dá nisso. A gente dá os encaminhamentos para o aluno mas por exemplo a gente tem que entender primeiro. A gente não pode chegar com as coisas prontas e não, você tem que fazer isso, isso e isso, se a gente não sabe da realidade do aluno. É diferente, a gente cobra uma coisa mas o que a gente tá oferecendo? O porquê do aluno tá nessa situação? Então, acho que a importância é essa, a gente tentar entender primeiro o aluno, as suas dificuldades, as suas necessidades, para aí sim poder intervir de alguma maneira.” AA1</i></p> <p><i>“Tem muitas, muitas particularidades, muitos pormenores que uma equipe pedagógica por tá lá na pedagogia acompanhando, acompanha mais de longe. E eu acho que o assistente de alunos ele consegue acompanhar mais no dia a dia algumas particularidades, algumas coisas menores que talvez só se consegue acompanhar estando no dia a dia mesmo.” AA2</i></p> <p><i>“Sempre conseguir dialogar tranquilo, sobre o que fazer, o que não fazer né, o que é moral, o que é imoral, o que é legal, o que não é legal...” AA3</i></p>
Contribuição do assistente de alunos para os processos formativos do estudante e sua permanência na instituição	Acompanhamento	<p><i>“[...] Todo um mundo diferente para o aluno e que se não houver esse acompanhamento mais de perto, ele acaba não dando conta, ele acaba não usufruindo da melhor forma possível, ele acaba às vezes se perdendo nessa multidão e às vezes é só mais um.” AA1</i></p> <p><i>“Eu acho que durante esse aspecto de tá ali todo dia, de tá convivendo mesmo, de corredor, eu acho que consegue com a aproximação, essa aproximação diária, eu acho que consegue dar um apoio... Você consegue talvez fazer com que o aluno reflita em muitos aspectos, porque você tá ali o tempo todo, então você tá acompanhando, você pode ajudar de N formas. Num momento que ele tá, sei lá, abalado emocionalmente num corredor da vida, numa hora que... Numa hora que ele tá preparando alguma coisa de trabalho, você tá lá acompanhando, de alguma forma você consegue passar... Passar a informação de modo geral [...] Você pode dar uma dica de como ele tá fazendo determinada coisa, ele tá tentando fazer melhor.” AA2</i></p>
	Aconselhamento ao aluno	<p><i>“Existem aqueles [alunos] né, que precisam realmente de um apoio melhor, de um aconselhamento melhor, até porque a vida de um aluno ela muda muito depois que ele entra no IFRN [...] O fato de explicar, o fato de colocar pro aluno</i></p>

		<p><i>o que é o IFRN, a sua importância, o que pode ser oferecido para o aluno, as oportunidades que ele vai ter aqui, eu já vejo que... Que é o primeiro passo né." AA1</i></p> <p><i>"Eu acho que às vezes a gente consegue pegar alguém que tá escapando, alguém que o professor não tá conseguindo acompanhar, algum aluno que tem dificuldade numa matéria, então ele não se sente à vontade que o professor se chegue, e eu acho que às vezes a gente consegue chegar nesses alunos sim. Nesses alunos, principalmente os que tem mais... Mais dificuldade [...] Eu acho que aquele chegar junto e conversar... Já ajuda." AA2</i></p> <p><i>"Se é uma pessoa que segue aqueles preceitos de tá sempre atento ao fardamento, diálogo constante com os alunos, ter feedback do professor do que tá acontecendo né. Ter algum nível de sinergia né, entre pedagogia, professor... Aí a coisa pode até ficar legal e funcionar. [...] O professor, ele tá preparado pra "desembuchar" o assunto lá, seja da programação, seja do circuito eletrônico, de que matéria for... O aluno não tá pronto pra receber, e isso cria essa situação de... É... Desânimo né. E os meninos começam... Alguns, não todos... Começam a querer desistir." AA3</i></p>
Relação do assistente de alunos com os demais setores da escola	Necessidade de sinergia entre os setores	<p><i>"A mediação com os professores, ela tem que se dá muito boa, as relações com os professores têm que ser a melhor possível, porque é uma via de duas mãos. Tanto a gente requer do professor algumas coisas, como ele requer da gente também. Então... De fato tem que ser uma relação espontânea com todos os setores. Até porque tanto eles precisam da gente, do nosso papel em si, quanto a gente também precisa deles pra resolver muitas questões. Então tem que ter, é... Essa relação muito boa, tanto dos assistentes de alunos com os outros setores, quanto dos outros setores com os assistentes de alunos." AA1</i></p> <p><i>"Muitas coisas você precisa do entorno né. O entorno seriam outros setores, as pessoas quererem compartilhar responsabilidades né, não é só uma pessoa que vai resolver o problema dos cem alunos, por exemplo né. Aí eu acho que... Apoio da gestão. Se a gestão fica passando a mão na cabeça de tudo também não vai contribuir... Eu acho que não é por aí. Eu acho que todo mundo tem que trabalhar junto pra... Pra conseguir um objetivo" AA3</i></p>
	Necessidade de todos se entenderem como educador	<p><i>"Já foi conversado em mais de uma reunião sobre o papel do servidor dentro do campus, que todo mundo faz parte do... Da formação do aluno. Todo mundo é educador. [...] Tem que lembrar, pra evitar alguns maus entendidos de... No meu ver, que eu citei anteriormente, sobre o fato de achar que só determinada pessoa é capaz, ou é... Ou é aquela pessoa pra resolver uma situação que às vezes é possível resolver com a palavra de qualquer pessoa que esteja naquele momento vivenciando a situação." AA2</i></p>
Relação do assistente de alunos com a família dos alunos	O assistente de alunos como representante da escola perante a família	<p><i>"Então geralmente ocorre nessa situação, quando o pai vem procurar a escola pra saber qual a situação do aluno. Às vezes, muito raro, acontece de os pais chegarem querendo um boletim, saber como o aluno tá [...] Apesar de que também tem o outro lado que é o atendimento por telefone, que tem muitos pais que ligam." AA1</i></p> <p><i>"Eu acho que eles depois que conhecem a gente tendem a procurar mais [...] Acho que tem umas duas ou três mães que eu já passei por isso, que pedem informações diretamente, de querer whatsapp." AA2</i></p> <p><i>"Ela [a aluna] caiu e rasgou um pouquinho aqui do queixo, [aponta para o queixo] aí teve que ligar pros pais, os pais foram lá, conversaram né. É... Deram uma bronca né, e até a bronca, como quem tava lá pra receber era eu, eu recebi, de prontidão né, realmente foi erro da escola deixar os alunos ficarem lá naquela região de uma quadra que não tá pronta né. Aí caiu e se cortou né. Mas enfim, passou bem, mas... Esse é um... Esse é um dos</i></p>

		<p><i>momentos né. Acontece alguma coisa, pode acontecer um sinistro com qualquer pessoa, e o assistente de aluno ele vai ter que tá lá. [...] Pai de aluno eu acho que vai ser mais nesses momentos sabe, ou algo compor... Comportamental, reunião de pais né, que eu acho que às vezes o assistente de aluno é convidado entre aspas né, às vezes acaba tendo que ir por algum sinistro ou algo assim." AA3</i></p>
	Ausência da família	<p><i>"Nem todo pai é participativo. Quando o aluno entra no IF, muitos alunos ganham vida, ganham asas." AA2</i></p> <p><i>"Eu vejo que a família não... Muita gente larga os meninos aí... Não, o IF é massa [expressão regional que representa algo muito bom], não sei o quê, é bom. Mas... E eu acho que sei lá, pedagogicamente não é assim né. Eu acho que ensino... Ensino é... É algo um pouco além né, de só escola." AA3</i></p>
Contribuições do assistente de alunos em decisões da escola	Influência em questões burocráticas	<p><i>"Eu vejo que eu tenho como opinar, eu tenho como dar algumas sugestões diante de algumas coisas que podem acontecer. Por exemplo, uma das coisas que tem acontecido e que sempre acontece é justamente aluno pedindo transferência de turno. Que antes a gente até na metade do ano a gente fazia, mas era um trabalho, era uma burocracia muito grande [...] Eu fui muito incisivo. Por que? É... É algo que se a gente for criar como rotina, então sempre vai acontecer, que é algo que não tá previsto de fato na organização didática, essa mudança de turno, a gente acaba abrindo algumas exceções mas é como eu disse, o trabalho operacional, ele é muito grande com relação à isso, e acaba se perdendo muitas informações do próprio aluno porque não migra as notas de um boletim da tarde para um boletim da manhã." AA1</i></p> <p><i>"São de certa forma gerentes daquele ônibus [referência ao ônibus circular que transporta alunos e servidores entre as duas unidades do Campus] lá né, que às vezes tem, às vezes não tem. Aquilo ali, de certa forma é vocês que definem, sei lá... Qual o melhor momento daquilo né. O circular precisa tá lá horário tal. Vocês já reportam ao pessoal da manutenção: precisa não, porque vai ter isso, isso e isso." AA3</i></p>
	Influência em processos educativos	<p><i>"Eu me meto muito nas coisas, e esse lance do educador foi uma coisa que... Que dentro de uma nova perspectiva, que o campus já tá vivenciando... Então observando a fórmula... O lance de fazer reestruturação de curso, de uma pedagogia diferente, de estrutura... Eu vi uma abertura de falar sobre isso, sobre... Com a história de... Ah, todo mundo participa, todo mundo participa, então eu me senti na liberdade de cobrar das pessoas da gestão... Da gestão, que fizesse... Que realmente colocasse isso em prática, que cada vez explanassem mais sobre... Se todo mundo é participativo, todo mundo educador... É... Tem que lembrar..." AA2</i></p> <p><i>Aqui na Cidade Alta a gente costumava pedir a quem vir, quem percebesse que essa arrumação né, já descrita [alunos cometendo algum ato errado pela escola], estava acontecendo em algum local, nos informasse... Por quê? Porque não tem como eu ser o olho que tá em todo lugar né [...] Isso é uma forma de... É um... Foi uma das... Das formas que o assistente de alunos ele entreviu em... Vamos colocar assim, uma... Uma rotina pra todo mundo. Se viu alguma coisa estranha assim... Acontecendo entre alunos, informar.</i></p>

Apêndice VIII - Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos assistentes de alunos (dimensão de reflexão sobre a prática e nomenclatura do assistente de alunos)

Análise de conteúdo - representações de assistentes de alunos do IFRN Campus Natal Cidade Alta sobre a dimensão de reflexão sobre a prática e nomenclatura do assistente de alunos (informações recolhidas através de entrevistas realizadas pela pesquisadora em julho de 2019)

Dimensão: Reflexão sobre a prática e nomenclatura do assistente de alunos		
Definição: Enquadramento de aspectos ligados ao papel efetivo desse profissional na instituição e opiniões sobre a adequação ou não do nome ao cargo.		
Categorias	Subcategorias	Trechos das respostas dos assistentes de alunos
Papel do assistente de alunos	Mediação	<p><i>"Então, de certa forma a gente é responsável por saber a situação, por tentar entender, por dar os encaminhamentos, né.[...] a gente acolhe, a gente entende, a gente encaminha né [...] a gente tem todo um trabalho por fora que age em conjunto com outros setores e consegue dar solução para o que aluno tá buscando." AA1</i></p> <p><i>"Dialogar antes de, é... Partir logo pra cima brigando sabe. Eu, quando era aluno, eu não gostava muito disso sabe, de ficar com gente me enchendo o saco [expressão que se refere à alguém que fica incomodando muito]. Então assim, eu gosto de levar isso um pouco... Trazer um pouco isso pra cá. Eu vou saber o que foi que aconteceu [...] Eu acho que o papel do assistente de aluno é entender o que tá acontecendo antes de tudo." AA3</i></p>
	Apoio ao estudante	<p><i>"O assistente de aluno é aquela função, aquela pessoa que de fato tem que tá no dia a dia, no corredor, começa já com a sala sendo no corredor, [referência à localização da sala onde ficam os assistentes de alunos da administração escolar, que é a primeira sala administrativa que qualquer pessoa que acesse o campus tem contato] e... Eu não sei... Porque eu não quero dizer que faz tudo porque não faz tudo. Ah, eu acho que tem que ser uma pessoa que tem que tá disposta a tá todo dia, a tá acompanhando o dia a dia, e... E tá apoiando de certa forma... De certa forma não, de muitas formas, esse dia a dia. Pra melhorar o dia a dia do aluno dentro da instituição." AA2</i></p>
Nomenclatura assistente de alunos	Assistência ao estudante	<p><i>"A gente tem uma impressão de que vai dar assistência né, então é algo mais amigável né. E eu acredito que já... Já fica mais legal. Não sei, poderia ser, é... Auxiliar, também de alunos... Se fosse auxiliar de alunos também? Também funcionava, ia ser parecido com o assistente de aluno também, eu acho né [...] E acho que eles estão tentando humanizar mais os nomes né." AA3</i></p>
	Além da assistência ao estudante	<p><i>"Assistente de aluno parece que a gente tá ali pra servir o aluno, pra assistir ele o tempo todo, e na verdade não é [...]Mas não é questão de assistir, é... De simplesmente resolver as coisas... De ensinar o aluno como é que deve... Não. Não é só isso. Tem todo um trabalho por fora, por trás né, do que a gente faz, que não é só do assistente de aluno, ele é buscando um trabalho com todos os setores envolvidos." AA1</i></p>

**Apêndice IX - Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos docentes
(dimensão de atuação do assistente de alunos)**

Análise de conteúdo - representações de docentes do IFRN Campus Natal Cidade Alta sobre a dimensão de atuação do assistente de alunos (informações recolhidas através de entrevistas realizadas pela pesquisadora em julho de 2019)

Dimensão: Atuação do assistente de alunos		
Definição: Enquadramento sobre questões relacionadas à atuação prática do assistente de alunos, refletindo sobre qual seria o seu papel na escola, qual sua necessidade de formação para exercer o papel da melhor forma e quais suas contribuições para os processos formativos do estudante e a permanência desse aluno na instituição.		
Categorias	Subcategorias	Trechos das respostas dos docentes
Atribuições do assistente de alunos	Cumprimento das normas institucionais	<p><i>“Observa algumas questões disciplinares dos estudantes.” P1</i></p> <p><i>“Fazendo com que por exemplo que eles, é... Eles... Eles... Não percam as aulas não é, que eles sempre fiquem é... É... Procurando é... Seguir a organização didática”. P2</i></p> <p><i>“Responsabilidade no zelo pela disciplina escolar, especialmente no que concerne aos espaços externos à sala de aula, ajudando inclusive a manter o aluno o mais próximo da sala de aula, especialmente participando dela.” P3</i></p> <p><i>“Organização do espaço físico e do comporta... De gerenciar o comportamento dos alunos. É... Não conheço outros procedimentos porque eu não conheço na totalidade a função do assistente de alunos.” P4</i></p> <p><i>“Supervisionar é, as atividades que os alunos estão fazendo.” P5</i></p> <p><i>“Eu fico sempre com a impressão, que tem aquele lado muito de controle sabe, minha... Minha visão é muito essa. Não que eu acho que deveria ser, mas eu acho o que eu vejo né.” P6</i></p> <p><i>“É o servidor que tá todos os dias lidando muito com a questão disciplinar do aluno. É... E aí não só a questão de fardamento e horário, mas eu acho que tem uma relação de confiança com esse servidor. Então eu acho que é um servidor que lida com aspectos disciplinares do aluno de maneira mais geral.” P8</i></p>
	Acompanhamento	<p><i>“Na minha opinião é um profissional que acompanha mais de perto o dia a dia, a rotina dos estudantes [...] Conseguir enxergar situações que envolvem algum aspecto pedagógico, algum aspecto psicológico, e encaminhar ao setor adequado.” P1</i></p> <p><i>“Organizar um pouco os alunos né, orientar algumas coisas né. Mas assim... Não tenho tanta clareza também sabia? Pra mim eu acho que ainda falta clareza de saber melhor a função, assim, qual que é né.” P6</i></p> <p><i>“Ele tem um papel de acompanhar os estudantes né, de orientar, é... De esclarecer dúvidas. Eu entendo que ele trabalha diretamente com os estudantes, assim percebendo alguma... Alguma situação que sai um pouquinho da... Do cotidiano da escola, então... Algum comportamento diferente dos estudantes.” P7</i></p>
	Suporte	<p><i>“Ele vai dá um... Um suporte é... Pra... Para os discentes não é, de um modo geral.” P2</i></p> <p><i>“Eu vejo também como participante... É... Do processo ensino-aprendizagem, quando auxilia nas redes sociais, quando auxilia, é... Na distribuição do material, quando auxilia também na própria sala de aula... É... Acompanhando alguns processos.” P3</i></p>

		<p><i>“De auxílio do professor nas suas atividades cotidianas, desde dar um lápis pro professor escrever na sala, desde manter o corredor livre e em silêncio pra que o professor possa lecionar sem que outros alunos atrapalhem.” P5</i></p> <p><i>“Além de auxiliar também nas atividades dos docentes né, um lugar onde a gente tem um apoio na verdade. Muito... Muito próximo.” P8</i></p>
Necessidade de formação	Ciências Humanas	<p><i>“Eu acho que formações no campo da pedagogia, no campo da psicologia, no campo de [...] Gestão de conflitos, vamos dizer assim, não sei se também. É normal no ambiente social existirem idéias distintas, conflitos, então vocês também atuam, de algum modo, tentando solucionar esses problemas.” P1</i></p> <p><i>“O assistente de alunos, ele... Ele... Ele lida direto com... Com... Com... Às vezes com muitos problemas dos alunos não é, com muitas coisas... Então, a formação em si de... Uma formação pedagógica, uma formação, é... Em licenciaturas de um modo geral, ou até mesmo uma... Uma outra formação mais voltada pro caráter humano não é, tipo... É... Psicologia, psicopedagogia, é... Assistência social, alguma coisa desse tipo.” P2</i></p> <p><i>“Seria também na área pedagógica... Na área de metodologia pra... Pro trabalho propriamente com estudantes” P3</i></p> <p><i>“Na área de educação, de... Do desenvolvimento da... Da... Do adolescente. Saber alguma coisa sobre psicologia da educação, psicologia envolvendo o comportamento de adolescentes.” P4</i></p> <p><i>“Relacionamento pessoal, porque vocês vão lidar com uma gama variada de alunos né, cada aluno é uma personalidade diferente, tem alguns alunos que são mais dóceis, tem alguns alunos que são mais arredios, tem alguns alunos que são mais problemáticos, outros são mais problemáticos ainda, então vocês tem que ter toda uma capacidade, é... Digamos assim... De conhecimento psicológico, de conhecimento de relacionamento interpessoal, pra vocês lidarem com essas diferentes pessoas.” P5</i></p> <p><i>“Que tivesse mesmo uma formação né, além... Ligada à educação, pedagogia, sociologia também, eu acho que pode contribuir. Isso... É, assistência social também.” P6</i></p> <p><i>“Eu acho que ele precisa sim de uma formação em educação, uma formação de qual é o papel da escola, de qual é o papel dele nesse... Nessa função. E também um conhecimento do PPP [referência ao documento do Projeto Político Pedagógico] da escola, né, assim... De qual é o Projeto Político Pedagógico, quais são os valores que a instituição preza nessa formação.” P7</i></p> <p><i>“Poderiam fazer uma busca por uma formação mais ligada a pedagogia.” P8</i></p>
	Gestão	<p><i>“No campo de... De... De gestão, eu acho que também contribui, porque a... O assistente de alunos termina... É um gestor, gestor que trabalha com muitas pessoas diferentes, com muitas demandas diferentes, às vezes uma demanda que chega aqui de um docente tem uma especificidade, do estudante... Então, é... Esse aspecto gestor no</i></p>

		<p><i>assistente de alunos requer muita desenvoltura pra lidar com todas essas realidades distintas.” P1</i></p> <p><i>“Acho que na área de gestão escolar seria valioso.” P3</i></p> <p><i>“Eu creio que vocês deveriam ter cursos de administração, porque vocês vão administrar setores da escola.” P5</i></p>
	Primeiros Socorros	<p><i>“Cursos de primeiros socorros, porque numa eventualidade, se algum aluno sofrer um acidente ou passar mal, enquanto não chega o socorro apropriado vocês poderiam prestar esse primeiro socorro.” P5</i></p>
Contribuição do assistente de alunos para os processos formativos do estudante e sua permanência na instituição	Sociabilidade (diálogo)	<p><i>“Na verdade a escola é muito esse convívio social, e... E nesse sentido às vezes o assistente de alunos tem até mais contato, tem mais oportunidade de formar o estudante, do que o professor por exemplo [...] Conseguir ter um diálogo mais aberto com o estudante, consegue detectar determinadas questões que podem ser problemáticas, e aí nesse sentido, consegue interferir [...] Perceber o aluno numa camada mais profunda. Numa camada mais profunda social, humana.” P1</i></p> <p><i>“Eu acho que poderia contribuir se esse assistente de alunos, por exemplo, é... Conseguir assim, é... Compreender melhor como é que tem sido algumas questões vividas pelo aluno no contexto escolar, que às vezes foge à sala de aula né, óbvio né... Tá em torno, e essa convivência deles, e conseguir conversar com esses alunos a respeito.” P6</i></p> <p><i>“Os assistentes de alunos eles têm uma relação próxima, porque é uma relação também de um modo geral mais informal, então eles têm um... Estabelecem algumas relações de confiança com os meninos entende.” P7</i></p>
	Observação e Orientação	<p><i>“Como o assistente de alunos consegue ter esse convívio maior com o estudante, consegue às vezes ter essa proximidade maior com o estudante, então consegue identificar, consegue identificar problemas, situações que podem impedir a permanência do estudante.” P1</i></p> <p><i>“O assistente de alunos quando ele é sensível ao aluno não é, ele... Ele percebe muitas vezes... Um... Um... Um... Comportamento diferenciado do aluno, e às vezes ele... Ele consegue até reverter uma evasão né, conversando com o aluno né, consegue é... Muitas vezes, entender um problema de um aluno né.” P2</i></p> <p><i>“Tem um contato maior com os alunos, consegue identificar problemas que os alunos porventura tenham.” P4</i></p> <p><i>“Então eu creio que o trabalho de vocês, principalmente se a gente tomar esse aspecto da prevenção, de evitar que os problemas aconteçam, eu acho que isso é um ganho importante porque se você consegue prever e evitar que o problema aconteça, o aluno não terá problema, não tendo problema ele fica na escola né [...] Essa coisa da... Do trabalho educacional que vocês fazem, do trabalho preventivo né, de orientação... De pegar na mão mesmo do aluno e dizer: você tem que ir por aqui, você tem que fazer isso, você tem que pensar no que você tá fazendo não é.” P5</i></p> <p><i>“Acho que esse olhar atento do assistente previne questões de saúde, de você perceber um adoecimento... Físico, pode ser também né [...] Até mesmo questões mais complexas de saúde mental como perceber alguém que tá persistentemente triste, alguém que tá entrando muitas vezes ao banheiro, é... Perceber às vezes, é... Indícios de que tá usando alguma substância, que usou álcool, tende assim... É... Perceber que alguém não</i></p>

		<p><i>tá bem, porque percebeu que brigou com o namorado ali do lado de fora.” P7</i></p> <p><i>“Porque eu acho que a figura de um servidor que tá próximo do aluno, que o aluno se sente à vontade para chegar na sala e questionar sobre um professor que faltou, ou pra perguntar alguma coisa, pra dizer que precisa de alguma coisa na instituição, essa figura ajuda na permanência porque ela é um ponto que faz com que os alunos se sintam alunos da instituição, se sintam parte da instituição na verdade.” P8</i></p>
	Mediador	<p><i>“Identificando [problemas], o quê que ele faz? Ele vai agir, vai atuar e vai buscar auxílio.” P1</i></p> <p><i>“Servir como intermediador com a escola, não só com os professores, mas com o médico, com o psicólogo...” P4</i></p>

**Apêndice X - Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos docentes
(dimensão de relacionamento docente com o assistente de alunos e a família dos
estudantes)**

Análise de conteúdo - representações de docentes do IFRN Campus Natal Cidade Alta sobre a dimensão de relacionamento docente com o assistente de alunos e a família dos estudantes (informações recolhidas através de entrevistas realizadas pela pesquisadora em julho de 2019)

Dimensão: Relacionamento docente com o assistente de alunos e a família dos estudantes		
Definição: Nessa dimensão são abordados os aspectos do relacionamento do docente com os assistentes de alunos e com as famílias desses estudantes.		
Categorias	Subcategorias	Trechos das respostas dos docentes
Relacionamento do docente com assistente de alunos	Conflito	<p><i>"Já vi... Também [...] Professores que reclamam dos assistentes de alunos." P2</i></p> <p><i>"Eu já vi alguns professores tendo atrito com assistentes de alunos aqui na escola e eu acho que isso não é saudável, nem é saudável pro professor, nem é saudável pro assistente, nem é saudável pra escola, nem é saudável pro aluno, porque cria um clima de animosidade e mau querência." P5</i></p> <p><i>"Acontece alguns atritos porque muitas vezes a função do assistente de aluno é cobrar algumas coisas que professores por exemplo não ajudam nessa cobrança [...]Essa não unidade de entendimento sobre algumas coisas pode gerar conflitos. Vejo que alguns professores também... Tem uma certa resistência porque encara o assistente de aluno também como uma parte da pedagogia, e eles têm uma resistência de como a pedagogia, o setor pedagógico, o assistente de aluno tá ali meio que pra punir, pra dizer o que o professor tá fazendo errado. Mas eu acho que é porque eles têm uma ligação diferente com o estudante." P8</i></p>
	Parceria	<p><i>"Eu entendo que o assistente de aluno é... É um parceiro. É um parceiro do ensino. É um parceiro da aprendizagem. É um parceiro da permanência e do êxito do aluno." P2</i></p> <p><i>"Eu creio que deva haver uma... Uma... Uma colaboração mais... Digamos assim, sempre muito próxima, entre o professor e o seu assistente, porque o trabalho de um depende do outro e vice-versa. E esse trabalho tem que ser harmônico não é?" P5</i></p>
	Relacionamento distante	<p><i>"O próprio planejamento escolar deveria envolvê-lo, sendo o profissional que visualiza melhor o quadro geral situacional dos estudantes dentro da comunidade escolar. E acho então que a própria gestão da... Do setor acadêmico da escola deveria incluir os profissionais na parte estratégica do planejamento inclusive." P3</i></p> <p><i>"Eu acho que a interação tá ocorrendo de forma até um pouco tímida, que poderia ser melhorada ainda mais. É... Por exemplo, nas reuniões de grupo [referência às reuniões quinzenais que ocorrem entre os professores e a equipe técnico-pedagógica] não se tem a presença do assistente de alunos, que deveria ter... Pra relatar algum problema, pra contribuir com os educadores." P4</i></p> <p><i>Eu acho que a gente interage pouco, eu acho que talvez poderia ter mais [...] Eu acho que assim, não existe uma relação nossa de, é... Reflexão sobre o cotidiano desses alunos, sobre questões que eles vivenciam ou que tá acontecendo, como é que eles estão, talvez... Talvez vocês devam ouvir coisas que eles falam e tal, que sabem... Que talvez compartilhando com alguns professores isso poderia contribuir com alguma coisa né, eu acho que uma atuação mais ativa e mais participativa mesmo né, mais</i></p>

		<p><i>presente no fazer né... Educacional entendeu? Nessa parte pedagógica mesmo. E eu não... Não percebo isso." P6</i></p> <p><i>"Eu ainda acho a relação com o professor muito distante. Eu não sei se é distante também de outros, mas falando como professora eu queria conversar mais, eu queria saber mais a percepção de vocês sobre determinada turma que eu tô dando aula, se tem algum estudante que vocês podem tá particularmente preocupados porque o estudante tá muito ausente, e eu posso não tá percebendo porquê." P7</i></p>
Relacionamento docente com a família dos alunos	Relacionamento à distância	<p><i>"Hoje todo mundo sabe o whatsapp [aplicativo de mensagens instantâneas] de todo mundo não é? Não é segredo. Então, o pai contata professor pelo whatsapp, quando tem uma dúvida, se vai ter aula ou se não vai, desde questões mínimas assim, talvez nem precisasse contatar... Até situações maiores, problemas de separação e isso de algum modo tá repercutindo no filho [...] Esses meios aí, whatsapp hoje facilita muito essa... Aproxima muito o contato." P1</i></p> <p><i>"Elas nem sempre estão presentes fisicamente mas elas estão no whatsapp, então é bom porque... Eu nem tenho muitas informações delas em relação aos filhos, mas eu fico com um contato quando os pais vêm à escola, então isso é positivo, mas eu ainda acho muito incipiente." P7</i></p>
	Relacionamento distante e/ou ausente	<p><i>"Tem pais de alunos, que aluno entra aqui e passa quatro anos no Instituto, seis anos no instituto, e a gente não sabe nem quem é o pai nem quem é a mãe. Não é. E aí é a maioria." P2</i></p> <p><i>"Eu vejo a relação professor-família dos alunos limitada a uns poucos momentos, que são os momentos de Reunião de Pais." P3</i></p> <p><i>"Só tenho contato com a família dos alunos nas reuniões dos pais. É... Muito difícil um pai vir me procurar, muito difícil, muito raro mesmo." P4</i></p> <p><i>"Precisava ser mais estreita, acho que precisa estreitar mais as relações com as famílias, né... Pra gente perceber melhor como é que são as coisas e tal, eu acho que isso é importante." P6</i></p> <p><i>"Eu acho ainda distante sabe, é... Em que momentos a gente se aproxima da família? Nos dias das reuniões de pais né, de fato é um dia que a gente circula, a gente tá por ali." P7</i></p> <p><i>"As famílias de alunos mais problemáticos, mais carentes ou que precisam de um olhar mais cuidadoso, é... Não são próximos dos professores e acredito que não sejam próximos da escola. Mas acredito que, pelo menos aqui no campus, é... A assistência de aluno também recebe um pouquinho dessa carga. Talvez porque são nomes recorrentes na casa deles." P8</i></p>
	Momentos de relação com a família necessitam ser repensados	<p><i>"Essas reuniões não têm... O melhor modelo, mas eu acho que o modelo praticado hoje também ele não favorece a interação, sendo que a participação dos pais é baixa." P3</i></p> <p><i>"Eu acho que o modelo de... De relação pais, alunos, escola, esse modelo tem que ser repensado. Até porque a gente aqui não tá em uma guerra, não é um contra outro, a gente tá num processo de integração, a gente... A gente não pode pensar que pai de aluno tá aqui, e professor tá aqui, e aqui tem uma guerra no caminho." P5</i></p> <p><i>"Acho que a gente precisaria de mais espaço pra conviver com os pais [...] Então, tem como fazer mais coisa pra que a gente possa ter mais</i></p>

		<i>oportunidade, não só os professores, os servidores de um modo geral, ter mais oportunidade de conviver com esses pais." P7</i>
--	--	---

**Apêndice XI - Análise de conteúdo às entrevistas concedidas pelos docentes
(dimensão de reflexão sobre o papel e o termo assistente de alunos)**

Análise de conteúdo - representações de docentes do IFRN Campus Natal Cidade Alta sobre a dimensão de reflexão sobre o papel e o termo assistente de alunos (informações recolhidas através de entrevistas realizadas pela pesquisadora em julho de 2019)

Dimensão: Reflexão sobre o papel e o termo assistente de alunos		
Definição: Enquadramento de aspectos ligados ao papel efetivo desse profissional na instituição e opiniões sobre a adequação ou não do nome ao cargo.		
Categorias	Subcategorias	Trechos das respostas dos docentes
Papel do assistente de alunos	Acompanhamento e apoio ao processo educacional na escola	<p><i>"Acompanhar o processo de ensino-aprendizagem que acontece na escola, apoiando os estudantes, e também apoiando ao outro ponto né, que seriam os docentes e outros setores, como o próprio setor pedagógico." P1</i></p> <p><i>"Parceiro da educação, da permanência e do êxito do aluno na escola." P2</i></p> <p><i>"É a pessoa que tá ali pra... Pra viabilizar o trabalho acadêmico do professor." P5</i></p> <p><i>"Acompanhar o desenvolvimento dos estudantes." P7</i></p>
	Mediador entre aluno e escola	<p><i>"Papel de mediação [...] Considerando ser um profissional que deve ter um contato diário com todos os estudantes, eu acho que esse setor é responsável... É... É responsável inclusive por detectar, é... Problemas ou futuros problemas de evasão. É... É um setor que penso que tem esse diálogo direto com os estudantes." P3</i></p> <p><i>"Ele é um elo de ligação para dar apoio aos alunos para interagir com a escola," P4</i></p>
	Controle	<p><i>"Pra mim tem uma conotação muito forte do controle, de controle social, de controlar, de ver como é que tá, se tá não sei, se tá seguindo as normas, se não tá, se tá fazendo alguma coisa errado, né... Isso é o que eu vejo que pra mim é o que acontece." P6</i></p> <p><i>"Sempre que eu penso no assistente de aluno eu penso muito em questões disciplinares. Ai de novo, não com esse termo negativo, um peso... Uma carga negativa, mas de auxiliar e colocar ordem nas coisas." P8</i></p>
Nomenclatura assistente de alunos	Termo restritivo	<p><i>"É um termo que deixa a compreensão do... Da função, do cargo, desse profissional, muito restritiva, muito vinculada à... À questão do aluno." P1</i></p> <p><i>"Porque eu creio que o trabalho de vocês é um trabalho muito maior do que assistir alunos." P5</i></p> <p><i>"Parece dando assistência e tal... Ao aluno, não sei... Não sei se é bem isso também. Deveria lembrar mais a questão do processo educacional como um todo, e não só ao aluno, porque quando... Assim muito essa coisa do aluno, é como se tivesse né, o foco voltado muito ao que os alunos... Por isso eu acho que talvez até que acontecia isso, os alunos... Fica muito o que os alunos tão fazendo, como é que tá sendo né. Sem pensar a questão do pedagógico, a questão da aprendizagem né, das relações que envolvem aqui." P6</i></p> <p><i>"Assistente fica muito... Parecendo que é um funcionário do aluno." P7</i></p> <p><i>"Eu não acho que vocês são só assistentes de aluno, eu acho muito fechado sabe esse... Esse termo." P8</i></p>

	<p>Além da assistência ao estudante</p>	<p><i>“Assistente pode dar uma idéia de... De passividade, de tá aqui pra cumprir determinações apenas, sem refletir tanto... Como a idéia de ‘de alunos’ amarra apenas um componente aí do processo.” P1</i></p> <p><i>“Assistente ao ensino. Talvez... Entendeu? Porque não é só ao aluno essa assistência não é. É também ao professor.” P2</i></p> <p><i>“Acredito que o assistente deveria ser mais um técnico e não um assistente.” P4</i></p> <p><i>“Vocês assistem à escola, vocês são olhos, ouvidos, pés, mãos... Da escola. Então vocês têm... Eu acho que esse nome é inadequado, é impróprio, para o tamanho da responsabilidade, para o tamanho do trabalho, para o tamanho do... Dos encargos que vocês assumem.” P5</i></p> <p><i>“Acho que poderia ser um termo que não desse essa conotação de controle, que desse uma conotação de apoio, de suporte, de acompanhamento, de orientação.” P7</i></p> <p><i>“Eu acho que apoio acadêmico ou alguma coisa mais abrangente, porque... É isso, eu acho que não é só assistente de aluno. Acaba sendo do professor também. Acaba sendo da pedagogia, e acaba fazendo parte desse... Sei lá... Dessa direção de ensino.” P8</i></p>
--	---	---

Apêndice XII - Análise de conteúdo às justificativas dadas pelos discentes sobre a contribuição do assistente de alunos para a permanência do estudante

Análise de conteúdo - representações de discentes do IFRN Campus Natal Cidade Alta sobre a Contribuição do assistente de alunos para a permanência do estudante na instituição (informações recolhidas através de inquérito por questionário aplicado eletronicamente em agosto de 2019)

Contribuição do Assistente de alunos para a permanência do estudante		
Definição: Enquadramento de aspectos que analisam a relação entre a atuação do assistente de alunos e a permanência do estudante na instituição educativa.		
Categorias	Subcategorias	Trechos das respostas dos discentes
Não há contribuição para evitar evasão estudantil	Profissionais que não auxiliam quando são solicitados	<i>"Não me ajudaram em nada."</i> <i>"Toda vez que procurei uma informação, nunca tive retorno."</i>
	Falta de participação ativa do profissional	<i>"Os assistentes de alunos deveriam ser mais ativos na instituição."</i>
Atuação indiferente para a evasão estudantil	Não há influência positiva nesse aspecto especificamente	<i>"A ação do assistente de alunos contribui de forma positiva na escola em geral, mas para minha permanência é indiferente."</i> <i>"Eu acredito que é importante ter essas pessoas disponíveis, mas não sei dizer se elas contribuem para a minha permanência na escola."</i> <i>"A ação do assistente interfere em muito pouco na minha vida escolar, logo é algo muito indiferente..."</i>
	Contribui apenas para estudantes específicos.	<i>"Na minha [permanência] particularmente não há influência deles, mas sei que na de outros alunos contribui bastante."</i> <i>"Para a minha permanência não faz muita diferença, mas sei que é muito necessário para outras pessoas."</i>
	O aluno não precisa recorrer ao assistente de alunos	<i>"Eu nunca procuro o assistente."</i> <i>"Não tenho tanto contato."</i> <i>"Eu não recorro muito à assistência de alunos, então é indiferente para mim."</i> <i>"Não utilizo muito dos serviços para poder dar uma opinião mais consistente."</i> <i>"Acho que não interfere tanto pra minha permanência, não tenho muito contato."</i>
Há contribuição para evitar evasão estudantil	Orientação	<i>"Se não fosse um assistente de alunos, talvez muitas pessoas fariam perdidas quanto a tudo."</i> <i>"Porque o assistente de aluno ajuda o aluno em várias questões como pessoal e escolar."</i> <i>"Recebemos orientações e conselhos frequentemente"</i> <i>"Necessitamos destes profissionais para conseguirmos nos orientar em ambiente escolar."</i> <i>"Pois os assistentes de alunos são como uma bússola nos dando a direção certa."</i> <i>"Eles ajudam a resolver questões."</i>

		<p><i>“Por experiência própria, na maioria das vezes em que o assistente de alunos não está presente ficamos sem saber o que fazer e a quem se dirigir.”</i></p> <p><i>“Quando estou com problemas, dúvidas etc. a primeira pessoa que vou recorrer é ao assistente de alunos e sempre me ajudam!”</i></p> <p><i>“A presença de um profissional específico para ajudar e orientar o aluno de forma compreensiva é crucial para o bom desempenho acadêmico.”</i></p> <p><i>“Eu acredito que a ação dos assistentes de alunos contribui para a permanência de um aluno na escola pois os assistentes costumam quase sempre esclarecer as regras e o funcionamento da escola para os estudantes.”</i></p> <p><i>“Eles ajudam a resolver questões.”</i></p> <p><i>“Por meio do assistente de alunos, o discente fica sempre ‘antenado’.”</i></p> <p><i>“Ajuda os alunos a conhecer mais sobre coisas não ‘claras’ da escola, e também com questões pessoais.”</i></p> <p><i>“Devido a orientação.”</i></p> <p><i>“É uma ajuda importante quando se precisa de orientação.”</i></p> <p><i>“[...] é o nosso meio de ajuda.”</i></p> <p><i>“[...] eu considero o fato de termos esse ‘apoio’, essas pessoas a quem podemos recorrer, importante na nossa permanência na escola.”</i></p> <p><i>“Pois eles são responsáveis por nos instruir em alguns pontos no nosso caminho da educação.”</i></p> <p><i>“Servem como um ‘guia’ para os alunos.”</i></p> <p><i>“Conheço muita gente que mudou de ideia por uma simples conversa com essas pessoas.”</i></p>
	Cumprimento de normas	<p><i>“Nós precisamos de uma pessoa que possa sempre estar no nosso pé para nos chamar atenção, eu penso que se não tivesse as assistentes nós poderíamos estar fazendo algumas besteiras que levassem a suspensão ou até mesmo a expulsão.”</i></p> <p><i>“Eles auxiliam para que eu siga de forma correta as normas da escola.”</i></p> <p><i>“Questões [tratadas pelos assistentes de alunos] como matérias, farda e outras coisas contribuíram para meu desempenho acadêmico.”</i></p> <p><i>“Ajudam a manter a ordem dos alunos na escola.”</i></p> <p><i>“Pois o assistente faz com que permanecemos de uma forma correta no Campus dando uma assistência sempre que necessário.”</i></p> <p><i>“É o assistente de alunos que nos orienta a respeito dos nossos direitos e deveres enquanto alunos da instituição.”</i></p>
	Incentivo	<p><i>“Os assistentes de alunos são pessoas que se preocupam com a sua situação e te incentivam a permanecer.”</i></p>

		<p><i>"Por conta da motivação ao aluno."</i></p> <p><i>"Nas conversas pessoais, a assistente de alunos me faz refletir sobre questões gerais e específicas que caracterizam permanecer ou não na instituição. No geral, motiva e apoia!"</i></p> <p><i>"É uma forma de nos ajudar e até mesmo nos incentivar."</i></p> <p><i>"O principal motivo é que a assistência me cobra e motiva a não faltar aula, mostrando que devo usufruir o máximo da educação que o instituto tem a oferecer."</i></p> <p><i>"Cause I fell more comfortable in be here because of them."</i></p> <p><i>"Pois quando somos bem acolhidos gera mais dedicação da nossa parte."</i></p> <p><i>"Pois sempre ajuda e fica motivando a continuar."</i></p>
	<p>Acompanhamento e cuidado</p>	<p><i>"É importante ter alguém que se preocupa e é mais íntimo dos alunos."</i></p> <p><i>"Porque sei que no momento em que eu mais precisar vai ter alguém ali para auxiliar, instruir, corrigir e até ouvir."</i></p> <p><i>"A presença de alguém mais próximo, cobrando, buscando nos entender e ajudar é bom para nossa permanência. Para o professor, é difícil fazer esse papel."</i></p> <p><i>"O assistente de alunos é essencial. Às vezes os alunos precisam de um auxílio que não podem receber em casa, nem com professores, nem com os amigos. Eles são importantes."</i></p> <p><i>"São sempre atenciosos, procurando saber se estamos bem e acompanhando nosso desempenho escolar."</i></p> <p><i>"Às vezes por alguns motivos pensamos em desistir do curso obtendo assim um baixo percentual de frequência escolar, e quando o assistente percebe isso e chama o aluno pra conversar, pra entender melhor a situação, o aluno se sente acolhido e escolhe continuar a frequentar a escola."</i></p> <p><i>"Me auxilia em muitos aspectos nos quais preciso de ajuda!"</i></p> <p><i>"Eu acho que fazem parte do dia a dia dos alunos de forma ótima."</i></p> <p><i>"precisa de alguém, como por exemplo O 'assistente de aluno' para te ajudar em algo ou apoiar no que é necessário."</i></p> <p><i>"Os assistentes de alunos nos fazem sentir mais seguros e atendidos."</i></p> <p><i>"Pois eles atuam como profissionais capazes de contribuir com o bem-estar do aluno no Campus, além de poderem encontrar soluções."</i></p> <p><i>"O aluno é um ser humano em desenvolvimento. Logo, o papel de um assistente estudantil se faz de grande importância no auxílio desse desenvolvimento."</i></p> <p><i>"Pois muitos alunos não têm assistência em casa."</i></p> <p><i>"Faz com que os alunos fiquem mais seguros com a escola."</i></p>

	<p><i>“Os assistentes muitas vezes auxiliam os alunos não só com assuntos relacionados à escola, mas também sobre assuntos pessoais, e creio que os alunos se sintam até mais confortáveis conversando abertamente com os assistentes de alunos, do que tendo que marcar um horário em um dia específico em algum outro setor.”</i></p> <p><i>“Pois um tratamento de boa qualidade e de forma atenciosa contribuem para a minha permanência no IFRN.”</i></p> <p><i>“Porque são atentos aos alunos.”</i></p> <p><i>“A presença de uma figura mais pessoal, próxima e presente nas necessidades do dia a dia é um fundamental para um ambiente escolar como esse.”</i></p> <p><i>“Com a contribuição das assistentes de alunos, eu acabo me sentindo mais assistida e acolhida, com isso faz com que eu me sinta mais confortável nos aspectos gerais.”</i></p>
Criação de um vínculo com a escola	<p><i>“Acredito q um assistente de alunos ajuda não apenas na formação acadêmica dos alunos, ajudam a criar vínculo afetivo com a escola e com o profissional e a administrar melhor suas atividades.”</i></p> <p><i>“Contribui para o sentimento de pertencimento.”</i></p> <p><i>“Um vínculo emocional com a escola.”</i></p> <p><i>“Acredito que a maioria das instituições falham criando um abismo entre os docentes e discentes. No IF, pude ter uma sensação de proximidade com outros cargos e acho que isso foi devido à proximidade e sensação de liberdade com alguns assistentes de alunos.”</i></p> <p><i>“A presença do assistente de alunos deixa tudo mais fácil e mais acessível, deixando os diversos sistemas da escola extremamente mais simples.”</i></p> <p><i>“Porque eles fazem um bom trabalho e fazem o aluno se sentir acolhido na escola.”</i></p> <p><i>“É um cargo mais próximo do aluno, que possibilita a ligação com todas as outras equipes (direção, pedagogia, etc.).”</i></p> <p><i>“Às vezes confio mais na assistente de alunos do que em outras pessoas e isso me leva a conversar sobre dias difíceis dentro do IF.”</i></p>

Anexo I – Carta de anuência do IFRN



Ministério da Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
REITORIA
REITORIA

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, NATAL / RN, CEP 59015-300

Carta de Anuência 9/2019 - RE/IFRN

11 de julho de 2019

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Marcos Antônio de Oliveira, matrícula Siape nº 1164548, Reitor em Exercício do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, localizado no endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol – Natal/RN CEP: 59015-300, venho através deste documento, conceder a anuência para a realização da pesquisa intitulada **"A dimensão educativa do assistente de alunos: o papel desse profissional na formação do corpo discente da Escola"**, no âmbito deste Instituto Federal, submetida pela aluna Gabriela de Oliveira Cabral, sob a orientação da Pro^f Dr^a Maria Emília Pinto Vilarinho Rodrigues Barros Zão, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Educação, Área de Especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas, da Universidade do Minho.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução 466/12 CNS/MS;
- 2) A garantia do participante em solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Liberdade do participante de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalidade ou prejuízos.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento das determinações éticas propostas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS e suas complementares. O descumprimento desses condicionamentos assegura-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

Documento assinado eletronicamente por:

• Marcos Antonio de Oliveira, REITOR - SUB-CHEFIA - RE, em 11/07/2019 22:51:48.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 11/07/2019. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifrn.edu.br/autenticar_documento/ e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 129755

Código de Autenticação: a5de429dc



Anexo II - Declaração de autorização



Ministério da Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
REITORIA

Rua Dr. Néio Bezerra Ramalho, 1692, Timó, NATAL / RN, CEP 59015-300
Fone: (84) 4005-0788, (84) 4005-0750

DECLARAÇÃO 25/2019 - RE/IFRN

Declaro, para os devidos fins, que estou de acordo com a utilização do nome do INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE, por mim representado legalmente, nos termos do Decreto Presidencial de 15 de abril de 2016 (Diário Oficial da União Ano LVII N^o 73), na pesquisa intitulada "**A dimensão educativa do assistente de alunos: o papel desse profissional na formação do corpo discente da escola**", submetida pela aluna Gabriela de Oliveira Cabral, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Emília Pinto Vilarinho Rodrigues de Barros Zão, vinculada ao Programa de Mestrado em Ciências da Educação - área de Especialização em sociologia da Educação e Políticas Educativas da universidade do Minho/Portugal.

Márcio Adriano de Azevedo
Reitor em exercício
(assinado eletronicamente)

Documento assinado eletronicamente por:

• **Márcio Adriano de Azevedo, REITOR - SUB-CHEFIA - RE**, em 29/10/2019 17:33:17.

Este documento foi emitido pelo SUMP em 29/10/2019. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <http://sump.ifrn.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 156425

Código de Autenticação: 8107648965

